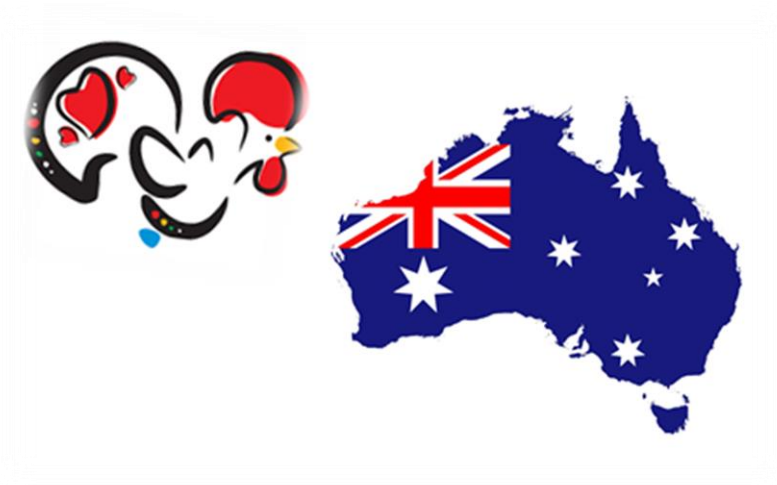


Portugueses pelo Mundo:  
a importância da diáspora portuguesa para a política  
cultural externa de Portugal.  
O caso Portugal-Austrália

**Raquel Filipa Mouta Amaral**

Orientador: Prof. Doutor Nuno Canas Mendes



Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
Em Relações Internacionais

Lisboa  
janeiro 2019

[WWW.ISCSP.U LISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.U LISBOA.PT)

## **Agradecimentos**

Esta dissertação foi possível e tornou-se mais fácil devido ao apoio de um conjunto variado de pessoas, pelo que gostaria de deixar aqui expresso o meu sincero agradecimento.

Não poderia deixar de agradecer à Embaixada da Austrália em Lisboa e a todas as pessoas fantásticas que lá trabalham, a quem tive o prazer de poder chamar colegas. Obrigada por todo o apoio e pela amizade.

Um agradecimento muito especial ao Dr. Paulo Domingues, a sua colaboração foi essencial para a realização desta investigação. Muito obrigada pela sua disponibilidade e boa vontade.

À Dra. Marisa Gonçalves, agradeço a sua disponibilidade e conselhos, a sua orientação inicial foi essencial.

À Sra. Beatriz Wagner um agradecimento especial por dispensar um pouco do seu tempo para responder às minhas questões.

Ao prof. Nuno Canas Mendes, o meu orientador. Um muito obrigada pela paciência, pela persistência e por me ajudar a encontrar o caminho.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento muito especial à minha família e amigos que me acompanharam ao longo de todo este percurso. Obrigada pelo vosso apoio incondicional.

**NOME:** Raquel Filipa Mouta Amaral

**MESTRADO EM:** Relações Internacionais

**ORIENTADOR:** Prof. Doutor Nuno Canas Mendes

**DATA:** 26 setembro 2018

**TÍTULO DA TESE:** Portugueses pelo Mundo: a importância da diáspora portuguesa para a política cultural externa de Portugal. O caso Portugal - Austrália

## **RESUMO**

Este trabalho de investigação tem como objetivo estudar a importância da diáspora portuguesa na política externa de Portugal e no desenvolvimento de relações numa vertente bilateral, incidindo sobretudo sob o eixo cultural, e considerando um caso concreto: o caso Portugal - Austrália. Partindo do plano geral para o particular, começa por apresentar um estudo da política externa portuguesa, desde os seus três eixos históricos até ao quarto eixo: o das comunidades. É ainda considerada uma ferramenta essencial, a diplomacia, e explorado um conceito atual aplicado ao tema do trabalho: a diplomacia pública. O estudo aqui exposto dá ênfase ao vetor cultural sendo também apresentada uma breve análise da política cultural externa de Portugal. Por fim, é apresentado o caso de estudo: a comunidade portuguesa na Austrália aplicada à análise das relações bilaterais Portugal – Austrália. Neste último capítulo, analisam-se as dinâmicas de organização civil enquanto ações de promoção cultural considerando o Estado português e a comunidade portuguesa aliados na promoção de Portugal.

**Palavras Chave:** política externa portuguesa; ação cultural externa; diplomacia cultural; diplomacia pública; relações bilaterais Portugal-Austrália; comunidade portuguesa na Austrália.

**TÍTULO DA TESE EM INGLÊS:** Portuguese around the World: The Importance of the Portuguese Communities for Portugal's Cultural Foreign Politics. The case for Portugal-Australia relations

### **ABSTRACT**

This research paper aims to study the importance of the Portuguese diaspora in the foreign policy of Portugal and the development of relations in a bilateral aspect. It focuses mainly on the cultural axis and considers a specific case: the Portugal-Australia case. Starting from a general plan, ending with a specific one, it begins by presenting a study of the Portuguese foreign policy, from its three historical axes to the fourth axis: that of the communities. It also goes through the analysis of an essential tool, diplomacy, and exploration of a current concept applied to the main topic: public diplomacy. The study outlined here gives emphasis to the cultural aspect, for this reason is presented a brief analysis of the foreign cultural policy of Portugal. Finally, the study case is brought out: the Portuguese community in Australia applied to the analysis of the Portugal – Australia bilateral relations. In this last chapter, I analyze the dynamics of civil organization as cultural promotion actions considering the Portuguese State and the Portuguese community allies in the promotion of Portugal.

**Keywords:** Portuguese Foreign Politics; Portuguese Cultural Foreign Politics; Cultural Diplomacy; Public Diplomacy; Portugal-Australia bilateral relations; Portuguese community in Australia.

## Índice

Agradecimentos .....	I
RESUMO .....	II
ABSTRACT .....	III
Introdução .....	6
Enquadramento Teórico.....	8
i. As Relações Internacionais à luz das teorias .....	8
ii. Política externa .....	10
iii. Diplomacia.....	12
Metodologia .....	17
Capítulo I – Enquadramento da Política Externa Portuguesa.....	21
1. Os três eixos da Política Externa de Portugal.....	22
1.1. Atualidade: três eixos mais um.....	24
1.1.1. O quarto eixo da Política Externa de Portugal .....	28
2. Diplomacia Portuguesa.....	34
2.1. Diplomacia Pública .....	36
Capítulo II – A política cultural externa portuguesa .....	39
1. Camões – Instituto de Cooperação e da Língua, I.P.....	41
Capítulo III – “Canais” oficiais e informais na política externa: o caso Portugal - Austrália .....	45
1. Relações Bilaterais Portugal-Austrália.....	45
1.1. Ação cultural externa portuguesa na Austrália: “canais” oficiais.....	47
2. A comunidade portuguesa na Austrália: “canais” informais.....	50
3. Representações do Estado e Comunidade: aliados na promoção cultural.....	56
Conclusão .....	59
Bibliografia .....	61
Referências eletrónicas .....	63

Anexos .....	69
a) Entrevista a S. E. o Cônsul-Geral de Portugal em Sidney Dr. Paulo Domingues 69	
b) Formulário do questionário em inglês: “The Portuguese and the Portuguese Culture in Australia” .....	78
c) Formulário do questionário em português: “Os portugueses e a cultura portuguesa na Austrália” .....	82
d) Questionário: Resultados .....	87

## Introdução

A política externa portuguesa é o resultado da história de Portugal, uma das nações mais antigas da Europa. Há mais de quarenta anos que são três os eixos que estão na base da política externa portuguesa, contudo, parece ter emergido um quarto eixo que poderá estar a crescer em importância e ter relevância no desenvolvimento das relações externas do país: a diáspora portuguesa. Esta é uma diáspora heterogénea, significativa e global, estando espalhada por todos os cinco continentes. Nesta dissertação, apresento um estudo da importância da diáspora portuguesa na política externa de Portugal e no desenvolvimento de relações numa vertente bilateral, considerando um caso concreto: o caso Portugal-Austrália.

Partindo de uma abordagem generalizada, este trabalho de investigação começa por apresentar um estudo sintético da política externa portuguesa, com incidência no tema da política cultural externa e explorando um conceito da atualidade que é o da diplomacia pública. Este foco cultural prende-se com a minha formação prévia e também porque, enquanto investigadora, considero a vertente cultural o vínculo mais importante e que mantém de forma mais sólida uma ligação entre os emigrantes portugueses e Portugal. A diplomacia pública é aqui considerada uma importante ferramenta que pode ser usada para chegar a essa população, mas também por essa população. É ainda possível encontrar neste trabalho uma apresentação da diáspora portuguesa, numa tentativa de caracterizá-la e de tentar perceber a posição do Estado para com as comunidades. Assim, este trabalho tem como objetivo geral estudar a diáspora portuguesa e a política externa de Portugal, começando por explorar respostas para as seguintes questões de partida: fazem as comunidades portuguesas parte dos interesses expressos na política externa portuguesa? será do interesse do Estado português estabelecer relações com países onde existem grandes comunidades portuguesas? que papel pode desempenhar a diáspora na política externa Portugal?

Como disse no início desta apresentação, o caso Portugal-Austrália é o caso de estudo desta dissertação. Este é um caso que interessa porque existe uma comunidade portuguesa significativa na Austrália, comunidade essa que está longe de Portugal, mas parece manter uma ligação forte com o país de origem. Considerando as relações bilaterais modestas e os emigrantes portugueses na Austrália um ponto em comum, questiono-me se poderá este ponto comum potenciar o aprofundamento das relações bilaterais.

É no terceiro e último capítulo que está exposto o caso de estudo. Pretende-se caracterizar a comunidade e explorar as suas formas de organização e expressão das suas raízes

culturais no país que escolheram para trabalhar e viver, e averiguar que papel podem ter essas dinâmicas. Apesar da distância - física e não só - de Portugal, a comunidade não deixou “morrer” as suas raízes linguísticas e culturais, criou formas de as conservar e transmitir, formas de reencontro e união procurando manter, diga-se, um espaço português na Austrália presente, por exemplo, no associativismo. Para o estudo e construção deste caso de estudo parto de mais duas questões: Considerando a comunidade portuguesa na Austrália, as suas formas de organização civil e as ações do Estado, podem as dinâmicas dos portugueses na Austrália preencher as lacunas da ação cultural externa portuguesa nesse país? será que o Estado português e a comunidade podem ser aliados na promoção cultural externa de Portugal?



## **Enquadramento Teórico**

Não obstante o lugar central que o ator estado continua a ocupar nas relações internacionais, hoje em dia, as interações do complexo e dinâmico sistema internacional são protagonizadas por uma diversidade de atores. Pelo que, nesta dissertação, considero dois atores internacionais: o estado e os indivíduos. Além de me propor a estudar a política externa de Portugal, proponho-me a estudar o papel da diáspora portuguesa, mais concretamente a comunidade portuguesa residente na Austrália, na política externa do ator estatal mencionado na sua vertente bilateral – relações Portugal-Austrália. Para tal, esta investigação tem como base duas teorias das Relações Internacionais.

### **i. As Relações Internacionais à luz das teorias**

Do espectro das teorias internacionalistas, o Realismo e o Construtivismo são as duas linhas teóricas que mais se adequam a este trabalho de investigação. Começarei por expor a teoria realista.

O Realismo considera que o estado - um ator racional e unitário - continua a ser o ator central das relações internacionais (Mingst, 2004, p. 65). Este ator, “cuja ação se subordina aos imperativos do interesse nacional” (Mendes, et al., 2014, p. 441), tem autonomia relativa no processo de decisão devido aos limites que lhe são impostos pelos outros estados no sistema internacional, sistema esse que é anárquico devido à inexistência de um poder central (Mingst, 2004, p. 65).

O poder é um conceito fulcral da teoria realista, sendo que continua a estar no centro do desenvolvimento das relações internacionais. Na conceção de Hans Morgenthau, poder é sinónimo de interesse nacional e é o principal fim da política externa de um estado (Morgenthau, 2006). No geral, o pensamento realista considera que o poder se mede de acordo com a capacidade de um agente de projetar a sua influência no sistema internacional.

A teoria realista revela-se adequada a esta investigação na medida em que me proponho estudar a política externa portuguesa. Partindo do princípio de que esta está subordinada ao interesse nacional português e é a expressão das interações e ações de Portugal no plano internacional, sendo Portugal um estado e ator das relações internacionais. Também como

defendido pela teoria realista, considero que, sobretudo para um país como Portugal<sup>1</sup>, o poder se manifesta pela capacidade de projetar a sua influência no sistema internacional. Capacidade esta que está expressa nas aptidões diplomáticas do país. Ademais, exploro também outra realidade que é o potencial das comunidades portuguesas nesta tarefa de projeção do estado Português. É nesta senda que entra a teoria construtivista, por não considerar apenas o ator estatal e considerar a relevância de um outro ator, a diáspora portuguesa. Pelo que, em seguida, irei apresentar de forma sucinta a teoria construtivista.

O Construtivismo é mais recente do que a teoria realista, é uma teoria que explora fenómenos subnacionais de modo a explicar dissonâncias no comportamento dos povos, estados e mercados. Enquanto a teoria realista se foca nos aspetos materiais como o poder militar e económico, a teoria construtivista considera o fator cultural, o nacionalismo e a identidade alguns dos aspetos críticos que determinam parcialmente as respostas políticas dos estados (Connors *et al*, 2005).

Distintamente da teoria realista, a teoria construtivista considera o indivíduo um ator tão ou mais relevante. Esta teoria afirma que o comportamento dos estados é influenciado por crenças, identidades e normas sociais que, em conjunto com as práticas dos indivíduos e das comunidades em que estes se organizam, constituem o objeto de estudo do Construtivismo (Mingst, 2004, pp. 74-75).

Por outro lado, também os construtivistas consideram o poder um fator central das relações internacionais, não em termos materiais, mas sim em termos discursivos, atribuindo considerável importância ao poder das ideias, da cultura e da língua (Mingst, 2004, pp. 75-76). Nesta senda, o Construtivismo recorre à análise do discurso – através de entrevistas, análise de textos, investigação de práticas locais, etc. – para responder a questões e problemas internacionais e analisa ainda a cultura e práticas sociais para traçar o impacto das ideias nas identidades (Mingst, 2004, p. 76). Esta informação última serve de introdução à justificação da relevância desta linha teórica para este trabalho de investigação.

A teoria supramencionada adequa-se à investigação aqui apresentada, pois além de considerar os indivíduos atores relevantes das relações internacionais, considera as práticas dos indivíduos e das comunidades. Em concreto, nesta dissertação são consideradas as dinâmicas

---

<sup>1</sup> Um país que não é uma potência na tradicional acessão da palavra, é pequeno em tamanho físico e está ainda a sofrer consequências das recentes crises económica e financeira pelas quais foi abalado.

da diáspora portuguesa, e, em específico, da comunidade residente na Austrália. Acresce a análise da influência e o potencial impacto<sup>2</sup> das mesmas na política externa portuguesa, sobretudo numa vertente cultural. Na linha das características da teoria, para a realização desta investigação recorri a vários discursos políticos, textos e entrevistas para responder às perguntas de partida apresentadas. Neste trabalho de investigação os conceitos diáspora e comunidades portuguesas são sinónimos e referem-se à sociedade civil transnacional portuguesa, ou seja, aos portugueses que vivem fora de Portugal.

## **ii. Política externa**

Agora que expus as principais teorias internacionalistas, farei uma breve apresentação do ator estado e procederei à operacionalização dos conceitos: política externa, política cultural externa, diplomacia, diplomacia cultural e diplomacia pública.

Como foi apresentado anteriormente, o estado é um ator internacional e, como tal, interage com outros atores que podem ser estatais ou não. Essas interações desenvolvem-se a partir da sua política externa, “um conjunto de processos, decisões, e acções desenvolvidas pelos estados, desempenhadas por órgãos próprios através da utilização de recursos e de instrumentos específicos” (Santos, 2012, p. XIII).

Por outras palavras, a política externa articula um conjunto de interesses e valores, é um meio para um fim, sendo esse fim a promoção e defesa dos interesses nacionais de um determinado estado no plano internacional. Pode dizer-se que se desenvolve em dois níveis: interno e externo. A nível interno, na medida em que é formulada no contexto doméstico, é um conjunto de interesses e valores e converge várias políticas nacionais em torno de um eixo que é o interesse nacional. Desenvolve-se a nível externo ao ser implementada no plano internacional, com o objetivo de influenciar o sistema internacional a favor dos seus interesses.

Por estar expresso no Programa do XXI Governo Constitucional a importância de prestar auxílio, criar plataformas de contacto e apoio, e estabelecer e manter relações com a diáspora portuguesa, podemos afirmar que é do interesse de Portugal estabelecer relações com os países onde existem grandes comunidades portuguesas. Sendo este o caso da Austrália, por

---

<sup>2</sup> Sendo que impacto pode ser muito positivo e que a diáspora tem um grande potencial a ser explorado enquanto “bengala” da política externa portuguesa.

lá existir uma comunidade portuguesa de cerca de 60 mil residentes, é relevante olhar para as relações destes dois atores nesta perspetiva. Além disso, por estar também expresso no mesmo programa a faceta das comunidades portuguesas enquanto uma continuação de Portugal, é possível considerar que as mesmas podem ter um papel a desempenhar na política externa portuguesa.

Como referi, a política externa envolve um conjunto de instrumentos e técnicas essenciais à sua implementação. Para esta dissertação, os instrumentos que me interessam são a política cultural externa e a diplomacia e dentro das técnicas, a diplomacia bilateral. Irei explorar estes instrumentos e técnicas no contexto da política externa portuguesa, no geral, ao longo dos dois primeiros capítulos e, no particular, no contexto das relações bilaterais Portugal-Austrália, no último capítulo. Tal como a própria denominação indica, a política cultural externa consiste na promoção da cultura e língua de um país no estrangeiro. Esta é importante porque dá a conhecer um país ao mundo, aproximando mais as pessoas de fora da sua realidade e apelando à sua visita, investimento e até à aprendizagem da língua, por exemplo. Para esta dissertação, em concreto, importa porque o eixo cultural é a principal ligação entre Portugal e as comunidades portuguesas e um dos objetivos aqui expressos é perceber se as dinâmicas das comunidades podem ser consideradas ações de promoção, sobretudo da língua e cultura portuguesa e o papel que estas podem desempenhar na política externa portuguesa. É a cultura que unifica o país, que faz de Portugal o país que é e que mantém a ligação entre este e os seus nacionais espalhados pelo mundo. O cultural é o “único laço perene com Portugal, aquele que sobreviverá, será sempre o cultural (Moreira, 1981, pp.50).

Definir esse laço cultural e cultura em si pode ser difícil e, recorrendo ao bom ditado português, “dava pano para mangas”. Falar de cultura é complexo, mas eu vou tentar simplificar. Segundo a Declaração Universal da Diversidade Cultural da UNESCO, publicada em 2002, a cultura é “o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2002). Na mesma linha de pensamento, Raymond Williams afirma: “*culture is ordinary*” (Williams, 1958), na tradução literal, a cultura é ‘ordinária’. Ordinária no sentido de estar nas coisas mais simples, mais comuns e corriqueiras. A cultura são hábitos – beijar a cruz no domingo de Páscoa, ir à missa do galo na noite de consoada, ver o jogo de futebol ao domingo à tarde ou comer as sardinhas assadas nos Santos Populares - , é gastronomia – os pastéis de Belém, o cozido, o arroz de cabidela e os enchidos -, são também

estereótipos – o português chega sempre atrasado e teima em deixar tudo para a última, mas sabe bem receber - , é folclore – é o malhão de Cinfães, o bailinho da Madeira, os trajes domingueiro e o de trabalho e o som do triângulo e do cavaquinho - , é futebol e é baile de verão. A cultura é património material – o Mosteiro dos Jerónimos, a Universidade de Coimbra, a Torre dos Clérigos, a Torre de Belém e museus - e imaterial – o cantar alentejano, o fado e o Douro Vinhateiro. É cinema e literatura e é língua portuguesa. Tudo isto que mencionei são o que eu considero aqui neste trabalho algumas das características da portugalidade, da identidade cultural portuguesa que é o fator mais importante na ligação dos portugueses emigrantes ao seu país de origem. São as tradições como comer o bacalhau na noite de consoada, as tradições religiosas, a língua e até o futebol que os portugueses mantêm na sua vida mesmo vivendo fora de Portugal e é o que eles normalmente tentam passar aos seus filhos como herança cultural.

A cultura está na base da identidade nacional, é o que faz de nós portugueses, é o que nos une de norte a sul, do continente às ilhas e de Portugal a todos os cantos do mundo onde portugueses fazem as suas vidas. Já que promoção da arte, do ensino da língua, da cultura, da educação no estrangeiro e o intercâmbio de pessoas com outro país, são os principais exemplos de política cultural externa, o ensino da língua portuguesa na Austrália, a promoção e realização de eventos de ordem cultural e recentes acordos de mobilidade assinados entre os dois países, são alguns dos aspetos considerados neste trabalho para estudar as relações bilaterais. Estes aspetos serão ainda considerados no contexto da comunidade portuguesa na Austrália.

Diretamente relacionadas com a política cultural externa estão a diplomacia pública e cultural, técnicas do “mais importante instrumento da política internacional” (Moreira, 1996, p. 53): a diplomacia.

### **iii. Diplomacia**

A diplomacia é um “conjunto de práticas e de técnicas de relacionamento formalizado entre governantes de entidades sociopolíticas diferenciados” e “constitui um dos instrumentos matriciais da política externa” (Santos, 2012, p. 215). Segundo Calvet de Magalhães a “diplomacia pura” é “um instrumento da política externa, para o estabelecimento e desenvolvimento dos contactos pacíficos entre os governos de diferentes Estados, pelo emprego de intermediários, mutuamente reconhecidos pelas respectivas partes” (Santos, 2012, p. 215). Como já aqui foi referido, Adriano Moreira afirma que a diplomacia é “uma arte de

negociações, ou o conjunto de técnicas e processos de conduzir as relações entre Estados” (Moreira, 1996, p. 53). Por fim, a diplomacia é “a promoção dos interesses nacionais por meios pacíficos” (Santos, 2012, p. 223).

Sendo um dos mais importantes instrumentos de política externa, a diplomacia tem as suas técnicas próprias, das quais me interessam a diplomacia cultural e a diplomacia pública.

A diplomacia cultural é um instrumento de política cultural externa que promove o intercâmbio cultural entre países com o objetivo de os aproximar, de fortalecer laços sendo que daí podem florescer acordos comerciais, políticos ou de cooperação. É o poder cultural (...) que devidamente ajudado deve presidir aos esforços e acompanhar a evolução.” (Moreira, 1981, pp.51). Este “poder” ultrapassa diferenças e abre novas vias de comunicação, pode apaziguar, clarificar e providenciar mais oportunidades de ligação (Goff, 2013, p. 419). Segundo Goff, a diplomacia cultural resulta de duas premissas: a primeira sugere que na base de boas relações devem estar o respeito e a compreensão, e a diplomacia cultural pode contribuir para tal na medida em que promove os intercâmbios humanos que, de acordo com a autora são o mais poderoso solvente de preconceito e desinformação (Goff, 2013, p. 419). A segunda premissa afirma que a arte, a língua e a educação são os pontos de entrada mais significativos numa cultura (Goff, 2013, pp. 419-420). A cultura e a educação aproximam as pessoas e realçam aspetos comuns em áreas onde, por vezes, as políticas oficiais aparentam acentuar a diferença (Goff, 2013, p. 420).

Este instrumento político é uma ferramenta de *soft power* e de acordo com Milton Cummings, a diplomacia cultural é a troca de ideias, informação, arte e outros aspetos culturais entre nações e os seus povos para fomentar a compreensão mútua (Goff, 2013, p. 420). Numa visão mais política, Mark Simon define esta técnica como uma prática diplomática dos governos desempenhada para sustentar os seus objetivos de política externa; esta prática normalmente envolve, direta ou indiretamente, o ministério dos negócios estrangeiros e diversas manifestações culturais do Estado dirigidas a uma população mais abrangente (Goff, 2013, p. 420). Este conceito pode por vezes ser confundido com outro que é normalmente seu aliado: a diplomacia pública.

A diplomacia pública é um tema extremamente atual que tem como público alvo as massas, resultante do reconhecimento crescente da importância de influenciar, não só os líderes políticos, mas também os cidadãos estrangeiros (Bound, et al., 2007, p. 22). Esta técnica baseia-

se na premissa que a imagem e reputação de um país são bens públicos que podem criar um ambiente possibilitador de transações individuais (Leonard, 2002, p. 9), dando grande importância ao valor da imagem e reputação de um país na esfera internacional, pois uma imagem positiva torna um país atrativo<sup>3</sup>.

Melissen refere-se a diplomacia pública como uma técnica que usa o conjunto de recursos oferecidos pela Internet (Melissen, 2013, p. 436). Atualmente as redes sociais parecem ter um papel relevante até na vida política, pois são meios gratuitos de promoção e aproximação, o que significa que as redes sociais podem jogar a favor dos estados sendo usadas como ferramentas de diplomacia pública. Existem perfis de entidades oficiais do Governo português<sup>4</sup> nas redes sociais, usados para informar e divulgar eventos culturais, ofertas de ensino de língua portuguesa, notícias relativas ao Estado português e ao país, e ainda como ponte de ligação com os portugueses emigrados. A diplomacia pública define-se como a tentativa de influenciar as opiniões e atitudes de outras pessoas; o esforço de um *policymaker* para influenciar de forma positiva as perceções de indivíduos ou organizações exteriores sobre o seu país e o seu compromisso com outro país (Melissen, 2006). É a instrumentalização do *soft power*, o poder de atração e reputação de um ator no exterior (Melissen, 2006). Este conceito está associado à reputação e construção da imagem de um país e é visto como uma ferramenta que pode ser usada para melhorar exponencialmente a mesma, podendo contribuir para a destruição de estereótipos desfavoráveis, por exemplo (Melissen, 2006). Por estar tão associada à ideia de imagem e de influência de ideias e perceções, há a tentação de confundir diplomacia pública com propaganda. Contudo, os dois conceitos diferem sobretudo na abordagem ao público alvo. Ao contrário da propaganda, a diplomacia pública – sendo uma vertente diplomática - é uma via de dois sentidos (Melissen, 2006); não consiste apenas em transmitir uma mensagem, uma ideia ou uma imagem nem se cinge à projeção de uma identidade, o seu objetivo é a construção de laços e a comunicação está no centro da mesma (Melissen, 2006).

Nesta senda, Gregory define diplomacia pública como um instrumento usado pelos estados, associações de estados, subestados e atores não-estatais para compreender culturas, atitudes e comportamentos; construir e gerir relações; influenciar ideias e mobilizar ações para promover os seus interesses e valores (Gregory, 2011). Como já aqui foi dito, a diplomacia é

---

<sup>3</sup> Um país seguro, com história e boa gastronomia atrai turistas, um país com uma economia estável pode atrair investimento estrangeiro, por exemplo.

<sup>4</sup> Perfis da Coordenação de Ensino de Português no Estrangeiro – Austrália e do Ministério dos Negócios Estrangeiros português no *Facebook*.



uma arte de negociação, é a promoção de valores, interesses e afins por via pacífica, através da conversação e que por isso inclui um elemento crucial de comunicação. Esse elemento é extremamente importante e deve ser valorizado porque a diplomacia implica que contemos a nossa história, que nos exponhamos ao mundo e devemos saber fazê-lo bem. Isto é também a diplomacia pública, mas de que forma é que esta difere então da diplomacia clássica? A diplomacia pública amplia o campo de atuação diplomático, desde os representantes oficiais dos estados às suas elites, esta pretende alcançar a opinião pública, entendida como uma conversação global sobre os temas que preocupam e afetam diretamente os cidadãos (Rubio, 2014, p. 16). Uma das suas características inovadoras é a promoção do diálogo entre embaixadas, grupos e indivíduos não-governamentais nos países nos quais estão acreditadas as missões diplomáticas (Melissen, 2011). É direcionada ao público, aproximando a diplomacia da sociedade e por isso revelando algumas semelhanças com os serviços consulares; o seu público alvo é o comum cidadão, considerado consumidor, mas também potencial influenciador (Melissen, 2006). A forma mais direta de chegar a esse público alvo é, primeiro perceber o que lhe poderá interessar mais e depois apresentando uma imagem que corresponda à realidade, apresentar um país tal como ele é através da exposição dos seus traços culturais e daquilo que de melhor tem para oferecer seja isso as praias, a educação, a gastronomia, etc.

A diplomacia pública serve de janela de entrada e de saída para uma sociedade, e o sentido de identidade nacional dos cidadãos, bem como a forma como se sentem em relação ao seu país, influencia e ajuda a projetar a imagem e identidade do mesmo (Melissen, 2006). Sobretudo se existirem grandes comunidades de emigrantes no exterior, como é o caso de Portugal. As pessoas convertem-se em objetivo de diplomacia e em atores ativos da mesma à medida que a sua importância, a título individual, cresce a cada dia que passa (Rubio, 2014, p. 16). A diplomacia pública foca-se no envolvimento diplomático com as pessoas e, hoje em dia, o desenvolvimento da atratividade mencionada passa também pelas dinâmicas das suas sociedades civis transnacionais, ou simplesmente, diáspora (Melissen, 2013, p. 239). Pelo que aqui, se considera a diáspora portuguesa alvo da diplomacia portuguesa ao mesmo tempo que são executores da mesma na sua vertente pública, pois as comunidades portuguesas no estrangeiro também representam Portugal.

Termino assim este enquadramento teórico com o tema da diplomacia pública, apontando para a relevância das comunidades de diáspora e um dos papéis que estas podem desempenhar na política externa de um país. Nesta secção da dissertação expus os principais



conceitos e teorias que interessam para o tema que me propus investigar. Em seguida, avanço para o capítulo da metodologia onde exponho as etapas e os métodos de investigação utilizados.

## Metodologia

O estudo que aqui apresento consiste numa dissertação para a obtenção de grau de Mestre, um trabalho de âmbito científico que implica um processo de investigação constituído por um conjunto de etapas. Aqui irei expor os métodos que usei para o desenvolvimento do tema e objeto que me propus a estudar: as relações bilaterais Portugal-Austrália, com enfoque na diplomacia cultural, e a importância das comunidades portuguesas para a política externa portuguesa, em concreto, a comunidade portuguesa residente na Austrália.

No decorrer da investigação para a realização deste trabalho, recorri a: livros, artigos científicos e outros tipos de trabalhos académicos e discursos políticos consultando a Jstor e páginas oficiais dos Governos português e australiano, a biblioteca do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo de Portugal, a biblioteca do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, o Repositório da Universidade de Lisboa, a Biblioteca Nacional da Austrália, as páginas oficiais da Embaixada de Portugal na Austrália, do Consulado-Geral Português em Sydney, do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. e do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo australiano e, ainda, a vários artigos de jornais partilhados nas redes sociais. Provaram também ser muito úteis várias páginas oficiais de associações e projetos culturais criados por membros de comunidades portuguesas residentes na Austrália, páginas de *Facebook* desses mesmos projetos, do Consulado Geral de Portugal em Sydney e ainda da representação do Camões, I.P. na Austrália, a Coordenação de Ensino de Português na Austrália (CEPE-AU).

Uma das dificuldades na realização deste trabalho foi precisamente encontrar documentos que tratem diretamente as relações bilaterais Portugal-Austrália e/ou a relação das dinâmicas da diáspora portuguesa com a política externa de Portugal. Após feito o levantamento bibliográfico, a chamada revisão da literatura, concluí que não existem obras escritas sobre o tema, por esta razão, este estudo tem um carácter exploratório na medida em que “pretende estudar uma realidade pouco estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa realidade” (Sousa, 2011, p. 57).

Após a revisão bibliográfica elaborei um modelo de análise. Este trabalho parte de uma análise generalizada dos conceitos de política externa, diplomacia pública, política cultural externa e diplomacia cultural tendo em conta o seu significado e relevância na área das Relações

Internacionais. Esta análise está no enquadramento teórico deste trabalho onde exponho também as teorias internacionalistas que escolhi para esta investigação. Para tal, consultei sobretudo livros e artigos científicos. Recorri abundantemente a obras fruto da investigação feita por docentes do ISCSP, nomeadamente no tratamento de teorias da política externa e ainda relativamente a política cultural. Do amplo leque de investigação que tem vindo a ser feita no Instituto, servi-me principalmente das seguintes obras: *Interesse Nacional, a Política Externa Portuguesa e as Ideologias*, de António de Sousa Lara; *Elementos de Análise de Política Externa* de Victor Marques dos Santos e ainda, *O Poder Cultural* de Adriano Moreira. Recorri ainda a autores relevantes das Relações Internacionais como Hans Morgenthau, Christopher Hill e Christopher Alden. O manual *The Oxford Handbook of Modern Diplomacy*, revelou também ser uma importante fonte.

O método usado é essencialmente dedutivo na medida em que parto de um quadro geral para o particular. Dividido em três capítulos, o primeiro começa com um breve enquadramento histórico da política externa portuguesa para o qual recorri, sobretudo, à obra *Política Externa Portuguesa*, de Tiago Moreira de Sá e ao artigo *Breve Ensaio sobre a Política Externa Portuguesa*, de Nuno Severiano Teixeira. Em seguida, apresento uma análise da política externa portuguesa atual enquanto política pública, onde tento apontar as principais virtualidades e vulnerabilidades da política externa de Portugal começando por abordar os três eixos históricos e terminando com a caracterização e estudo da diáspora enquanto quarto eixo da política externa portuguesa. Para esta fase da investigação, as minhas principais fontes foram o programa do XXI Governo Constitucional, discursos políticos, Relatórios de Emigração do Observatório de Emigração, notícias e artigos científicos. Este capítulo termina com a apresentação do conceito de diplomacia e a exploração do uso e potencial da diplomacia pública aplicada ao tema deste trabalho: o papel da diáspora portuguesa na política externa de Portugal. Avançando para o segundo capítulo, é apresentada uma breve análise da política cultural externa portuguesa.

Já no segundo capítulo exponho a política cultural externa portuguesa apresentando a entidade do Ministério dos Negócios Estrangeiros responsável pela promoção cultural. A página oficial do Camões, I.P., discursos políticos, o Programa do XXI Governo Constitucional foram, mais uma vez, as principais fontes. Por fim, já no terceiro capítulo, analiso a política externa portuguesa na sua vertente bilateral, estado a estado (relações Portugal-Austrália) e volto ao tema das comunidades portuguesas. Estas duas últimas convergem por haver cidadãos

portugueses na Austrália em número elevado, o que permitiu elaborar um estudo de caso: a comunidade portuguesa na Austrália.

Esta dissertação é inovadora não só porque a informação relativamente ao tema que abordo é escassa, mas também pela forma como recolhi informação: através de contactos (via redes sociais, correio eletrónico) estabelecidos com o ex-Conselheiro da Comunidade Portuguesa em Sydney, Sr. António Sampaio, o Cônsul-geral de Portugal em Sydney, Dr. Paulo Domingues, a Produtora Executiva da SBS Portuguesa<sup>5</sup>, Sra. Beatriz Wagner e demais responsáveis por projetos da comunidade. Entrei ainda em contacto com uma portuguesa residente na Austrália, Profa. Dra. Marisa Gonçalves que me providenciou contactos e informações relevantes sobre a comunidade e seus projetos. Além dos contactos diretos com as pessoas em cima mencionadas recorri a um método de investigação quantitativa: o inquérito. O público-alvo foram portugueses que residem na Austrália; entrei em contacto com a comunidade através das redes sociais, mais concretamente grupos no *Facebook* da comunidade portuguesa residente na Austrália dos quais faço parte.

Todos os contactos com as várias associações e projetos culturais portugueses na Austrália, inquéritos e entrevistas foram as principais fontes de informação para o estudo da comunidade portuguesa na Austrália e a importância da mesma para as relações Austrália-Portugal.

Fiz uma entrevista de tipo estruturada, no caso do cônsul-geral Dr. Paulo Domingues, tendo recorrido a um guião constituído por questões de resposta aberta. No caso dos restantes entrevistados, a entrevista teve uma estrutura mais livre tendo resultado de conversas mais informais, dado o fator tempo. Considerando a distância física, as entrevistas foram realizadas via email e chamada telefónica, à exceção da entrevista à Sr.<sup>a</sup> Beatriz Wagner com quem me reuní em Lisboa.

Os próprios condutores da política externa de Portugal na Austrália e as comunidades são as fontes mais próximas da realidade representacional portuguesa, pelo que me pareceu útil, pertinente e esclarecedor informar-me junto deles sobre o estado da política externa portuguesa, diplomacia cultural, comunidade representação portuguesas na Austrália.

---

<sup>5</sup> A emissão portuguesa de um canal de rádio público australiano.

Há vários critérios que podem ser considerados na hora de escolher o tema de investigação: a familiaridade e afetividade do investigador com o objeto ou os recursos, são alguns aspetos que devem ser considerados. Escolhi estudar a diplomacia e especificamente as relações Portugal-Austrália por ser um tema com o qual já tive contacto e pelo qual me interesse<sup>6</sup>, a dimensão cultural que atribuí ao meu estudo prende-se com a minha formação prévia.

---

<sup>6</sup> Interesse que surgiu por ter estagiado na Embaixada da Austrália em Portugal no âmbito da conclusão da minha licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas.

## Capítulo I – Enquadramento da Política Externa Portuguesa

A política externa portuguesa “decorre de legados históricos, de circunstâncias geográficas, de poderes e fraquezas, tanto próprios como alheios” (Lara, 2009, p. 21). Para falar e compreender a política externa deste “jardim à beira mar plantado”<sup>7</sup> é necessário conhecer os seus principais eixos de inserção internacional, perceber o peso que estes têm na definição global das suas orientações estratégicas e saber em que contextos estes se desenvolvem historicamente (Sá, 2015, p. 15). Como iremos ver a seguir, fatores como: a localização geográfica, recursos que esta proporciona, ou a falta deles, a distribuição do poder global ou regional e a identidade cultural consolidaram as grandes constantes da política externa portuguesa.

Após várias leituras e estudo intensivo da política externa portuguesa, posso dizer que esta assenta, tradicionalmente, em três eixos fundamentais: o eixo europeu, o atlântico e o lusófono. Estes três vetores primordiais têm-se vindo a manter constantes na história secular da política externa de Portugal. “(...) O território terrestre do Estado português é pequeno em superfície. Mas a posição que ocupa quer a nível continental europeu, quer a nível insular atlântico, valorizam-no estrategicamente de forma considerável.” (Lara, 2009, p. 21). De facto, é num equilíbrio entre a terra e o mar – entre a Europa e o Atlântico – que a política externa portuguesa tem vindo a assentar (Sá, 2015, p. 37), “havendo ciclos em que a prioridade residiu na Europa, outros em que ela esteve no Atlântico e outros ainda em que eles se mantiveram ao mesmo nível” (Sá, 2015, p. 37). No entanto, além dos três eixos tradicionais, tem-se vindo a valorizar um outro tema que, segundo o Ministro dos Negócios Estrangeiros Augusto Santos Silva, hoje se considera o quarto vetor da política externa portuguesa completando assim o quadrilátero<sup>8</sup> que serve de orientação basilar à mesma. Esse vetor é a diáspora portuguesa, o elo com as numerosas comunidades de portugueses e luso descendentes que residem no estrangeiro.

---

<sup>7</sup> Referência a expressão usada por Tomás Ribeiro para se referir a Portugal no seu poema “A Portugal” (1862).

<sup>8</sup> Santos Silva apresenta a política externa portuguesa como um quadrilátero porque afirma que esta se guia por quatro eixos fundamentais.

## 1. Os três eixos da Política Externa de Portugal

Sendo Portugal uma das nações mais antigas da Europa, estudar a sua política externa não é tarefa fácil, pois obriga-nos a olhar para um longo espaço temporal repleto de acontecimentos históricos marcantes. No entanto, de modo geral, podemos dizer que a política externa de Portugal foi marcada pelo equilíbrio entre o vetor europeu e o atlântico, sofreu, em determinadas fases da história, algumas alterações significativas e a partir de dada altura foram definidos os seus valores fundamentais, os seus vetores principais e foi criada uma linha de orientação que tem vindo a ser, mais ou menos, constante. Nuno Severiano Teixeira considera que existem três modelos de inserção internacional na história da política externa portuguesa aos quais correspondem três momentos históricos diferentes, são eles: o modelo do Portugal medieval, o modelo clássico ou histórico e o modelo democrático (Teixeira, 2010). O primeiro modelo esteve em vigor até ao século XV, fase durante a qual as relações externas de Portugal se desenvolviam no quadro da Península Ibérica (Teixeira, 2010). Já o segundo modelo inicia-se aquando o fim do primeiro, prevalece durante cinco séculos, e termina com o processo de democratização e a integração europeia (Teixeira, 2010).

É no segundo modelo de inserção internacional que nascem os três eixos da política externa portuguesa que se mantêm até hoje. O eixo europeu parece óbvio dada a nossa localização geográfica. Somos europeus porque somos um país do continente europeu, e também porque, no decorrer da história, a palavra “europeu” adquiriu um significado diferente para nós, representando hoje uma segunda nacionalidade nossa. Primeiramente, este vetor traduziu-se numa aliança com a principal potência europeia, a Grã-Bretanha, “na tentativa de fazer parte de um sistema de relações internacionais diferente dos espanhóis” (Sá, 2015, p. 39). O vetor europeu surgiu nestes termos numa tentativa de “garantir a independência e não marginalidade estratégica na Europa, com grande destaque para o contexto ibérico e as ameaças anexionistas, ou no mínimo hegemónicas, da Espanha” (Sá, 2015, p. 39). Este eixo impulsiona, de certa forma, a criação do eixo atlântico.

Olhando para a história de Portugal, o mar é personagem principal. O eixo atlântico surge numa tentativa de atenuar a pressão continental europeia que se fazia sentir devido às desigualdades de dimensão e potencial entre os dois países ibéricos e que permitiu o desenvolvimento de relações extrapeninsulares (Teixeira, 2010, pp. 051-052). Numa primeira fase, este eixo aparece como a compensação vinda de fora e, numa segunda, como garantia de

manutenção do império colonial (Sá, 2015). Tendo assim servido de meio para a origem do terceiro eixo: o colonial, que mais tarde se transforma no atual eixo lusófono. Este último eixo surgiu da procura por uma extensão ultramarina com o intuito de viabilizar a existência de Portugal como nação soberana e com capacidade de ação autónoma face às ameaças de absorção continental e de excessiva dependência da potência marítima, servindo também de base para o desenvolvimento económico do país e o reforço da sua posição internacional (Sá, 2015).

Com a Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974, dá-se o fim do regime autoritário e inicia-se o processo de democratização do país, processo esse que vem alterar o quadro da política externa portuguesa passando a ser as palavras de ordem: democratização, descolonização e desenvolvimento (Teixeira, 2010, p. 053). Nasce assim o modelo democrático. Portugal assume a sua condição de país ocidental, europeu e atlântico, e os dois últimos passam a ser os dois vetores fundamentais e opções estratégicas do Portugal democrático com uma política externa mais definida e clara (Teixeira, 2010). O vetor atlântico foi reafirmado pela afirmação dos compromissos militares com a NATO e o estabelecimento de relações com os países do Atlântico Sul (Teixeira, 2010, p. 054).

Respetivamente ao eixo europeu, a partir de 1976 Portugal assumiu, com convicção, a opção europeia enquanto opção estratégica e projeto, não só económico, mas também político<sup>9</sup> tendo-se tornado membro da, então, Comunidade Europeia em 1986 (Teixeira, 2010, p. 054). No que diz respeito ao terceiro eixo – o colonial – este transforma-se e passa a ser o eixo lusófono; viabilizado pelo estabelecimento de relações de amistosas e cooperação com os novos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a renovação das relações com o Brasil (Teixeira, 2010, p. 054), e ainda pela fundação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em 1996.

Como podemos ver, as áreas de interesse estratégico mantiveram-se de um modelo para o outro, tendo-se alterado apenas as perceções. Hoje, Portugal vê-se como país europeu e membro da UE e é neste sentido que procura valorizar e potenciar a sua posição atlântica e as relações pós-coloniais (Teixeira, 2010, p. 055). Assim, para Portugal ser europeu tem valor acrescentado no Atlântico, assim como ser atlântico tem valor acrescentado na Europa, no contexto do desenvolvimento das relações com os países do Atlântico Sul onde se desenvolvem

---

<sup>9</sup> Em 1976, Portugal entrou no Conselho da Europa; em 1977 pediu, formalmente, a adesão à Comunidade Europeia e em 1985 assinou o Tratado de Adesão.



as relações pós-coloniais (Teixeira, 2010, p. 055). Um outro elemento novo deste modelo democrático é o surgimento de uma política externa de valores (Teixeira, 2010). É um facto que a política externa parte da formulação de interesses, mas, no modelo democrático, não pode ignorar o seu quadro de valores (Teixeira, 2010). No regime democrático os valores centrais são os da democracia, do Estado de Direito e da segurança humana e são estes valores que estão na raiz da política externa de qualquer Estado Democrático; tendo-se democratizado e tornado membro da União Europeia, Portugal assumiu estes valores como seus, valores que prevalecem até hoje, como iremos ver em seguida.

### **1.1. Atualidade: três eixos mais um**

Agora que apresentei, sucintamente, as linhas históricas e tradicionais da política externa portuguesa, passarei a olhar para a política externa de Portugal da atualidade através de três discursos proferidos pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, no Seminário Diplomático nas edições de 2016, 2017 e 2018.

Na senda do que consta no enquadramento histórico, o ministro afirma que a política externa portuguesa é uma política de continuidade formada pela geografia, a história nacional e pelos interesses estratégicos a ela associados. A União Europeia (UE), a ligação transatlântica e a lusofonia continuam a estar na base da política externa portuguesa, mas o ministro acrescenta um quarto eixo: o das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro e, assim, desenha a política externa portuguesa como um quadrilátero. Este quarto vetor surge devido à constante histórica em que se tornou a emigração portuguesa, ao significativo número de portugueses e luso-descendentes espalhados por todos os cinco continentes e que estão retratados no Programa do XXI Governo Constitucional como uma extensão de Portugal.

No último Seminário Diplomático, em janeiro de 2018, Santos Silva sugere que o quadrilátero vá adquirindo a forma de um hexágono; justificando que faz sentido juntar-lhe dois lados devido à importância e crescimento que estes têm vindo a alcançar na política externa portuguesa: a internacionalização e o multilateralismo. Até 2017, estes dois temas eram abordados como desafios da política externa portuguesa. O multilateralismo, personificado nas Nações Unidas, a propósito das responsabilidades acrescidas à participação de Portugal na organização que traz o facto de o Secretário-geral da ONU ser português (Silva, 2017, p. 6).

Porque é que faz sentido que este desafio passe a ser visto como uma linha do polígono da política externa portuguesa? Não só pela importância que tem no desenvolvimento das relações no sistema internacional, mas também porque o “multilateralismo é uma marca genética da diplomacia portuguesa” (Silva, 2018, p. 21). No que diz respeito à internacionalização, o ministro assume que esta tem cada vez mais um papel decisivo na política externa portuguesa (Silva, 2018, p. 17). Sendo que está explícito tanto no programa do atual Governo como nos discursos do ministro que é objetivo de Portugal internacionalizar a sua economia, a língua e cultura portuguesas e ainda a cooperação.

Tendo em conta os vetores fundamentais da política externa portuguesa, Santos Silva apresenta a integração, a valorização, a afirmação, a comunicação e a parceria como linhas de orientação. A primeira refere-se à integração das várias áreas<sup>10</sup> da política numa única estratégia de ação coerente. Esta função integradora institucionalizada no Ministério dos Negócios Estrangeiros requer que todos os departamentos e setores do Governo trabalhem em conjunto.

O segundo princípio orientador trata-se da valorização dos nossos recursos próprios, da singularidade portuguesa e do nosso posicionamento geopolítico (Silva, 2016, p. 4). Dos vários recursos a valorizar, segundo o ministro, saliento a constante histórica da emigração e o da língua portuguesa por serem os que mais interesse para este trabalho têm. Respetivamente à singularidade, o ministro argumenta que todas as nações e países são singulares e a visão multilateralista do mundo, que é a de Portugal, reúne e coloca em interação essas singularidades (Silva, 2016, p. 4). Portugal é portador de singularidades que em muito podem contribuir distintamente para a ordem internacional. Este país lusitano além de estado europeu, está no centro da interrelação do Atlântico Norte com o Mediterrâneo e o Atlântico Sul (Silva, 2016, p. 4). Mas além da valorização dos recursos já mencionados, o ministro realça a importância de valorizar e explorar uma força com “um potencial que ainda não soubemos rentabilizar tanto quanto poderíamos” (Silva, 2016, pp. 4-5). Essa força é a diáspora, dado que “As comunidades portuguesas e de origem portuguesa espalhadas por todos os continentes transportam um património e representam uma presença que universaliza a condição da nação portuguesa, como verdadeira nação global” (Silva, 2016, p. 4). Tal como pretendo demonstrar neste trabalho, a diáspora portuguesa é uma importante representação do nosso país, dos nossos costumes, da

---

<sup>10</sup> Desde a língua e cultura, da educação ao humanitarismo e promoção da paz, às relações bilaterais e multilaterais à cooperação e desenvolvimento sustentável e ao comércio externo.

nossa língua, cultura e valores por esse mundo fora. As comunidades portuguesas carregam parte da singularidade portuguesa de que o ministro fala, pelo que ao valorizá-la estamos simultaneamente a valorizar essa singularidade.

A terceira linha de orientação consiste na afirmação dos valores essenciais da política externa portuguesa enquanto estado democrático, apoiante do multilateralismo reconhecendo o nosso valor através da valorização da nossa posição geográfica e da nossa história. Atentando para a realidade dos nossos tempos – dinâmicos e incertos – Santos Silva afirma que Portugal tem capacidade para ocupar o papel de mediador, facilitando contactos e o diálogo. Pois, ao mesmo tempo que pertencemos à Europa e ao Atlântico Norte, fomos cultivando ao longo da nossa história ligações com África, o Brasil e a Ásia Oriental. Ligações essas que têm vindo a ser renovadas e aprofundadas, pelo que o ministro afirma que “falamos fluentemente a preciosa língua do multilateralismo político e do encontro entre as civilizações.” (Silva, 2016, pp. 5-6). O que nos leva à quarta linha de orientação: a comunicação.

A comunicação aparece associada à diplomacia pública, enquanto meio de projeção da imagem de Portugal e dos portugueses. “Queiramos ou não, contamos sempre uma história acerca de nós próprios (...) e saber contar essa história é um recurso diplomático de primeira grandeza” (Silva, 2016, p. 6). Admitindo que o país experimenta ainda um défice de comunicação pública, o ministro afirma que é preciso comunicar mais e melhor, é necessário assumir e projetar a imagem e marca de Portugal enquanto “um país democrático, europeu, pacífico, seguro, com uma economia social de mercado e empenhado na coesão social, territorial, na inovação e na igualdade” (Silva, 2016, p. 7). É preciso informar o exterior de que Portugal tem uma nova realidade social e económica e isso faz-se através da divulgação da aposta que o país está a fazer na internacionalização da economia e na expansão do comércio externo, da atração de investimento direto estrangeiro produtivo e da promoção do investimento português no estrangeiro (Silva, 2016, p. 7). Tudo isto requer o trabalho conjunto de vários intervenientes, conduzindo-nos assim à última linha de orientação: a parceria. Esta última refere-se à colaboração entre órgãos e serviços do estado e da administração e sociedade civil que engloba também as comunidades portuguesas no estrangeiro.

Estas são, então as orientações da política externa portuguesa que, como é natural, enfrenta alguns desafios, tanto de ordem global como de ordem particular. Os desafios globais são aqueles que são comuns a todos ao que participam no sistema internacional. Desafios

inerentes às características da realidade internacional: desde o terrorismo internacional, às alterações climáticas e à crise dos refugiados (Silva, 2017, p. 4).

Já os desafios particulares, são aqueles que são próprios da política externa portuguesa e também aqueles que Portugal enfrenta enquanto membro da UE. O *Brexit*, a crise dos refugiados e as várias crises internas da União são os principais desafios europeus para os quais Portugal defende que a resposta é mais integração, o aprofundamento da união (Silva, 2017, pp. 5-6).

No que diz respeito aos desafios particulares da política externa portuguesa, o ministro enumera vários dos quais a internacionalização. Ainda que recentemente “promovida” a linha fundamental da política externa portuguesa, esta não deixa de ser um desafio para o qual, segundo Santos Silva, existem três componentes de resposta.

Uma componente de promoção económica e comercial – a cargo da AICEP e da sua rede externa –, uma componente de diplomacia económica – a cargo das embaixadas e dos consulados – e uma componente de trabalho junto das comunidades portuguesas (Silva, 2017, p. 13). A última componente consiste na atração de investimento da diáspora e no alargamento dos mercados para bens e serviços nacionais nas sociedades de acolhimento e sociedades vizinhas (Silva, 2017, p. 13); esta “convoca a articulação com a cooperação portuguesa e a sua participação nos instrumentos financeiros internacionais do desenvolvimento, com o ensino de português no estrangeiro, com a ação cultural externa” (Silva, 2017, p. 13). Algumas iniciativas têm vindo a ser feitas neste sentido, são exemplo a criação do Gabinete de Apoio ao Investidor da Diáspora e os Encontros de Investidores da Diáspora que já contam com duas edições e os mais recentes Encontros Intercalares de Investidores da Diáspora que tiveram este ano a primeira edição.

Olhando para tudo o que aqui abordei, desde os objetivos aos desafios enumerados, é possível concluir que a política externa portuguesa tem sido relativamente constante ao longo da história. Importa salientar a relevância que o atual ministro parece dar a um quarto eixo da política externa de Portugal, esse que é o eixo central deste trabalho de investigação e que pode desempenhar um papel fundamental no enfrentamento dos desafios mencionados por Santos Silva: a diáspora portuguesa.

### 1.1.1. O quarto eixo da Política Externa de Portugal

“Portugal não se esgota nas suas fronteiras terrestres ou marítimas (...) é continuado em cada cidadão nacional que organizou a sua vida lá fora e que aí representa o nosso país. (...) os emigrantes portugueses no mundo são os melhores embaixadores de Portugal, pelo que valorizando essa diáspora está-se automaticamente a valorizar Portugal.” (Programa do XXI Governo Constitucional 2015-2019, 2015, p. 256).

A emigração é um tema que faz parte da realidade e da história portuguesas e ainda que seja, por norma, associada a períodos de crise económica e financeira, Maria Filomena Mendes<sup>11</sup> afirma que esta “resulta do nosso passado, da nossa história demográfica (...) Mesmo quando a emigração baixou os portugueses nunca deixaram de emigrar” (Cordeiro, 2017). Talvez porque somos um país da era dos descobrimentos, aquele que iniciou os processos de globalização através da exploração marítima. José Manuel Sobral admite que a emigração é uma característica da identidade portuguesa, vestígio de um país outrora imperialista. Sobral afirma que: “A existência do Império transformou o pequeno reino europeu numa entidade pluricontinental, (...) Esta longa permanência do Império influiu de múltiplas maneiras na sociedade portuguesa. Foi a primeira plataforma de uma realidade duradoura que persiste: a da emigração dos portugueses.” (Sobral, 2012, p. 44). Referindo-se à “gente insana”<sup>12</sup> que se aventurou nos Descobrimentos Portugueses, Camões escreveu: “E, se mais mundo houvera, lá chegara.” (Canto VII, Lusíadas). Assim o é, hoje, com a diáspora portuguesa. No sentido de os portugueses estarem espalhados pelos quatro cantos do mundo e “se mais mundo houvesse, lá chegariam”, não fosse “a Diáspora Portuguesa uma das mais significativas à escala global, (...), primando pela presença em praticamente todos os países do Mundo” (Relatório de Emigração - 2014, 2015). Por exemplo, na emissão da final da Eurovisão, foi interessante ver que na hora dos jurados estrangeiros transmitirem as suas pontuações, três dos porta-vozes<sup>13</sup> falaram português revelando a sua ascendência portuguesa e demonstrando que quando menos se espera se encontra um português, até do outro lado do mundo.

---

<sup>11</sup> Presidente da Associação de Demografia

<sup>12</sup> Referência a expressão usada na obra “Os Lusíadas”, Canto VII de Luís Vaz de Camões.

<sup>13</sup> Finlândia, Austrália e Suíça.

Hoje, com mais de 2,3 milhões de emigrantes<sup>14</sup> (Pires, et al., 2017, p. 40), cerca de cinco milhões quando contabilizados também os lusodescendentes e pessoas com dupla nacionalidade (Carneiro, 2016), Portugal é o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da população residente<sup>15</sup> e o 12º a nível mundial (Pires, et al., 2017, p. 40).

Sendo um fenómeno antigo, com diferentes vagas de migração, é de esperar que se encontrem algumas diferenças na hora de avançar para a caracterização da diáspora portuguesa. Ao contrário da anterior vaga de migração, a atual caracteriza-se por gente mais jovem, com habilitações académicas de nível superior que consegue ou tenta inserir-se no mercado de trabalho qualificado (Silva, 2018). De acordo com os Censos realizados em 2000/2001 e em 2010/2011, em países da OCDE, houve um crescimento da percentagem de licenciados de 6% para 11% entre os dois períodos censitários (Pires, et al., 2017, p. 32).

Contudo, a população emigrante continua a ser maioritariamente constituída por indivíduos com baixas qualificações escolares, justificado pelo facto de ser ainda “maioritariamente constituída pela fixação dos que emigraram nas grandes vagas da segunda metade do século XX, representando em 2000/01 os emigrados há mais de 10 anos 85% da população emigrada total, valor que baixaria para 81% em 2010/11” (Pires, et al., 2017, p. 32); o que por sua vez, vem justificar o “claro processo de envelhecimento, com a população com mais de 64 anos a passar de 9% para 17% da população total entre 2000/01 e 2010/11” (Pires, et al., 2017, p. 32).

Diferem também os destinos, se antes os destinos eram, principalmente, as ex-colónias e a América, atualmente é sobretudo para países da Europa que migram os portugueses<sup>16</sup> (Pires, et al., 2017, p. 31).

Além das diferenças supra apresentadas, devemos também considerar que “são distintos os padrões de comportamento nas sociedades de acolhimento, as competências linguísticas e as visões do mundo, assim como as formas de associativismo e ligação em rede, as atitudes face a Portugal e ao seu território” (Silva, 2018, p. 12). Enquanto que os seus avós emigravam com pouco mais do que a roupa que tinham no corpo, avançavam para o desconhecido, sem conhecer a língua do país de destino, com o intuito de sustentar a família e construir uma vida melhor,

---

<sup>14</sup> Os relatórios de emigração consultados, realizados pelo Observatório de Emigração, consideram emigrante um cidadão que esteja a residir no estrangeiro há um ano ou mais.

<sup>15</sup> A população emigrante portuguesa corresponde a cerca de 22% da população residente em território nacional.

<sup>16</sup> 62% dos imigrantes portugueses vive na Europa (Pires, et al., 2017, p. 31).

saudosos e tristes por deixarem para trás a “terra”; hoje, os apelidados *millenials*<sup>17</sup> emigram, por vezes, com o conhecimento prévio da língua ou pelo menos da língua franca – o inglês –, e por razões variadas<sup>18</sup>, não sendo tão claro que a “terra” deixe saudades insaciáveis, não fossemos nós cidadãos do mundo, resultado da era global em que crescemos. Podemos assim dizer que a diáspora portuguesa é heterogénea. Constituída por uma população não tão qualificada que está a envelhecer, uma nova geração jovem, ativa e qualificada e, a não esquecer, os filhos dos portugueses que já nascem fora das fronteiras de Portugal, mas que ao mesmo tempo continuam a estar ligados pelo vínculo da nacionalidade, língua ou, por vezes, apenas ascendência. E, além de tudo isso, ocupam cargos e papéis variadíssimos quer a nível profissional, quer a nível comunitário. “Temos atualmente registo de portugueses residentes em 178 diferentes países do mundo; e eles vão desde o Secretário-geral das Nações Unidas ou do Vice-Presidente do Banco Central Europeu até ao operário da plataforma petrolífera na Noruega e à empregada de mesa de uma pizzeria de Londres, ou desde os treinadores e jogadores de futebol mais bem pagos até aos ativistas de organizações de voluntariado social. Uns são médicos, outros gestores, outros trabalhadores industriais, outros funcionários de hotéis, outros estudantes de doutoramento, outros engenheiros, outros modelos, e por aí fora” (Silva, 2018, pp. 12-13). Uma diáspora heterogénea cujo número, além de ter uma carga simbólica, é “demonstrativo de uma poderosa força económica, cultural e política” (Programa do XXI Governo Constitucional, 2015, p. 256). Desde investigadores premiados, os melhores do mundo na área do futebol, atores e artistas de renome internacional, empresários e empreendedores de sucesso à contribuição considerável que fazem para o PIB nacional, os portugueses emigrados trazem prestígio ao país e contribuem para o seu avanço.

Segundo consta no Relatório de Emigração de 2017, que se apoia em dados do Banco de Portugal, em 2016 as remessas dos emigrantes<sup>19</sup> foram de €3,343,200 o que representou 1.7% do PIB nacional desse ano (Pires, et al., 2017, p. 256). Existem portugueses de renome que acabam por ser imagem de marca de Portugal, eles próprios são agentes de diplomacia pública e o seu nome remete automaticamente para o país. O exemplo mais claro, de momento, talvez seja Cristiano Ronaldo. E podia dar muitos mais exemplos para justificar que os portugueses por esse mundo espalhados, “mesmo lá fora, (...) estão a ajudar a construir e a

---

<sup>17</sup> Também conhecida por Geração Y entre os demógrafos, é a geração nascida entre 1980 e 2000.

<sup>18</sup> Por questões laborais, para valorizar o currículo, para estudar, para aprender uma língua, entre outras.

<sup>19</sup> Em 2015 foram registados €3,303,650 em remessas de emigrantes e em 2014 €3,057,277,000.



fazer avançar Portugal” (Programa do XXI Governo Constitucional, 2015, p. 256). Segundo o ministro, Augusto Santos Silva, a diversidade que encontramos na diáspora é uma enorme força para Portugal em vários planos, nomeadamente: “influência política, imagem internacional, relacionamentos bilaterais, investimentos e trocas comerciais, geração e transferência de poupanças, revitalização dos territórios de baixa densidade, divulgação da língua e da cultura, apoio às seleções nacionais” (Silva, 2018, p. 13).

Assim, se por um lado, a heterogeneidade em cima mencionada é um fator de enriquecimento da diáspora e das comunidades lusodescendentes (Silva, 2018, p. 12), por outro, vem dificultar o trabalho do Estado na aproximação e manutenção dos laços com as comunidades. Sendo heterogénea, não se consegue chegar a todos da mesma forma, pelo que é necessária uma abordagem multilateral e ter o cuidado de atender aos diferentes temas que divergem de acordo com os diferentes grupos etários ou até de acordo com as suas qualificações. Por exemplo, deve considerar-se que as formas de integração variam. Ao contrário do que acontece com indivíduos emigrados há mais de 10 anos, os emigrantes mais recentes - geralmente mais jovens e qualificados - terão maior facilidade em integrar-se na sociedade do país de destino pelo que poderão não sentir necessidade de ter contacto com a comunidade portuguesa existente nesse país, distanciando-se, por vezes, da sua cultura e língua-mãe. Saber como chegar aos novos emigrantes, é também um desafio para o Governo português.

Como tenho vindo a referir, o Estado tem responsabilidades para com a diáspora e tem vários meios e serviços disponíveis nesse sentido. De acordo com o Artigo 14.º da Constituição da República Portuguesa, referente a portugueses no estrangeiro:

*“Os cidadãos portugueses que se encontrem ou residam no estrangeiro gozam da protecção do Estado para o exercício dos direitos e estão sujeitos aos deveres que não sejam incompatíveis com a ausência do país.”*

Também têm direito a proteção consular e diplomática, estipulada na *Convenção de Viena sobre os Assuntos Consulares*, e o Estado português tem ao dispor das comunidades portuguesas consulados e embaixadas presentes em 148 países<sup>20</sup> (Silva, 2018, p. 13). Ainda assim, o trabalho direccionado às comunidades vai muito além destes meios, os outros meios da rede externa como as delegações da AICEP, e como já vimos, os leitorados e centros de língua

---

<sup>20</sup> 76 embaixadas e 49 consulados.



do Camões. Existem ainda a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, a Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas, o Conselho das Comunidades Portuguesas, o Portal das Comunidades Portuguesas, os Gabinetes de Apoio ao Emigrante, o recentemente criado Gabinete de Apoio ao Investidor da Diáspora e, a não esquecer, o trabalho - especialmente reconhecido e celebrado este ano num seminário - dos Cônsules Honorários. Isto demonstra que se reconhece a importância do investimento oriundo da diáspora e do papel da comunidade na promoção de Portugal, assim como uma maior preocupação em acompanhar e dar apoio aos portugueses a residir no estrangeiro.

Essa maior preocupação e a importância de valorizar a relação com as comunidades de portugueses emigrados está expressa no programa do Governo atual. Segundo consta no documento referido, o Governo tem intenção de facilitar a ligação dos portugueses emigrados às entidades públicas nacionais e as medidas para essa facilitação passam sobretudo pela modernização e facilitação do acesso aos serviços consulares. Por exemplo, a criação de um e-Balcão Consular e a recente implementação do ato de inscrição única consular. Um outro objetivo é potenciar o exercício da cidadania e a representatividade das comunidades, nesse sentido foi proposto o recenseamento automático para portugueses residentes no estrangeiro. Esta medida foi aprovada por unanimidade em votação indiciária em abril de 2018 e prevê-se que quadruple o número de eleitores recenseados fora de Portugal, passando de 280 mil a 1 milhão e 375 mil. Importa também a esta administração encarar a diáspora como uma alavanca de internacionalização da economia portuguesa e para tal fomentar o investimento e empreendedorismo proveniente das comunidades. Tal como mencionado anteriormente neste capítulo, a cultura tem um papel muito importante enquanto ligação das comunidades a Portugal, assim que manter viva a cultura portuguesa junto das comunidades também é um objetivo. Para esta medida são indicados a intensificação de intercâmbio de arte e cultura portuguesa e de artistas portugueses e luso-descendentes através de itinerância de exposições e espetáculos, adequar a oferta de professores de Português no estrangeiro à procura de aulas e garantir o acesso das comunidades a meios de comunicação modernos e atualizados passando por melhorar as emissões da RTP Internacional. Por fim, são apresentadas algumas sugestões no sentido de dinamizar o associativismo e chegar à juventude, dar particular atenção às segundas gerações. Criar um laço com os mais jovens, tentar dinamizar o contato e interesse das segundas gerações é um dos maiores desafios. É necessário tomar iniciativas que possam apelar ao interesse das segundas gerações em manter o contato com as suas raízes portuguesas. Neste sentido, é preciso apostar na promoção da imagem de um Portugal mais jovem e atual.

Não apoiar apenas os eventos que promovem o Portugal tradicional<sup>21</sup>, apostar na promoção de música portuguesa, de artistas mais jovens, que vá de encontro aos gostos dos mais novos, ou ainda promover os já tão falados festivais de verão dos quais Portugal é palco todos os anos. O desporto é também uma outra forma de cativar o interesse da juventude e hoje em dia, Portugal é mundialmente reconhecido como destino por excelência para amantes do surf, por exemplo. Contudo, o governo sugere também a facilitação da validação e reconhecimento de qualificações e diplomas e a criação de programa idêntico ao INOV-Contacto para estes jovens, criando intercâmbio entre Portugal e as comunidades. Recentemente, em agosto de 2018, surgiram duas iniciativas lançadas pelo Governo português que visam promover o retorno e o contato dos emigrantes portugueses e familiares com o país luso. A primeira trata-se de uma medida de apoio que diz que os emigrantes que quiserem regressar pagarão metade do IRS e a segunda trata-se de uma medida que visa internacionalizar a educação portuguesa. o projeto Estudar e Investigar em Portugal trata-se de uma plataforma de divulgação das instituições, projetos e atividades relacionadas com o ensino superior, a ciência e a tecnologia nacionais, especificamente dirigida às comunidades portuguesas no estrangeiro e que tem 7% das vagas reservadas para emigrantes portugueses.

Importa também apoiar o associativismo, uma das mais importantes formas de participação da sociedade civil na vida da comunidade. É nesta atividade que os portugueses encontram uma forma de se reencontrarem e estarem ligados à cultura portuguesa em território estrangeiro; esta atividade serve também de plataforma de integração para recém-chegados. Pelo que também é importante continuar a apoiar a rede associativa através dos apoios financeiros já existentes, mas também dando algum apoio e colaboração na organização de eventos, por exemplo.

Posto tudo o que tenho vindo a apresentar ao longo deste trabalho, é seguro afirmar que as comunidades portuguesas podem ser consideradas um importante instrumento de política externa portuguesa. Por se encontrarem espalhadas em números consideráveis por todos os cinco continentes, sendo uma via para o Portugal global ao mesmo tempo que uma porta de entrada a nível local e regional. Podem ser portas de acesso para mercados exteriores, contribuindo para a internacionalização da economia portuguesa, mas também como origem de investimento estrangeiro em Portugal. Contribuem para o desenvolvimento do país a vários

---

<sup>21</sup> Normalmente associados ao folclore e concertos de cantores populares, “os favoritos”, diga-se dos emigrantes mais antigos.

níveis, um deles o económico através do investimento que não deixam de fazer em Portugal tanto quando estão lá fora, como quando retornam. São elas próprias portadoras do ADN luso e através das suas formas de organização em sociedade e dinâmicas de celebração na tentativa de manter vivas a sua língua e cultura portuguesas<sup>22</sup>, acabam por contribuir para os objetivos de internacionalização e promoção cultural presentes no programa do governo. Fazem-no através da criação e participação em associações e clubes recreativos portugueses, criação e financiamento de escolas comunitárias de língua portuguesa, criação de páginas online informativas tanto para portugueses como para interessados em Portugal e na cultura portuguesa, entre outros. Os portugueses no estrangeiro acabam por ser eles próprios representantes de Portugal. Contudo, pretendo demonstrar o potencial deste ator com um pouco mais de detalhe através de um caso de estudo no último capítulo: a comunidade portuguesa residente na Austrália. Mas, primeiro vou falar da diplomacia portuguesa e de política cultural externa portuguesa.

## 2. Diplomacia Portuguesa

Adriano Moreira diz que “uma diplomacia eficaz é parte fundamental do poder dos que não têm poder” (Moreira, 2007, p. 25), a diplomacia é um dos mais importantes instrumentos de política externa, pelo que, é fundamental para enfrentar os desafios da política externa portuguesa apresentados no tópico 1.1.

Tal como refere Santos Silva, Portugal é um país pequeno em território e não é uma potência na tradicional acessão da palavra. Adriano Moreira chega a afirmar que Portugal sempre foi um país exógeno, “necessitando de um apoio exterior à sua definição política e constitucional, para enfrentar a hierarquia das potências em cada data, e viabilizar o conceito estratégico nacional” (Moreira, 2007, p. 19). Para a viabilização desta estratégia, a diplomacia sempre foi uma ferramenta importante. Segundo Moreira, a viabilidade da primeira deve-se, sobretudo, à excelência da segunda, chegando mesmo a comparar a diplomacia portuguesa à diplomacia do Vaticano, “a mais notável no exercício do *poder dos que não têm poder*” (Moreira, 2007, p. 19). A diplomacia portuguesa desempenha um papel importante na conduta

---

<sup>22</sup> Associativismo, celebrações do 10 de junho e outros feriados portugueses normalmente celebrados como, por exemplo, os santos populares. Organização de eventos e celebrações outras.

da política externa e é essencial para a realização dos objetivos expostos na secção anterior deste capítulo.

Atualmente, a diplomacia portuguesa tem, de facto, vindo a provar ser uma diplomacia eficaz sobretudo a nível multilateral. Essa eficácia está visível em alguns resultados recentes: a eleição de António Guterres para Secretário-Geral da ONU, a eleição de Portugal para o Conselho Executivo da Unesco em novembro de 2017 e, recentemente, a eleição de Mário Centeno a Presidente do Euro grupo e de António Vitorino a diretor-geral da Organização Internacional para as Migrações. Num outro plano, o sucesso das negociações dos planos orçamentais apresentados para 2016 e 2017 com a Comissão e o Conselho europeus e a sua conclusão sem qualquer tipo de sanção, são também um resultado que se deve, em parte, ao trabalho diplomático (Silva, 2017, p. 5)

No que diz respeito à execução da diplomacia portuguesa, o IDI e as embaixadas portuguesas pelo mundo espalhados são os canais oficiais a quem cabe essa tarefa. Contudo, o sistema internacional tem vindo a mudar, resultado dos processos de globalização, as relações internacionais já não se desenvolvem apenas de estado para estado, há uma série de atores implicados no sistema internacional e existe uma interdependência crescente entre esses múltiplos atores, mas também entre os estados. Tendo mudado o sistema e as relações internacionais, também a diplomacia e a sua execução têm de mudar para se adaptarem à nova realidade internacional. A prática diplomática hoje em dia não se cinge às embaixadas e diplomatas. Assim como existe uma variedade de atores no sistema internacional, também se deve considerar que a prática diplomática vai além dos estados. No caso de Portugal, por exemplo o AICEP pode ser considerado uma rede diplomática, neste caso de diplomacia comercial porque aposta na promoção e desenvolvimento da globalização da economia portuguesa promovendo a internacionalização das empresas portuguesas e atraindo investimento estrangeiro para o país. Podemos ainda considerar, na vertente cultural, o Camões, I.P. e as suas representações pelo mundo espalhadas. No entanto, estes dois exemplos, não obstante não serem embaixadas ou consulados, continuam a ser representações estatais e hoje em dia as empresas, por exemplo, também recorrem ao uso da diplomacia (Melissen, 2006)

Contudo, esta não foi a única mudança a registar-se na prática diplomática. O avanço rápido das tecnologias de informação e comunicação conduziram-nos a uma sociedade muito informada, uma sociedade na qual os indivíduos têm acesso fácil e livre a todo o tipo de informação. Com uma sociedade muito informada e com opiniões próprias bem estruturadas,

os estados e respetivos diplomatas veem-se obrigados a levar a cabo uma conduta das suas políticas e decisões de forma mais transparente. Além da era da informação instantânea, vivemos numa era governada pela imagem, em que esta vale mais do que as palavras (Melissen, 2006). Ou seja, tendo-se tornado mais importante, mas também mais difícil de influenciar a opinião pública e, tendo aumentado a importância da imagem, os ministérios dos negócios estrangeiros veem-se hoje mais preocupados com a “reputação” que os seus países têm no plano internacional. A comunicação requer um registo de trabalho mais coerente e transparente, pois qualquer ação de um governo ou dos seus representantes afeta a sua imagem exterior, positiva ou negativamente, e o mesmo acontece com embaixadores e cônsules, cujas palavras e ações vão além do seu espaço tradicional de atuação. Hoje, a comunicação adquire uma nova dimensão, pois o público é o mundo (Rubio, 2014, p. 14).

O que nos conduz a um conceito recente e muito falado nos dias de hoje: a diplomacia pública. Esta nova vertente da diplomacia tem vindo a crescer em relevância e a ser cada vez mais abordada em seminários diplomáticos. Há quem afirme que a diplomacia pública é uma extensão da diplomacia, uma resposta das organizações diplomáticas aos desafios do século XXI (Pamment, 2014, p. 42) e ainda, o reflexo das mudanças que a diplomacia está a experienciar, a expressão da mudança da relação entre as relações diplomáticas e a sociedade no geral, tanto a nível doméstico como externo (Melissen 2011, p. 6).

## **2.1. Diplomacia Pública**

No caso de Portugal, embora o tópico não seja ainda tão abordado como em outros países, é possível identificar alguns resultados e a importância da diplomacia pública. Por exemplo, tendo sido um dos países fortemente abalados pela crise económica e financeira dos últimos anos, o país sentiu necessidade de se reinventar e expor ao mundo de forma a apaziguar a imagem de “lixo” e chamar a atenção por outros aspetos. E conseguiu, tendo recebido ao longo dos últimos anos várias nomeações relevantes e benéficas para a sua imagem, sobretudo na área do turismo. Foi nomeado para mais de 100 distinções pela *World Travel Awards* em 2017 das quais venceu seis<sup>23</sup>. Em 2018, a história voltou a repetir-se com Portugal a arrecadar 36 prémios dos quais Lisboa eleita Melhor Cidade de Destino da Europa. Acresce ainda o facto

---

<sup>23</sup> Melhor destino turístico do mundo, Lisboa venceu o melhor destino para ‘city break’, a Madeira foi eleita o melhor destino insular do mundo, os Parques de Sintra-Monte da Lua venceram o prémio de melhor exemplo de recuperação do património e o Turismo de Portugal venceu o prémio de melhor organização de turismo do mundo e o de melhores campanhas de promoção turística (Marques, 2017)

de Lisboa ter sido considerada pela Eurostat a capital europeia mais segura para se viver e, de acordo com a revista norte-americana 'Life and Invest Overseas', é a melhor cidade para se viver em 2018. De acordo com o *Global Peace Index*, Portugal é o 13º país mais seguro do mundo com uma das taxas de criminalidade mais reduzidas.

Além de ter sido reconhecido como destino turístico de excelência e seguro, Portugal tem vindo a ser alvo de um mediatismo positivo resultado de notícias nas quais celebridades internacionais e Portugal aparecem “juntos”. Um dos melhores exemplos é a mudança de Madonna para Lisboa. Este tipo de eventos têm um efeito extremamente positivo na imagem de Portugal e são também maneiras informais de promoção do país. Portugal está na moda, diga-se. Não só pelo aumento do turismo e reconhecimento do seu potencial enquanto destino de férias, mas também porque foi Campeão Europeu de futebol no Euro 2016, vencedor da Eurovisão em 2017 e, consequentemente, país organizador da última edição da Eurovisão em maio de 2018. Todos estes acontecimentos recentes atraíram as atenções a nível internacional e vieram contribuir para uma imagem positiva de um país que está, ainda, a levantar-se de anos de recessão económica. Este último evento que mencionei, a Eurovisão 2018 foi uma boa oportunidade de projeção a nível internacional - mas sobretudo europeu - para Portugal e que soubemos aproveitar. Os vídeos de apresentação de cada participante foram uma boa forma de promoção, pois foram gravados em diferentes cidades portuguesas (no continente e nas ilhas), apresentando as paisagens, monumentos, particularidades, tradições e até um pouco das iguarias de cada uma delas. Desta forma, através de um evento que foi visualizado por mais de 200 milhões de telespetadores e no qual se celebra a união, a cultura e a diversidade, promovemos Portugal, não só o tradicional, mas também um Portugal moderno, cosmopolita e multicultural. Os eventos que aqui mencionei demonstraram também a ligação das comunidades a Portugal. Por exemplo, visível nas grandes multidões de emigrantes portugueses que foram recebendo a seleção durante o Europeu em França e as celebrações que se verificaram em vários países quando a seleção das quinas venceu o campeonato europeu de futebol.

Em adição ao mencionado, outros feitos foram conseguidos por Portugal. As vitórias da diplomacia portuguesa mencionadas no tópico anterior são resultado do trabalho diplomático português na sua vertente mais pública, demonstram não só que a diplomacia portuguesa funciona, mas também que Portugal pode ser um país exemplo na esfera internacional, que é um país no qual os outros países confiam.

Portugal pode ser pequeno em território, mas pode dizer-se que há um pequeno Portugal em cada canto do mundo graças ao número significativo de emigrantes portugueses. Santos Silva afirma que a diáspora faz parte do quadrilátero<sup>24</sup> que é a política externa portuguesa, é o quarto eixo na qual esta assenta; desta forma, os portugueses por esse mundo espalhados são alvo, ao mesmo tempo que são executores da diplomacia pública portuguesa. São alvo no sentido de serem um dos públicos que interessa. Convém manter uma ligação com os nossos cidadãos deslocados não só porque são uma mais valia para o país, mas também porque faz parte das obrigações do estado-nação providenciar proteção e auxílio aos seus nacionais. São executores na medida em que eles próprios representam Portugal no exterior através da sua identidade nacional e da sua ligação linguística, cultural e patriota<sup>25</sup>, e organizam-se e trabalham nesse sentido. O próprio ministro admite que esta vertente não foi ainda explorada no seu potencial máximo devido a algumas dificuldades das quais eu identifico a de chegar a um público tão multipolar como a diáspora portuguesa, mas também falhas na comunicação.

---

<sup>24</sup> Um hexágono em construção.

<sup>25</sup> Visível na manifestação de apoio e orgulho por parte das comunidades aquando a ocorrência de todos os acontecimentos positivos mencionados nesta secção, desde a vitória do Europeu de Futebol de 2016 aos prémios de turismo arrecadados.

## Capítulo II – A política cultural externa portuguesa

Como vimos anteriormente, a imagem que um país passa para o exterior tem um peso cada vez maior e a promoção da mesma está no centro da política externa. A cultura tem “um papel estruturante na nossa projeção e afirmação no mundo” (Mendes, 2017, p. 1), pelo que, “a política cultural assume um valor de ativo incontestável a várias áreas das políticas públicas” (Mendes, 2017, p. 1). Segundo consta no Diário da República de 23 de agosto de 2017: “A cultura é um pilar essencial da democracia, da identidade nacional, da inovação e do desenvolvimento sustentado” (Resolução do Conselho de Ministros n.º 113/2017, 4933).

Desta forma, proteger e promover a cultura e língua portuguesas, e a identidade nacional, é um dever do Governo. Assim está expresso na Constituição da República Portuguesa. No artigo 9º, podemos ler que das Tarefas Fundamentais do Estado, consta o seguinte:

“(…)

*e) proteger e valorizar o património cultural do povo português,  
defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e  
assegurar um correcto ordenamento do território;*

*f) assegurar o ensino e a valorização permanente, defender o uso e  
promover a difusão internacional da língua portuguesa;”.*

Prevê ainda o artigo 78º, relativo a Fruição e Criação Cultural, que:

*“1. Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever  
de preservar, defender e valorizar o património cultural.*

*2. Incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes  
culturais:*

*a) incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e  
instrumentos de acção cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes  
no país em tal domínio;*



*b) apoiar as iniciativas que estimulem a criação individual e colectiva, nas suas múltiplas formas e expressões, e uma maior circulação das obras e dos bens culturais de qualidade;*

*c) promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum;*

*d) desenvolver as relações culturais com todos os povos, especialmente os de língua portuguesa, e assegurar a defesa e a promoção da cultura portuguesa no estrangeiro;*

*e) articular a política cultural e as demais políticas sectoriais.”.*

Ou seja, promover a língua e cultura portuguesas faz parte das tarefas do Estado português; tarefas que se concretizam numa política cultural externa e diplomacia cultural que no caso português têm uma única denominação: ação cultural externa.

No Programa do XXI Governo Constitucional, a ação cultural externa está exposta na seção “VIII. UM PORTUGAL GLOBAL” e esta seção divide-se em duas: “1. PROMOVER A LÍNGUA PORTUGUESA E A CIDADANIA LUSÓFONA” e “2. CONTINUAR PORTUGAL NAS COMUNIDADES PORTUGUESAS”. Vou começar pelo primeiro tópico e tratarei o segundo na segunda parte deste capítulo referente à diáspora portuguesa.

O Governo de António Costa afirma que é importante reconhecer a língua como um fator de identidade, uma mais-valia cultural, científica, política e económica, sendo este um dos grandes ativos dos países que a partilham (Programa do XXI Governo Constitucional, p. 24). A língua portuguesa é um fator potencial de unidade estratégica na afirmação de Portugal no mundo, mas é também património plurinacional comum dos seus falantes de nacionalidades várias. Assim, não sendo Portugal seu proprietário exclusivo, a língua portuguesa é também um fator estratégico no quadro da lusofonia, que consiste num espaço comum com mais de 200 milhões de falantes (Programa do XXI Governo Constitucional, p. 249).

Devido à sua vertente global, a língua portuguesa é assim promovida em sentidos diferentes. É uma língua global, não só pelo número significativo de falantes que fazem dela a 6ª língua mais falada do mundo ou porque há falantes de português em todos os cinco continentes – diáspora portuguesa e cidadãos de países de língua oficial portuguesa ou com o português como 2ª língua - mas também pela diversidade de culturas que se exprimem em

língua portuguesa. Nesta senda, a língua portuguesa é promovida como uma língua de herança, como uma língua estrangeira e, por fim, como uma língua do mundo, uma língua que serve de fator identitário de uma comunidade: a comunidade lusófona.

São várias as medidas apresentadas pelo Governo para a difusão global da cultura portuguesa e a valorização e ensino internacional da língua e os eixos de orientação passam pela defesa da unidade da Língua Portuguesa, o reconhecimento da Cidadania Lusófona, a definição de uma estratégia conjunta para consolidar o português no mundo e a promoção de livros, autores e leitura em língua portuguesa (Programa do XXI Governo Constitucional, 2015, pp.249-255). Sendo uma vertente da política externa, incumbe ao Ministério dos Negócios Estrangeiros assegurar estes objetivos, mas sendo política cultural cabe ao Camões, I.P., ocupar-se deles, como iremos ver a seguir.

## **1. Camões – Instituto de Cooperação e da Língua, I.P.<sup>26</sup>**

O Camões, I.P.<sup>27</sup> é uma extensão do Ministério dos Negócios Estrangeiros responsável pela política cultural e cooperação do Governo português. Anexado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros Português em 1995, o Camões I.P., concretiza uma das mais importantes plataformas de promoção e afirmação da identidade lusófona além-fronteiras (Guimarães, 2008, p. 3).

As tarefas que fazem parte da missão do Camões, I.P. são várias e estão dispostas no 3.º artigo do Decreto-Lei n.º 21/2012 de 30 de janeiro, o que interessa saber para este trabalho de investigação é que compete ao Camões, I.P. divulgar e promover a internacionalização da língua e da cultura portuguesas e assegurar o ensino do português fora do território nacional. Para tal, o Camões I.P. apoia-se numa rede de: Coordenações de Cooperação da Língua e Cultura Portuguesa, Coordenações do Ensino de Português no Estrangeiro, Escolas e Centros Associados, Centros de Língua, Cátedras, Leitorados e Protocolos de Cooperação e ainda em

---

<sup>26</sup> Todos os dados e informações usados para o desenvolvimento desta seção foram retirados do sítio oficial do Camões, I.P. e dos *Relatório de Atividades do Camões, I.P. 2015*, de abril de 2016, e *Relatório de Atividades do Camões, I.P. 2016*, de abril de 2017.

<sup>27</sup> Assim denominado desde 2012 fruto da fusão do Instituto Camões, I.P. com o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, I.P.

Centros Culturais Portugueses e Unidades de Cooperação. Em cooperação com 357 instituições de ensino superior, instituições de ensino pré-escolar, básico e secundário, em coordenação com organizações, Ministérios dos Negócios Estrangeiros, agentes locais com responsabilidades educativas e com as diásporas de língua portuguesa, o Camões, I.P. assegura a promoção e o ensino da língua e culturas lusas em 84 países.

De acordo com o último relatório de atividades, publicado em abril de 2016, o Camões, I.P. realizou em 2015 um total de 1.198 ações culturais externas. Nesta vertente cultural, o Camões IP apoia iniciativas de várias áreas – literatura, música, dança, teatro, cinema, artes visuais, arquitetura e património -, organiza exposições e apoia a participação de artistas ou de obras de artistas portugueses ou de países da CPLP em festivais, conferências, feiras, ciclos e outros eventos culturais de âmbito nacional organizados por países estrangeiros. De exemplo serve a participação de Portugal na Feira Internacional do Livro em Guadalajara 2018 enquanto convidado de honra.

“Encarar a cultura como língua, estar na língua como cultura”, é nesta premissa que assenta a missão de promoção do Camões, I.P. No relatório de 2015, consta que um dos objetivos da Direção de Serviços de Língua e de Cultura (DSLCC) é reforçar a aposta na língua portuguesa enquanto vetor estratégico sobretudo na aproximação às comunidades portuguesas (Camões, 2016, p. 48). A DSLCC tem seis programas de atuação nos domínios da língua e da cultura: o P1 – Programa de Portugueses no Mundo, o P2 – Programa Português Língua de Herança, o P3 – Educação para Todos, o P4 – Ação Cultural Externa, o P5 – Cultura e Desenvolvimento e o P6 – Centro Virtual Camões (Camões, 2016, p. 49). Dos seis mencionados, é o P2 que para aqui interessa.

O programa *Português Língua de Herança* é dirigido a públicos escolares, desde o ensino pré-escolar ao secundário de vários países dos continentes europeu, americano e da Oceânia e desenvolve-se no âmbito do apoio à diáspora sendo que “os projetos e atividades assentam na difusão da língua portuguesa enquanto fator identitário das diásporas” (Camões, 2016, p. 53). Neste programa há algumas distinções a fazer, existe uma rede oficial que se distingue de uma rede apoiada e o ensino integrado que difere do ensino paralelo.

A rede oficial corresponde à rede presente nos países africanos e europeus, esta rede é assim designada porque os 312 professores em funções foram colocados pelo Camões, I.P. (Camões, 2017, p. 89). Já a rede apoiada, que engloba os países dos outros dois continentes em

cima mencionados – sendo o caso da Austrália-, recebe apoio através de ações de formação destinadas aos 631 professores, oferta de manuais aos 24.385 alunos, bibliotecas escolares e certificação (Camões, 2017, p. 89). Nestas duas redes, o Camões, I.P. atua com o apoio de 11 Centros de Ensino de Português no Estrangeiro (CEPE), um deles na Austrália. Através dos CEPE, o Camões, I.P. presta apoio a 815 professores e 68.226 alunos (Camões, 2016, p. 53). No que diz respeito aos dois tipos de ensino referidos, o ensino integrado é quando o ensino do português está integrado nos programas curriculares locais e o ensino paralelo consiste no ensino da língua portuguesa como atividade extracurricular (Camões, 2016, p. 55). Para reforço do trabalho realizado pelas CEPE, entre 2014 e 2017, foram enviadas um total de 1141<sup>28</sup> bibliotecas.

Importa também mencionar que o Camões, I.P. tem vindo a apostar na inovação e esforçar-se para se manter a par da sociedade moderna. Por exemplo, o investimento no ensino à distância. Através da sua plataforma *elearning* e Centro Virtual Camões, o Camões, I.P. tem vindo a formar professores à distância e a disponibilizar, além de material didático, cursos *online* de português. Em maio de 2016 foi apresentado o *Programa Simplex 2016* que visou acelerar a modernização dos serviços do instituto, simplificar medidas com a desmaterialização de processos e aumentar a visibilidade da missão do Camões, I.P. Este programa englobou a criação de uma plataforma *App elearning Camões* que permite a qualquer pessoa aprender ou treinar o seu português em qualquer lugar. Também com a inovação em vista, surgiu o programa “Empresa Promotora da Língua Portuguesa” que consiste na colaboração entre o Camões, I.P. e 11 empresas portuguesas<sup>29</sup> para a promoção da língua de Camões. Estas empresas podem criar bolsas de estudo ou de investigação, leitorados e cátedras aos quais podem associar o seu nome, em troca recebem benefícios fiscais<sup>30</sup> e acesso direto a ações de formação linguística do Camões, I.P. e o apoio da rede Externa do MNE e da AICEP (Lusa, 2017).

Como vimos, o Camões, I.P. tem uma variada rede de meios na qual se apoia para a divulgação da língua e culturas lusas tendo como objetivo a internacionalização das mesmas. Tratando-se da promoção de fatores identitários importantes que fazem e mantêm a ponte de

---

<sup>28</sup> Com base nos números e informações presentes nos relatórios de atividades do Camões de 2015, página 57, e de 2016, página 94.

<sup>29</sup> Imprensa Nacional Casa da Moeda, Millennium BCP, RTP, Jerónimo Martins, Porto Editora, Banco BIC, Ensinus, Cofac, Lidel, Banco Santander e Sonae.

<sup>30</sup> As suas contribuições correspondem a donativos.

ligação entre as comunidades e o seu país de origem, a aproximação à diáspora é também uma finalidade.

## Capítulo III – “Canais” oficiais e informais na política externa: o caso Portugal - Austrália

### 1. Relações Bilaterais Portugal-Austrália

Olhando para o todo das relações Portugal-Austrália<sup>31</sup>, pode dizer-se que estas são positivas. Resolvidos os atritos passados relativamente a Timor-Leste, as relações desenvolveram-se em bons termos e os países são hoje parceiros comerciais e nas principais organizações multilaterais tendo-se, segundo o Dr. Paulo Domingues<sup>32</sup>, apoiado mutuamente nas suas candidaturas em organizações internacionais e, em 2014, subscrito um acordo bilateral relativamente a mobilidade jovem e o trabalho em férias. Em comum, têm os valores da democracia, do Estado de Direito, a defesa dos direitos humanos, a mesma visão de um mundo multipolar e as mesmas prioridades em relação ao mar. Podemos ainda afirmar que têm ligações históricas que se cruzam quando consideradas as ligações de Portugal à região que a Austrália considera, hoje, a sua vizinhança e onde, estrategicamente, deposita grande parte dos seus interesses de política externa: a Ásia-Pacífico, e ainda a ligação do país ‘Downunder’ ao velho continente, que remete a um passado colonial e está na base das suas raízes culturais.

Contudo, é seguro afirmar que as relações são modestas e podem desenvolver-se mais. De acordo com o Dr. Paulo Domingues, o Governo português tem como prioridade no relacionamento com a Austrália o desenvolvimento das relações económicas. O saldo das relações comerciais entre os dois países é positivo e tem vindo a melhorar, sendo que desde 2012 se registou um crescimento médio anual de 11,7% das trocas comerciais bilaterais, segundo avançou o recém ex-cônsul. As relações comerciais e económicas podem melhorar e há interesse de ambas as partes, prova disso é a recente abertura de uma representação da AICEP na Austrália, em março de 2017, e a recente visita de uma delegação empresarial australiana liderada pelo Governador-Geral, Sir Peter Cosgrove, a Lisboa a propósito do

---

<sup>31</sup> As relações estão estabelecidas por algumas entidades oficiais, das quais: a Embaixada da Austrália em Lisboa, a Embaixada de Portugal em Canberra, onde existe uma seção consular, e o Consulado-Geral de Portugal em Sydney. Existe ainda uma representação do Camões, I.P, Coordenação de Ensino de Português no Estrangeiro – Austrália (CEPE-AU) e um Centro de Língua Portuguesa em Sidney e, mais recente, um escritório da AICEP. Importa ainda mencionar que existem cinco Consulados Honorários na Austrália, em Adelaide, Brisbane, Darwin, Melbourne e Perth.

<sup>32</sup> Cônsul-Geral de Portugal em Sidney de agosto de 2016 a agosto de 2018.

futuro acordo comercial entre a Austrália e a UE. Em entrevista ao Jornal Económico<sup>33</sup>, Jason Collins<sup>34</sup>, admitiu existirem em Portugal setores de oportunidade de investimento para a Austrália, como o financeiro, energias renováveis e os transportes. Sendo a Austrália um país com um fundo de pensões para investimento de longo prazo no valor de 1,2 biliões de euros, um dos maiores do mundo, certamente seria uma boa fonte de investimento estrangeiro para Portugal.

Durante esta última visita, supramencionada, foi possível confirmar o bom estado das relações bilaterais, tendo o Governador-Geral sido recebido pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Fernando Medina, e pelo Presidente da República Portuguesa, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa. Para provar que os atritos passados ficaram resolvidos, o Presidente português condecorou Sir Cosgrove com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade em forma de reconhecimento e agradecimento do papel decisivo da Austrália – enquanto comandante da INTERFET - na transição de Timor-Leste. Num jantar oferecido pela Presidência da República, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa afirmou que a distância física nunca foi um entrave ao estabelecimento de relações amistosas para Portugal, aplicando-se às relações com a Austrália. Para justificar tal afirmação, mencionou as ligações históricas entre os dois países, seja pela ligação de Portugal à Ásia-Pacífico, como já mencionei, ou por existirem vestígios portugueses na Austrália que remontam ao século XVI. O Presidente da República Portuguesa reforçou ainda a ideia de que os dois países partilham valores comuns e a cooperação entre ambos tem resultados visíveis, contudo as relações económicas e comerciais bilaterais têm um grande potencial de desenvolvimento e esta visita é um indício disso<sup>35</sup>.

Outras visitas oficiais têm vindo a ocorrer entre os dois países, das mais recentes podem salientar-se a visita do anterior Presidente da República Portuguesa, Prof. Aníbal Cavaco Silva à Austrália, em 2012, e as recentes visitas do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Dr. José Luís Carneiro, à Austrália, em julho de 2017 e em março de 2018 tendo-se feito acompanhar por Luís Faro Ramos, Presidente do Camões I.P., na última visita.

---

<sup>33</sup> Pode consultar a entrevista na íntegra aqui: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/australia-o-pais-que-nao-se-lembra-da-crise-tem-os-olhos-postos-em-portugal-338958>.

<sup>34</sup> CEO do European Australian Business Council.

<sup>35</sup> O discurso foi disponibilizado na página oficial da República Portuguesa em formato de vídeo. Pode consultar o discurso do Presidente aqui: <http://www.presidencia.pt/?idc=37&idi=150494>.

Vimos que as relações bilaterais estão em bons termos e que há possibilidades de desenvolvimento das relações económicas. No entanto, existem outros fatores que ligam Portugal à Austrália e fazem do país-continente um ponto de interesse para Portugal. Refiro-me à numerosa comunidade de portugueses que lá reside e que nos remete imediatamente para outras áreas das relações bilaterais, nas quais Portugal também tem vindo a investir: o ensino da língua e da cultura portuguesa, que se insere no plano da ação cultural de Portugal na Austrália. É da promoção cultural que irei falar no tópico seguinte.

### **1.1. Ação cultural externa portuguesa na Austrália: “canais” oficiais**

À primeira vista, não parece fácil encontrar uma ação cultural externa portuguesa para a Austrália bem definida, é quase inexistente, contudo, é possível identificar alguns avanços. Apesar do enfoque das relações bilaterais ser a diplomacia económica, as relações também florescem na vertente cultural e sobretudo de promoção da língua. Uma das principais razões é um ponto que os dois países têm em comum: a significativa comunidade portuguesa residente na Austrália.

Pelo que me foi possível apurar através de entrevistas – algumas feitas por mim e outras encontradas nos *media online* - dos questionários e Relatórios de Atividade do Camões, I.P., são escassas as iniciativas e ações culturais portuguesas na Austrália, sendo as medidas recentes e maioritariamente dirigidas às comunidades portuguesas. Existem cursos de estudos portugueses em duas universidades australianas – Universidade Nacional de Camberra e Universidade La Trobe em Melbourne – frequentados por um total de 40 alunos e existe apenas uma escola no Estado da Nova Gales do Sul onde a língua portuguesa é uma disciplina opcional. Ao contrário do que acontece em muitos outros países, o ensino da língua portuguesa na Austrália é feito, quase exclusivamente, através de escolas comunitárias<sup>36</sup> sendo que, até há pouco tempo, não existia uma entidade oficial que representasse a língua portuguesa no país. Essas mesmas escolas de línguas, escolas comunitárias ou étnicas, são patrocinadas pelos Governos Estaduais australianos através do Departamento de Educação dos respetivos Estados onde estão localizadas e funcionam devido ao esforço dos pais e alunos, não sendo financiadas pelo Estado Português. O ensino da língua portuguesa na Austrália é assumido como língua estrangeira ou segunda língua porque a comunidade portuguesa é antiga, vai na terceira geração,

---

<sup>36</sup> Atualmente existem 23 escolas que ensinam a língua portuguesa na Austrália.



e é quase exclusivamente dirigido às comunidades e organizado pelas mesmas.

Contudo, têm-se vindo a registar alguns progressos. Em 2013, por fim, foi nomeada uma Coordenadora do Ensino de Português no Estrangeiro para a Austrália, tendo assim sido criada a CEPE-AU. A criação desta Coordenação possibilitou a abertura de seis novas escolas em diferentes Estados australianos e veio providenciar apoio às já existentes. Como já aqui mencionei no capítulo referente à política cultural externa portuguesa, a Austrália é um dos países que faz parte da Rede Apoiada do Camões, I.P e é através da CEPE-AU que recebe apoio. Em entrevista<sup>37</sup> ao jornal *Mundo Português*, em 2016, a Coordenadora EPE na Austrália, Dra. Susana Teixeira-Pinto, explicou quais as formas e objetivos de atuação da Coordenação. Numa primeira vertente, a CEPE-AU apoia as já existentes estruturas comunitárias de ensino de português, colaborando com os professores locais, contribuindo para a formação dos mesmos, com a atualização do material didático, distribuição dos livros escolares e outros materiais anualmente disponibilizados pelo Camões, I.P.; contribui também com a certificação e a implementação dos procedimentos de Língua Portuguesa de acordo com as orientações do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas estrangeiras e com o Quadro de Referência de Ensino de Português no Estrangeiro. Dinamiza ainda bibliotecas itinerantes e organiza visitas de escritores portugueses às escolas. Existem atualmente 650 alunos de língua portuguesa e 39 docentes na Austrália, segundo o Dr. José Luís Carneiro. A Coordenadora EPE afirmou que após a consolidação das escolas comunitárias, poder-se-á então apostar em iniciativas de promoção da língua portuguesa junto dos australianos, um vetor que ainda pode ser muito trabalhado.

Numa segunda vertente, a CEPE-AU garante a representação da língua portuguesa junto das instituições governamentais australianas. Este é um papel extremamente importante a desempenhar num país que celebra a multiculturalidade e onde o número de falantes da língua portuguesa quase duplicou nos últimos 10 anos, sendo que, nos últimos Censos realizados na Austrália - em 2016 - 48.865 pessoas admitiram falar português em casa<sup>38</sup>.

A Austrália assume-se como um país multicultural, 49% da população australiana nasceu fora do país ou tem pelo menos um dos pais nascidos no estrangeiro. Em entrevista informal à Sr.<sup>a</sup> Beatriz Wagner – produtora executiva da SBS Portuguese -, um dos tópicos foi a multiculturalidade e a forma como esta é tratada na Austrália. Segundo a entrevistada, existe uma preocupação que as comunidades tenham orgulho nas suas raízes culturais, tenham uma

---

<sup>37</sup> Pode consultar a entrevista na íntegra aqui: <https://www.mundoportugues.pt/64083/>.

<sup>38</sup> Pode consultar o Relatório dos CENSUS 2016 aqui: *Australian Bureau of Statistics*, <http://www.abs.gov.au/census>.

ligação ao seu país e às suas língua e cultura e isso reflete-se nos apoios providenciados pelos Governos estaduais e federal da Austrália à criação de associações e clubes recreativos e escolas de ensino de língua e ainda nos meios de comunicação nacionais. A SBS é a RTP australiana, a rádio e televisão pública australiana que emite em 74 línguas, uma das quais a língua portuguesa. Normalmente é feita nos Censos australianos uma questão - que língua fala em casa? – que serve para decidir quais as línguas que vão para o ar e a duração da emissão em cada língua. Assim que, é fundamental sensibilizar os luso falantes da importância de afirmarem que falam outra língua em casa, e a CEPE-AU tem desempenhado um papel importante neste aspeto, mas também ao fazer a ponte de contato entre a comunidade lusa e as entidades governamentais australianas. Atualmente a emissão de rádio em língua portuguesa, a SBS Portuguese, tem duas horas de emissão semanal, e aos domingos de manhã são emitidas no SBS TWO notícias em português cedidas pela RTP, emissões dirigidas às comunidades falantes da língua portuguesa na Austrália que são maioritariamente constituídas pelas comunidades portuguesa, brasileira e timorense.

Além do ensino da língua, a CEPE-AU organiza eventos culturais junto das escolas comunitárias e das comunidades civis e outros que chegam, ainda que em menor escala, à comunidade australiana. Para tal, a Coordenação colabora com a Embaixada e o Consulado-Geral, e por vezes com outras entidades, para a organização de concertos de música – do qual serve exemplo um recital de piano por Bruno Belthoise em agosto passado – cinema – *NY Portuguese Short Film Festival 2017* – exposições de pintura, entre outros.

Ainda assim, o foco da Coordenação é sobretudo o ensino e a representação da língua portuguesa. Segundo o Dr. Paulo Domingues, a Embaixada em Camberra e o Consulado-Geral em Sidney têm um plano de ação cultural que privilegia outros temas do universo da cultura portuguesa, promovendo mostras de arquitetura, cinema, pintura e artes plásticas junto do público australiano. Em 2016, realizaram-se 118 iniciativas culturais na Ásia e Oceânia, região onde se insere a Austrália (Camões, 2017). Este ano, em junho, realizou-se o primeiro festival LUSOMIA<sup>39</sup> em Sidney. Um festival internacional que tem como objetivo promover a gastronomia, o vinho, a música e arte portuguesas e para o qual o grupo de portugueses que deu início ao projeto em Macau contou com o apoio do Consulado-Geral de Portugal em Sidney, a Embaixada de Portugal em Camberra e o Camões, I.P.

Apesar dos avanços mencionados, ainda há um longo caminho a percorrer. Nos questionários feitos por mim, os inquiridos são questionados em relação à possibilidade de os

---

<sup>39</sup> <http://www.lusomia.com/>

meios e métodos de promoção cultural poderem ser melhorados, ao qual 93 dos 103 inquiridos responderam que sim. Nessa mesma questão, pedi ainda que dessem algumas sugestões, de entre as várias ideias sugeridas, há vários inquiridos que sugerem que o Consulado e Embaixada organizem mais iniciativas e que as façam chegar à população australiana e há um inquirido que dá uma sugestão que pode ser interessante: a criação de um ‘Roteiro Português de Sydney, que visaria tirar melhor proveito dos inúmeros estabelecimentos detidos por portugueses. Há ainda quem sugira a criação de uma biblioteca itinerante e alguns sugerem um melhor e mais frequente uso das redes sociais para fins de publicitação dos eventos, de forma a melhorar a divulgação e chegar a uma população mais alargada. A Conselheira das Comunidades Portuguesas na Austrália e Nova Zelândia, Dra. Sílvia Renda, em entrevista ao programa *Páginas de Português* da RTP<sup>40</sup>, apelou ao apoio do Governo português e do Camões, I.P. – aproveitando a visita do Secretário de Estado e do Presidente do Camões, I.P. – à promoção e ensino da língua portuguesa e a uma maior aproximação à comunidade portuguesa na Austrália. Uma comunidade significativa que está longe e por vezes parece ser um pouco esquecida, mas que apesar de tudo mantém vivas as suas ligações a Portugal celebrando as suas raízes e cultura lusas através de eventos e do associativismo. Poderão estas dinâmicas ser consideradas na hora de olhar para a promoção cultural portuguesa na Austrália? De que forma devemos olhá-las? É com estas questões em mente que avançamos para o segundo tópico deste capítulo: a comunidade portuguesa na Austrália.

## **2. A comunidade portuguesa na Austrália: “canais” informais**

Estima-se que a comunidade portuguesa na Austrália seja de 60 mil residentes, quando considerados os nados em Portugal e os luso-descendentes<sup>41</sup>. Encontram-se espalhados um pouco por todo o território australiano, mas as principais áreas de fixação são Sidney<sup>42</sup>, Wollongong, Melbourne, Perth, Brisbane, Adelaide e Darwin. A Austrália é um destino antigo de emigração dos portugueses, pelo que a comunidade portuguesa que lá reside é uma comunidade bem estabelecida. Foi na década de 50 que a migração portuguesa para a Austrália começou a ganhar proporções significativas, com a chegada de um grupo de madeirenses à

---

<sup>40</sup> Pode aceder à entrevista completa aqui: <https://www.rtp.pt/play/p263/e335040/paginas-de-portugues>.

<sup>41</sup> Atualmente a comunidade é constituída por mais luso-descendentes do que portugueses nascidos em Portugal.

<sup>42</sup> Nesta cidade encontra-se 50% da comunidade portuguesa na Austrália.

cidade de Freemantle onde viriam a estabelecer uma comunidade piscatória<sup>43</sup>. Os primeiros emigrantes tinham poucas habilitações literárias e não tinham conhecimentos básicos da língua inglesa, apesar disso, integraram-se bem, tanto a nível social como profissional, tendo dado resposta à grande procura de mão-de-obra não qualificada na Austrália, sobretudo nas áreas da construção civil e da manufatura. Alguns lançaram-se por conta própria e hoje são empreendedores bem-sucedidos em áreas como a restauração<sup>44</sup>, por exemplo. Segundo o Dr. Paulo Domingues, esta emigração mais antiga mantém uma relação forte com Portugal, continua a ver diariamente os canais de televisão portuguesa e a frequentar os restaurantes e clubes portugueses, locais comuns de encontro da comunidade.

Os portugueses que chegam hoje à Austrália diferem dos portugueses das primeiras vagas de emigração. São, sobretudo, jovens altamente qualificados que vão para ocupar altos quadros de empresas e dominam a língua inglesa e por isso têm maior facilidade em integrar-se na sociedade australiana. Estão mais dispersos e não sentem tanta necessidade de conviver com os restantes elementos da comunidade portuguesa.

Pelo que me foi possível apurar através das entrevistas que realizei, de forma geral, a comunidade portuguesa na Austrália manifesta orgulho nas suas raízes lusas e nos feitos alcançados pelo país, é vista como honesta, empreendedora e trabalhadora pelas autoridades australianas que reconhecem também a contribuição positiva da mesma para o desenvolvimento do país. É uma comunidade que se encontra integrada tanto a nível social como profissional, contudo, a distância e o pouco envolvimento ou participação do Governo português, acabam por aprofundar o afastamento em relação a Portugal. Segundo o Dr. Paulo Domingues, o uso da língua portuguesa é escasso, as taxas de abstenção em atos eleitorais são elevadas e a participação política na sociedade local é baixa, sendo que existe uma única luso-eleita a nível municipal. A Dra. Sílvia Renda afirma que é necessário incentivar os pais a educar os filhos também na língua portuguesa, além da língua inglesa. No entanto, nos questionários por mim feitos, alguns inquiridos demonstraram algum descontentamento com a falta de atividades dirigidas a crianças, afirmando que apesar da sua vontade de educar os seus filhos conscientes das suas raízes lusas, esta falha dificulta a tarefa de despertar o interesse dos mais pequenos pela cultura e língua portuguesa. Ainda assim, pelo estudo que tenho vindo a fazer ao longo dos últimos dois anos, posso afirmar que a comunidade se esforça para manter as suas raízes lusas

---

<sup>43</sup> Para mais informações pode consultar o Website Portuguese in Australia, no seguinte link: <http://www.portuguese.org.au/?q=pt/node/hist%C3%B3ria-da-emigra%C3%A7%C3%A3o-portuguesa-para-austr%C3%A1lia>. Esta página foi uma das principais fontes de informação para a realização desta seção do trabalho.

<sup>44</sup> De exemplo serve o Sr. ° António Cerqueira, fundador da cadeia de restaurantes Oporto.

e organiza-se de várias formas para celebrar e transmitir às gerações mais novas a cultura e língua de Camões, tanto “sozinha” como em colaboração com outras comunidades luso-falantes.

Já Adriano Moreira dizia, é sempre o laço cultural que permanece e não o político. É este laço cultural e o sentido de pertença a Portugal enquanto nação, que mantém a ligação entre as comunidades e o país lusitano. O associativismo assume um papel muito importante. No caso aqui em estudo, foi nas décadas de 70 e 80 que começaram a surgir os primeiros clubes e associações culturais e recreativas portuguesas e todos se mantêm em funções até ao dia de hoje. Atualmente, existem cerca de 30 associações portuguesas espalhadas um pouco por todo o território. De acordo com os resultados dos questionários, 89% dos inquiridos afirmou que existe uma associação recreativa na sua área de residência e 62 dos inquiridos responderam que existe mais do que uma associação. Estas têm um papel muito importante na prestação de apoio às comunidades, ajudando à integração dos que chegam pela primeira vez e servindo de laço com Portugal através dos frequentes eventos culturais que organizam, acabam por desempenhar também um papel de promotores da cultura e língua portuguesas. Estes clubes surgiram por iniciativa de membros da comunidade, pelo que me foi possível apurar, recebem apoios das entidades australianas e foi recentemente lançado pelo MNE um novo regime de apoio ao associativismo que visa disponibilizar apoios financeiros a associações recreativas portuguesas espalhadas pelo mundo, e o Consulado-Geral em Sidney recebeu algumas candidaturas de associações para estes apoios.

As associações portuguesas na Austrália organizam variados eventos, como noites de fado, concertos de música popular portuguesa, festas temáticas de datas comemorativas como o Carnaval, a Páscoa, o Dia da Madeira, o Dia de Portugal, o Natal, a passagem de ano, os santos populares, entre outros. Alguns clubes como o *The Brisbane Portuguese Club* e o *Sydney Portugal Community Club* (SPCC) servem refeições tipicamente portuguesas aos fins de semana e durante a semana, respetivamente, e são clubes muito dinâmicos. Só o SPCC organizou, em 2017, mais de 50 eventos publicitados na sua página do *Facebook* e além de uma equipa de futebol inaugurou, aquando a última visita do Secretário de Estado das Comunidades, uma biblioteca de língua portuguesa.

Mas nem só as associações organizam eventos de promoção da cultura portuguesa. Do Conselho das Comunidades nasceu uma outra organização, a Comunidades de Língua Portuguesa (CLP). Esta organização tem como membros várias associações portuguesas, timorenses e brasileiras do Estado de Victoria e tem como objetivos celebrar o dia de Portugal

e promover a cultura portuguesa, unir as comunidades lusófonas e celebrar as ligações históricas entre si, apoiar e promover as associações portuguesas de Victoria e promover a língua e cultura portuguesas junto da comunidade australiana no geral, aprofundando as interações entre a sociedade e as associações portuguesas (About us/ Comunidades de Língua Portuguesa). A CLP organiza, pelo menos, dois eventos muito relevantes, um deles é a celebração anual do 10 de junho que ocorre no Queen Victoria Market e se intitula por *A Taste of Portugal*. Neste evento não faltam as sardinhas, os pastéis de Belém, o frango assado, o folclore português, a música popular, ou seja, um arraial à boa maneira portuguesa. Mas também é possível dançar aos ritmos brasileiros e timorenses. Este festival anual é já muito conhecido entre os australianos e todos os anos conta com muitos visitantes, portugueses, luso-descendentes e australianos curiosos. Além deste evento, a CLP organiza também, de 2 em 2 anos, o *Festival de Warnambool*. Este segundo evento visa celebrar através da música, dança tradicional e gastronomia portuguesas as ligações históricas entre Portugal e a Austrália. Tem por base a lenda do Navio de Mogno que conta que existe um navio enterrado nas dunas de Warnambool resultado de um naufrágio, acredita-se que este navio tem origem portuguesa apoiando a teoria de que a Austrália foi descoberta por marinheiros portugueses.

Existe até um bairro português, assim apelidado graças aos inúmeros restaurantes, pastelarias e comunidade portuguesas lá existentes e onde todos os anos ocorre o *Bairro Português Petersham Food and Wine Fair*. Um festival gastronómico anual organizado pela Câmara de Marrickville, aberto a todos os que queiram provar o que de melhor há na gastronomia portuguesa e dançar ao som de música popular. Um evento que conta com a participação da comunidade e estabelecimentos portugueses, mas também recebe a visita de muitos australianos.

Mas além das celebrações, os portugueses na Austrália têm outros meios de manifestar a sua portugalidade. Existem rádio comunitárias, a *Portuguese Radio* em Sidney, a *Rádio Lusitânia* em Adelaide e ainda a *Wollongong Vox*, a rádio de Wollongong que emite semanalmente um programa em português, “Voz Portuguesa”; jornais, o *Jornal Português* e o *Portugal Notícias* ambos semanais e de Sydney; a página online *Portuguese in Australia*, um projeto de um grupo de portugueses na Austrália onde se encontra muita informação útil sobre as comunidades lusófonas que residem no país, sobre Portugal e tudo o que é necessário saber antes de viajar ou emigrar para lá, inclusive as páginas oficiais do Governo português (embaixada em Camberra e Consulado-Geral em Sidney) recomendam a consulta deste *website*. As redes sociais assumem também um papel muito importante, sendo que existem vários grupos

de portugueses na Austrália no *Facebook*, estes grupos servem de espaço de encontro, de esclarecimento de dúvidas, entajuda e divulgação de eventos e outros.

A 10 de junho de 1997, um grupo de portugueses determinados a promover a cultura e as tradições portuguesas junto das várias comunidades que compõem o país criou o Museu Etnográfico Português da Austrália (Home/Portuguese Ethnographic Museum of Australia). O museu é gerido por voluntários e funciona graças às contribuições feitas pelos emigrantes portugueses na Austrália, os objetos etnográficos que compõem as exposições que lá podemos encontrar foram doados ou emprestados por elementos da comunidade portuguesa. Além das exposições, que primam por promover o trabalho de artistas e escritores portugueses que vivem ou viveram na Austrália, o museu também organiza alguns eventos como sessões de cinema ou outros de cariz mais popular como o desfile de trajes de marchas populares em maio passado. Para estes eventos normalmente é cobrada uma entrada de valor facultativo que é considerado um donativo para a continuidade da existência do museu (Home/Portuguese Ethnographic Museum of Australia). Na sua última visita ao país ‘*Downunder*’, o Secretário de Estado das Comunidades entregou uma placa de mérito ao Museu em reconhecimento do bom trabalho que tem feito em prol da representação e promoção da etnografia e cultura portuguesas.

Mas nem só em torno de manifestações culturais se organiza a comunidade portuguesa, têm vindo a surgir diferentes formas de associativismo. Durante a sua última visita à Austrália, o Dr. José Luís Carneiro teve a oportunidade de participar na criação de associações de cariz social e de áreas como investigação académica, ensino do português, igualdade de género. Foi criada a Associação dos Investigadores Portuguesas da Australásia e do Pacífico, que antes era um grupo informal no *Facebook*. Foram também criadas a Associação das Mulheres Portuguesas na Austrália, em Victoria, e a Associação de Professores das Escolas de Língua Portuguesa e a Associação dos Pais e Amigos das Escolas de Língua Portuguesa, em Nova Gales do Sul. Importa ainda referir que existem cinco consulados honorários<sup>45</sup> na Austrália que são muito importantes, tendo em conta que a Austrália é constituída por um território vasto e que a comunidade portuguesa se encontra um pouco espalhada por todo ele, estes consulados são uma grande ajuda na tentativa de ultrapassar os grandes desafios impostos pela distância.

Como já referido, a comunidade também se organizou de forma a criar espaços onde se possa ensinar a língua de Camões. Foi-me possível identificar 18 instituições que ensinam a língua portuguesa, desde escolas portuguesas a escolas étnicas, institutos de línguas e alguns espaços como clubes portugueses ou escolas públicas. Esta oferta de ensino da língua foi

---

<sup>45</sup> Em Adelaide, Brisbane, Darwin, Melbourne e Perth.



surgindo sobretudo devido ao esforço da comunidade portuguesa, aos professores voluntários e dos pais e alunos que se disponibilizam às sextas e sábados de manhã. Olhando para os questionários, 78% dos inquiridos afirmou existir uma escola de língua portuguesa na sua cidade e 43% respondeu que é a comunidade quem financia a escola. Algumas escolas comunitárias funcionam há mais de 40 anos, mas só desde de 2013 recebem o apoio da CEPE-AU.

Após esta breve caracterização da comunidade portuguesa na Austrália e enumeração das suas várias dinâmicas, que acabam por ser formas informais de promoção da cultura portuguesa, importa olhar para os resultados dos questionários e tentar perceber como se sentem os portugueses na Austrália em relação a Portugal, ao Estado Português e como veem as suas próprias dinâmicas. Como já aqui foi referido, a distância é grande e os esforços maiores são recentes pelo que ainda há muito que se pode fazer pela comunidade e pela promoção cultural na Austrália, isto reflete-se nas respostas aos questionários. Mais de metade dos inquiridos (56%) afirmou não se sentir bem representado pelas entidades governamentais portuguesas e alguns expressaram o seu descontentamento respondendo com comentários negativos sobre as entidades, sendo um claro indício de negligência dos vários executivos que foram passando pelo Governo português. Cerca de 62% dos inquiridos concorda que a comunidade portuguesa é ativa na celebração da cultura e língua portuguesas e também mais de metade (66%) afirmou participar em atividades culturais portuguesas, maioritariamente organizadas pela comunidade portuguesa e associações recreativas<sup>46</sup>. Quando questionados relativamente ao papel que as dinâmicas da comunidade teriam, 33 dos inquiridos responderam que estas compensam o as falhas do Estado português sendo o reflexo da sua ausência, tanto na vertente cultural como na aproximação às comunidades. Alguns manifestaram descontentamento para com o Estado português, afirmando que a participação deste é escassa e poderia ser feito muito mais. Por outro lado, outros concordaram que os eventos comunitários têm uma contribuição importante, e 15 dos inquiridos afirmaram que as dinâmicas comunitárias complementam o trabalho do Estado português. O que me leva a considerar que se estes dois atores trabalharem em conjunto para a promoção cultural de Portugal, esta poderá ser mais eficaz. Coloca-se uma questão: pode a comunidade portuguesa na Austrália ser um aliado do Estado português na promoção cultural? É assim que vou terminar este trabalho de investigação, tentando responder a esta questão no próximo e último tópico.

---

<sup>46</sup> 43% respondeu participar em atividades organizadas por associações recreativas, 38% respondeu participar em eventos organizados pela comunidade e 16% respondeu que participa em atividades organizadas por entidades governamentais portuguesas.



### **3. Representações do Estado e Comunidade: aliados na promoção cultural**

É o próprio Governo português que afirma a importância de valorizar a diáspora portuguesa e o seu papel na representação de Portugal, sendo que está expresso no Programa do XXI Governo Constitucional que cada emigrante português é uma representação do nosso país. Quando questionado sobre outras formas de promoção e representação cultural na Austrália, além do que eu aqui chamei de canais formais, o Dr. Paulo Domingues mencionou os rádios, os jornais, os grupos informais no *Facebook*, as associações recreativas, o museu e a rede de estabelecimentos detidos por portugueses. Todos estes são projetos que surgiram da comunidade, ou seja, podemos dizer que o Governo português considera os eventos, o associativismo, a organização da comunidade portuguesa na Austrália, no geral, uma forma de promoção da cultura lusa. Pelo que fui apurando, a comunidade faz questão de convidar e manter as entidades portuguesas a par dos eventos, e o recém ex-cônsul também fazia questão de estar presente nos eventos sempre que podia. Alguns desses eventos surgem da colaboração entre entidades como o Consulado-Geral em Sidney, a CEPE-AU e algumas associações recreativas. De exemplo serve o *NY Portuguese Short Film Festival 2017* que se realizou através da colaboração entre o Arte Institute, o Consulado-Geral em Sidney e o SPCC. Será que os portugueses residentes na Austrália podem ser considerados diplomatas nas horas vagas? Sim, no seu programa, o XXI Governo português intitula a diáspora portuguesa de “os melhores embaixadores de Portugal”, a comunidade portuguesa na Austrália é significativa e ainda que distante criou formas de se manter ligada à sua portugalidade. Os portugueses podem ser considerados diplomatas de Portugal numa vertente pública, porque as suas dinâmicas, sejam os eventos que passam pelos “bailaricos”, as noites de fado, os festivais gastronómicos, as celebrações do dia de Portugal, o museu que fundaram e mantêm em funcionamento, as escolas de língua portuguesa, ou mesmo através dos seus estabelecimentos comerciais, os restaurantes e pastelarias portuguesas, conseguem levar um bocadinho de Portugal aos portugueses que se encontram na Austrália, aos luso-descendentes e ainda, à sociedade australiana no geral, criam laços entre a cultura portuguesa e a australiana. Os portugueses na Austrália foram fazendo tudo isto unindo-se enquanto comunidade, através do seu esforço e também com algum apoio do Governo australiano, e têm vindo a pedir uma maior aproximação e apoio do Governo português, porque com esse apoio a comunidade conseguirá ir mais além e manter-se-á vibrante, sentindo-se, certamente, mais próxima de Portugal.

Ainda que alguns dos inquiridos tenham apontado que, por vezes, os eventos comunitários falham em chegar às gerações mais jovens e à sociedade australiana, há alguns exemplos que demonstram o contrário. O evento, *A Taste of Portugal* e o *Bairro Português Petersham Food and Wine Fair* são já dois festivais gastronómicos conhecidos dos australianos. Por exemplo, o Portugal Madeira Club disponibiliza (arrenda) o espaço para festas jovens, esta pode ser uma estratégia para chegar às gerações mais novas. É verdade que ainda há muito que pode ser feito, chegar às gerações mais jovens e mesmo à sociedade australiana ainda é um desafio, tanto para o Estado português como para as associações, mas se trabalharem juntos obterão melhores resultados. Felizmente, começam a ver-se alguns avanços nesse sentido.

O Governo português e as entidades que o representam na Austrália fazem não só a ponte de ligação entre a comunidade e Portugal, como também a ligação entre a comunidade e as entidades australianas. Durante a última visita do Secretário de Estado das Comunidades à Austrália, é possível observar isso e identificar alguns avanços importantes, como a assinatura de dois protocolos com os municípios australianos de Inner West Sydney e Melbourne, os dois primeiros fora da União Europeia. Estes dois protocolos são importantes, pois visam abrir as portas das autarquias locais, disponibilizar financiamento e facilitar a cedência de espaços públicos a iniciativas culturais, desportivas, recreativas e sociais das comunidades portuguesas (Petiz, 2018).

Já a comunidade portuguesa na Austrália, além de representar e promover a identidade de Portugal, como tenho vindo a mencionar, faz a ponte com a sociedade civil australiana, da qual faz parte, e também o mercado australiano. O Dr. Paulo Domingues afirmou que os portugueses na Austrália podem ser considerados facilitadores das relações entre o seu país de origem e o país que escolheram para viver e trabalhar, sendo que conhecem as duas realidades. Além de que o facto de existir uma comunidade portuguesa significativa na Austrália, sendo que a diáspora é um dos interesses expressos na política externa portuguesa enquanto o quarto eixo, aumenta o interesse de Portugal em aprofundar as relações bilaterais com esse país. Interesse expresso, por exemplo, nas recentes visitas do Secretário de Estado das Comunidades ao país. A comunidade portuguesa na Austrália leva as entidades oficiais dos dois países a reunirem-se e discutirem, não só temas relacionados com esse ponto em comum, mas também outros que poderão ser do seu interesse. Terminada a sua visita ao país da Oceânia, José Luís Carneiro disse: “Regresso com a ideia de que temos uma comunidade muito bem integrada e inserida do ponto de vista cívico, económico e empresarial, e que tem a expectativa de lá poder ocorrer um 10 de junho, com a presença do Presidente e do Primeiro-Ministro, é um pedido que

trago de lá. E também com o sentimento de que as autoridades australianas estão muito bem informadas sobre a recuperação económica em Portugal e as condições de investimento que aqui existem, estão interessadas em conhecer-nos e em investir mais aqui” (Petiz, 2018).

Uma das funções das entidades portuguesas na Austrália, do Consulado-Geral em Sidney, da CEPE-AU e da Embaixada em Camberra, além de representar Portugal e assegurar as relações bilaterais nas suas várias vertentes, é promover Portugal e para isso é necessário promover a cultura portuguesa. Sendo que cada português, em princípio independentemente de onde esteja, carrega consigo uma identidade nacional com traços culturais que nos são comuns a todos os portugueses, é benéfico que estes dois atores se unam na promoção de Portugal.

## Conclusão

Como foi possível averiguar neste trabalho de investigação, a política externa portuguesa resulta de processos históricos. Na sua base estão três eixos fundamentais que são o resultado direto da história de Portugal: o europeu, o atlântico e o lusófono. A estes três eixos, o Governo de António Costa realça a importância de um quarto eixo que também é o resultado da história de Portugal, fruto de uma constante histórica que é a da emigração portuguesa, esse eixo é o das comunidades portuguesas. No programa do XXI Governo Constitucional, este eixo é abordado tendo em conta, sobretudo, dois conceitos: global e cultural. O cultural é o laço mais forte que une as comunidades ao seu país de origem, cada português carrega consigo uma identidade lusa, acaba por representar Portugal. Sendo uma diáspora significativa e estando espalhada por todos os cinco continentes do planeta, o Governo vê a comunidade como uma extensão de Portugal, a expressão do Portugal global. A isto acrescem as responsabilidades que Portugal tem para com os seus cidadãos, independentemente de onde eles estejam, e a contribuição importante que as comunidades têm no desenvolvimento do país. Como vimos, os emigrantes portugueses não só contribuem financeiramente, pois muitos não deixam de investir em Portugal, como também trazem prestígio ao país. Alguns portugueses acabam por ser a imagem de marca de Portugal, assumindo um papel de diplomatas numa vertente pública ao trazerem prestígio e reconhecimento internacional ao país através das suas conquistas, Cristiano Ronaldo e o mais recente Diretor-Geral das Nações Unidas, Dr. António Guterres, são dois exemplos disso. Mas também através das suas manifestações culturais, dos eventos que organizam, das associações recreativas e escolas portuguesas que criam.

Sendo as comunidades um dos eixos orientadores da política externa portuguesa, podemos concluir que é do interesse de Portugal estabelecer relações com países onde existem grandes comunidades portuguesas, que é o caso da Austrália. Apesar de não ser o foco para o estabelecimento das relações bilaterais, este é um ponto em comum que aproxima os dois países. Tal como a diáspora portuguesa no geral, a comunidade portuguesa na Austrália está bem integrada a todos os níveis, quer social, quer profissional e apesar da distância física que a separa da sua pátria, esta não deixou de manter vivas as suas raízes. Essa mesma distância física que distancia os portugueses na Austrália da sua nação, acabou também por manter afastado o Governo português. As relações bilaterais Portugal-Austrália são, olhando para o quadro global, modestas, a existência de um plano de ação cultural não é clara, tendo sido o maior avanço a abertura da CEPE-AU, em 2013 e os inquiridos manifestaram, através das suas respostas aos

questionários, descontentamento para com o Estado português admitindo que este se deveria aproximar mais da comunidade.

Ainda assim, a comunidade organizou-se criando várias dinâmicas e espaços onde pudessem sentir, recordar e manter a sua portugalidade. Se por um lado, estas formas de organização civil surgiram como resposta às falhas do Estado português, tanto na promoção cultural como na relação com a comunidade, por outro são também manifestações de orgulho das suas raízes. O associativismo, os eventos e os outros exemplos que fui apresentando, podem ser considerados formas informais de promoção da cultura portuguesa, informais porque não são organizadas pelas chamadas entidades oficiais. Estas dinâmicas não preenchem as lacunas da ação cultural externa portuguesa na Austrália, mas podem complementar o trabalho do Estado português. Após toda a pesquisa elaborada para a realização deste trabalho de investigação, posso concluir que o Estado e a comunidade portuguesa na Austrália podem ser aliados na promoção cultural externa. Como já aqui disse, os portugueses representam Portugal e os portugueses na Austrália têm vindo a fazê-lo através de jornais, rádios, associações recreativas, escolas de língua portuguesa, eventos, entre outros. As organizações já estão criadas, e não quer isto dizer que não se possam criar mais, o Governo português pode ajudar a melhorá-las e parece-me que há vontade para isso. Por exemplo, com a abertura da CEPE-AU conseguiu-se a abertura de seis escolas de língua portuguesa, os professores de português têm agora acesso a formação adequada, os alunos recebem manuais e material didático e certificação. O museu etnográfico recebeu uma placa de mérito vendo assim o seu trabalho reconhecido pelo Governo português. A participação dos representantes do Governo português nos eventos comunitários também é importante e verificou-se pelo menos durante o período em que o recente ex-cônsul, Dr. Paulo Domingues, esteve em funções. Tudo isto vem validar o trabalho da comunidade portuguesa e ajudá-lo a continuar a crescer. Com esta parceria, o Estado português consegue uma maior aproximação da sociedade civil australiana, já que a comunidade portuguesa se encontra bem integrada e é maioritariamente formada por segunda e terceira gerações.

Como se costuma dizer, juntos somos mais fortes.

## Bibliografia

- Alden, C., 2011. Foreign policy analysis. *International Programmes*.
- Cooper, Andrew F., J. H. a. R. T., 2013. *The Oxford Handbook of Modern Diplomacy*. Oxford: Oxford University Press.
- Goff, P. M., 2013. Cultural Diplomacy. In: *The Oxford handbook of modern diplomacy*. s.l.:s.n., pp. 413-435.
- Gregory, B., 2011. American Public Diplomacy: Enduring Characteristics, Elusive Transformation. *The Hague Journal of Diplomacy*, p. 353.
- Guimarães, F. J., 2008. *O Instituto Camões e a Política Externa Cultural Portuguesa*. Rio de Janeiro, XIII Encontro de História Anpuh-Rio.
- Lara, A. d. S., 2009. *O Interesse Nacional, a Política Externa Portuguesa e as Ideologias*. Lisboa: Dislivro.
- Leonard, M., 2002. *Public Diplomacy*. London: The Foreign Policy Centre.
- Melissen, J., 2007. *The New Public Diplomacy - Soft Power in International Relations*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Melissen, J., 2011. *Beyond the New Public Diplomacy*. The Hague: Netherlands Institute of International Relations 'Clingendael'.
- Melissen, J., 2013. Public Diplomacy. In: *The Oxford handbook of modern diplomacy*. s.l.:s.n., pp. 436-452.
- Mendes, L. F. d. C., 2017. Ação Cultural Externa. In: *Seminário Diplomático*. Lisboa: s.n.
- Mendes, N. C., Coutinho, F. P. & Moreira, A., 2014. *Enciclopédia das Relações Internacionais*. Alfragide: D. Quixote.
- Mingst, K. A., 2004. *Essentials of International Relations*. 3rd ed. New York: W. W. Norton & Company.
- Moreira, A., 1981. o Poder Cultural. *Nação e Defesa*, Abril-Junho, Volume 18, pp. 43-51.

- Moreira, A., 1996. *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina.
- Moreira, A., 2007. A Diplomacia Portuguesa. *Revista Negócios Estrangeiros*, Fevereiro, Volume 10, pp. 19 - 25.
- Morgenthau, H., 2006. A Realist Theory of International Politics. In: *Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace*. New York: The McGraw Hill Companies, pp. 3-16.
- Noya, J., 2007. *Diplomacia pública para el siglo XXI*. Barcelona: Ariel.
- Pamment, J., 2014. *Diplomacy: Digital and Public*. Escuela Diplomática. Madrid, Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación, pp. 30-43.
- Rubio, R., 2014. *La diplomacia pública: nuevos actores en un escenario nuevo*. Escuela Diplomática, Madrid, Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación, pp. 10-19.
- Santos, V. M. d., 2012. *Elementos de Análise de Política Externa*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Sá, T. M. d., 2015. *Política Externa Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sobral, J. M., 2012. *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sousa, C. S. B. e. M. J., 2011. *Como fazer Investigação, Dissertação, Teses e Relatórios Segundo Bolonha*. 5ª ed. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Teixeira, N. S., 2010. Breve Ensaio sobre a Política Externa Portuguesa. *Relações Internacionais*, Dezembro, pp. 51-60.
- Vaz-Pinto, R., 2005. *Os Portugueses e o Mundo*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Williams, R., 1958. Culture is Ordinary. In: *Studying Culture. An Introductory Reader*. London: Arnold, pp. 5-14.

## Referências eletrônicas

Melissen, J., 2006. *Public Diplomacy Between Theory and Practice/ Real Instituto Elcano*. [Online]

Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/documentos/276.asp> [janeiro 2018].

Portuguese in Australia, *Comunidade Portuguesa na Austrália*. [Online] Disponível em: <http://www.portuguese.org.au/pt/node/comunidade-portuguesa-na-austr%C3%A1lia>

[maio 2016].

Portuguese in Australia, *História da emigração portuguesa para a Austrália*. [Online] disponível em: <http://www.portuguese.org.au/?q=pt/node/hist%C3%B3ria-da-emigra%C3%A7%C3%A3o-portuguesa-para-austr%C3%A1lia>

[julho 2018].

Portuguese in Australia, *Media em Português na Austrália*. [Online] Disponível em: <http://www.portuguese.org.au/?q=pt/node/media-em-portugu%C3%AAs-na-austr%C3%A1lia>

[agosto 2018].

RTP Play, 2018. *Conselheira Sílvia Renda, membro na Austrália do Conselho das Comunidades Portuguesas da Diáspora* [Entrevista] (11 março 2018) Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p263/e335040/paginas-de-portugues> [agosto 2018].

## Documentos Oficiais

Camões, I. d. C. e. d. L. I. M. d. N. E., 2016. *Relatório de Atividades do Camões, IP*, Lisboa: Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Online] Disponível em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/sobre\\_nos/relat\\_ativ2016.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/sobre_nos/relat_ativ2016.pdf) [abril 2018].



Camões, I. d. C. e. d. L. I. M. d. N. E., 2017. *Relatório de Atividades do Camões, I.P.*, Lisboa: Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Carneiro, J. L., 2016. Diálogo com as Comunidades: mais perto de quem está longe. [Online] Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=58e53597-ff3a-479d-9e4b-6b18d6bad8ca> [julho 2018].

Cesário, J., 2016. *Destaques/ Portal das Comunidades Portuguesas*. [Online] Disponível em: <https://www.portaldascomunidades.mne.pt/pt/destaques/651-artigo-do-secretario-de-estado-das-comunidades-portuguesas-as-comunidades-portuguesas-nas-prioridades-politicas> [maio 2016].

De Sousa, Marcelo Rebelo, 2018. *Intervenção no Jantar oferecido em honra do Governador-geral da Austrália*. [Online] Disponível em: <http://www.presidencia.pt/?idc=37&idi=150494> [agosto 2018].

Diário da República, 2017. Resolução do Conselho de Ministros n.º 113/2017. [Online] Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/108041477/details/maximized> [julho 2018].

Silva, Augusto Santos, 2016. *As orientações e os objetivos principais da política europeia e da política externa de Portugal*. [Online] Disponível em: [https://idi.mne.pt/images/docs/semin\\_diplo\\_2016/discursos/003.pdf](https://idi.mne.pt/images/docs/semin_diplo_2016/discursos/003.pdf) [junho 2017].

Silva, Augusto Santos, 2017. *Perspetivas e desafios da política europeia e externa de Portugal*. [Online] Disponível em: [https://idi.mne.pt/images/docs/semin\\_diplo\\_2017/discursos/002.pdf](https://idi.mne.pt/images/docs/semin_diplo_2017/discursos/002.pdf) [junho 2017].

Silva, Augusto Santos, 2018. *O desenvolvimento da política europeia e externa de Portugal e os desafios para 2018*. [Online] Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=632077ca-9c57-4ad0-96af-e8ea9fca321e> [março 2018].

UNESCO, 2002. *Declaração Universal da Diversidade Cultural*. [Online] Disponível em:

[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf) [agosto 2018].

XXI Governo Constitucional, 2015. *PROGRAMA DO XXI GOVERNO CONSTITUCIONAL 2015-2019*. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/ficheiros-geral/programa-do-governo-pdf.aspx>

[março 2018].

## **Imprensa**

Cordeiro, A. D., 2017. Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes. *Público*, 24 fevereiro. [Online] Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/02/24/sociedade/noticia/emigracao-mantem-os-niveis-altos-da-crise-e-isso-e-devastador-para-o-pais-1763125> [julho 2018].

Delgado, A., 2017. Associações das comunidades portuguesas vão ter apoio financeiro do Ministério dos Negócios Estrangeiros. *Diáspora Lusa*, 27 setembro. [Online] Disponível em: <http://www.diasporalusa.pt/associacoes-das-comunidades-portuguesas-vaio-ter-apoio-financeiro-do-ministerio-dos-negocios-estrangeiros/> [julho 2018].

Lusa, 2017. Onze empresas portuguesas promovem portugueses no estrangeiro. *Diário de Notícias*, 23 outubro, Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/onze-empresas-portuguesas-promovem-portugues-no-estrangeiro-8867035.html> [janeiro 2018].

Lusa, 2017. Portugal e Cabo Verde apresentaram na CPLP proposta conjunta de mobilidade. *Público*, 10 abril, Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/04/10/politica/noticia/portugal-e-cabo-verde-apresentaram-na-cplp-proposta-conjunta-de-mobilidade-1768327> [janeiro 2018].

Lusa, 2017. Santos Silva desafia emigrantes qualificados a promover e internacionalizar Portugal. *Sapo 24*, 28 dezembro, Disponível em: <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/santos-silva-desafia-emigrantes-qualificados-a-promover-e-internacionalizar-portugal> [fevereiro 2018].

Lusa, 2018. Governo apresenta até ao verão alterações à rede de cônsules honorários. *Diário de Notícias*, 16 abril, Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/governo-apresenta-ate-ao-verao-alteracoes-a-rede-de-consules-honorarios-9262856.html> [abril 2018].

Lusa, 2018. Governo vai assinar protocolos de cooperação com municípios australianos. *TSF - Rádio Notícias*, 2 março, Disponível em: <https://www.tsf.pt/lusa/interior/governo-vai-assinar-protocolos-de-cooperacao-com-municipios-australianos-9157773.html> [junho 2018].

Marques, A. C., 2017. Portugal eleito o "Melhor Destino do Mundo" nos World Travel Awards. *Observador*, 10 dezembro. [Online] Disponível em: <https://observador.pt/2017/12/10/portugal-eleito-o-melhor-destino-do-mundo-nos-world-travel-awards/> [agosto 2018].

Petiz, J., 2018. "Autoridades australianas querem conhecer-nos mais e investir aqui" [Entrevista], *Diário de Notícias* (15 março 2018) Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/autoridades-australianas-querem-conhecer-nos-mais-e-investir-aqui-9188177.html> [agosto 2018].

Pinto, A. G. & Almeida, A. R., 2017. Os nossos emigrantes devem ser valorizados enquanto embaixadores de Portugal. *Mundo Português*, 16 junho. [Online] Disponível em: <https://www.mundoportugues.pt/65030/> [agosto 2018].

Sarmiento, A., 2018. Austrália: o país que não se lembra da crise tem os olhos postos em Portugal. *Jornal Económico*, 28 julho. [Online] Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/australia-o-pais-que-nao-se-lembra-da-crise-tem-os-olhos-postos-em-portugal-338958> [julho 2018].

Teixeira-Pinto, S., 2016. "Acredito que será possível tornar a nossa língua numa das línguas influentes neste país. *Mundo Português*, (1 junho 2016). [Online] Disponível em: <https://www.mundoportugues.pt/64083/> [agosto 2018].

## Páginas oficiais

AICEP Página Oficial, 2018. *sobre nós/ aicep Portugal Global*. [Online]  
Disponível em: <http://portugalglobal.pt/PT/sobre-nos/Paginas/sobre-nos.aspx> [junho 2018].

Camões, I. P., 2018. *Ucrânia: Inauguração do Centro de Língua Portuguesa em Kiev/ Notícias*. [Online]  
Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/19730-ucrania-inauguracao-do-centro-de-lingua-portuguesa-em-kiev> [maio 2018].

Comunidades de Língua Portuguesa, 2018. *About us*. [Online]  
Disponível em: [http://www.clpvic.com.au/about\\_us.html](http://www.clpvic.com.au/about_us.html) [agosto 2018].

Instituto Diplomático, 2018. *Competências/ Instituto Diplomático*. [Online]  
Disponível em: <https://idi.mne.pt/pt/competencias.html> [dezembro 2017].

Instituto Diplomático, 2016. *Organização das Nações Unidas/ Relações Diplomáticas de A a Z*. [Online]  
Disponível em: <https://idi.mne.pt/pt/relacoesdiplomaticas/340-onu.html> [outubro 2017].

Répubblica de Portugal - XXI Governo Constitucional, 2017. *Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas/ Comunicação/ Notícias*. [Online]  
Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=20170608-mne-10-junho> [abril 2018].

Répubblica de Portugal - XXI Governo Constitucional, 2016. *Governo destaca importância da identificação das gerações da diáspora com Portugal/ Comunicação/ Notícias*. [Online]  
Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=20161216-sei-setur-invest-diaspora> [abril 2018].

## Relatórios estatísticos

Pires, R. P. et al., 2015. *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2015*, Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. [Online] Disponível em: [https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/Destaques/Relatorio\\_Emigracao\\_Portuguesa\\_2015.pdf](https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/Destaques/Relatorio_Emigracao_Portuguesa_2015.pdf) [junho 2018].

Pires, R. P. et al., 2016. *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2016*, Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. [Online] Disponível em: [http://observatorioemigracao.pt/np4/file/5751/OEm\\_EmigracaoPortuguesa\\_RelatorioEstatistico.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/5751/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatistico.pdf) [junho 2018].

Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J. & Ribeiro, A. C., 2014. *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*, Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, e DGACCP. [Online] Disponível em: [http://observatorioemigracao.pt/np4/file/3924/OEm\\_EmigracaoPortuguesa\\_RelatorioEstatistico.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/3924/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatistico.pdf) [junho 2018].

Pires, R. P. et al., 2017. *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2017*, Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. [Online] Disponível em: [http://observatorioemigracao.pt/np4/file/5926/OEm\\_EmigracaoPortuguesa\\_RelatorioEstatistico.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/5926/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatistico.pdf) [junho 2018].

## **Anexos**

### **a) Entrevista a S. E. o Cônsul-Geral de Portugal em Sidney Dr. Paulo Domingues**

Esta entrevista é o resultado do acompanhamento da investigação desde o seu início – agosto de 2016 - por parte do entrevistado, tendo sido logo informado do meu interesse em entrevistá-lo e concordado de pronto. O entrevistado foi uma fonte de informação importante e manteve-se sempre disponível para qualquer questão da minha parte enquanto investigadora. Foram efetuados vários contactos via e-mail e chamada telefónica (através do WhatsApp) para discutir os temas tratados na entrevista. Contudo, dada a distância física e a falta de tempo - aquando enviadas as questões - para fazer a entrevista via videochamada ou chamada telefónica, esta foi feita via e-mail, por escrito. Importa mencionar que dado o cargo ocupado pelo entrevistado, as suas respostas estão confinadas ao discurso do Governo Português.

Entrevistado: Cônsul Geral de Portugal em Sydney, Dr. Paulo Domingues (de agosto de 2016 a agosto de 2018)

Local da entrevista/meio de entrevista: Entrevista de tipo estruturada via e-mail. Um guião com as questões foi enviado e posteriormente devolvido preenchido com as respostas, via e-mail.

Data: fevereiro de 2017

#### **1. Como descreveria as relações Austrália-Portugal?**

As relações bilaterais luso-australianas são globalmente positivas, partilhando os dois países uma visão semelhante de um mundo multipolar, baseadas numa ordem política internacional assente nos princípios de um estado de direito e respeito pelos direitos humanos.

Resolvidas as divergências que os dois países mantinham face ao dossiê de Timor-Leste, o relacionamento político bilateral evoluiu favoravelmente, tendo os dois países subscrito recentemente um acordo bilateral sobre a

mobilidade dos jovens e o trabalho em férias, com o objectivo de incrementar os contactos entre dois povos.

No plano das visitas de alto nível, de destacar a visita do ex-Presidente da República Aníbal Cavaco Silva à Austrália, em 2012, tendo mantido contactos com a Governadora-Geral, Quentin Bryce, e com a então Primeira-Ministra Julia Gillard.

No plano diplomático, os dois países têm apoiado mutuamente as candidaturas do outro em organizações internacionais, refletindo o bom momento do relacionamento bilateral e a identidade de objetivos prosseguidos na arena internacional.

A Austrália tem sido um parceiro importante da NATO, tendo-se recentemente comprometido a aumentar o seu contingente – de 270 para 300 efetivos – na *Resolute Support*, no Afeganistão, na qual Portugal participa com 10 militares.

No âmbito do comércio bilateral será importante relevar que se registou em 2016 a um saldo positivo a favor do nosso país, na ordem dos 109 milhões de Euros, embora o volume das trocas comerciais esteja ainda muito aquém de refletir o excelente relacionamento bilateral. Nos últimos anos tem-se visto um aumento progressivo das trocas comerciais bilaterais, que desde o ano de 2012 têm crescido a uma média anual de 11,7%.

## **2. Quais são as prioridades da política externa portuguesa para a Austrália, incluindo a política cultural externa?**

As prioridades do Governo português no relacionamento com a Austrália incidem grandemente no tema da diplomacia económica. A demonstrar este empenho está o facto de em Março de 2017 se ter inaugurado um escritório de representação da AICEP, que se espera venha a ser instrumental para dar a conhecer este mercado aos exportadores portugueses.

Aquele enfoque não exclui outras vertentes como o ensino da língua e cultura portuguesas. Nesse sentido, o Instituto Camões, através da Coordenação do Ensino de Português como língua estrangeira na Austrália (CEPE-AU), tem dado apoio pedagógico e material ao ensino do português às comunidades luso-descendentes, proporcionando as adequadas ferramentas educativas e tecnológicas para o efeito.

Neste sentido um dos objectivos visa dotar as associações e clubes portugueses de bibliotecas, que terão como objectivo promover a leitura e contacto mais frequente com a língua portuguesa.

Por outro lado, os planos de ação cultural da Embaixada de Portugal em Camberra e do Consulado-Geral em Sidney privilegiam vários eixos temáticos, divulgando outras valências do universalismo da cultura portuguesa, como mostras de arquitectura, cinema, pintura, e artes plásticas junto do público australiano.

- 3. Como sabe, o assunto central deste trabalho de investigação é a comunidade portuguesa residente na Austrália. A Austrália é um país constituído por várias comunidades imigrantes sendo que 49% da sua população nasceu noutro país ou tem pelo menos um dos pais nascidos no estrangeiro e, como tal, assume-se como país multicultural. Apesar de não ser uma das maiores comunidades no país, a comunidade portuguesa é significativa sendo, segundo o Relatório de Emigração de 2015, constituída por 19.400 pessoas. Enquanto Cônsul, mantém contacto constante com a comunidade, como a caracterizaria?**

Estima-se que haja cerca de 60 mil de residentes portugueses na Austrália.

Trata-se de uma comunidade maioritariamente masculina (62%) e que 86% tem mais de 18 anos.

As principais áreas de fixação estão localizadas nas cidades de Sidney (50% da comunidade); Melbourne; Perth; Brisbane; Adelaide e Darwin. A emigração mais antiga favorece as profissões nos setores da construção civil e serviços (limpeza), enquanto os emigrantes mais recentes estão inseridos em atividades ligadas à gestão e às novas tecnologias.



A comunidade portuguesa encontra-se bem integrada social e profissionalmente, contudo a distância associada ao elevado custo das viagens aéreas dificulta o contacto com o país e aprofunda o afastamento em relação a Portugal. O uso da língua portuguesa é escasso e são elevadas as taxas de abstenção em atos eleitorais. A participação política na sociedade local é igualmente baixa (apenas uma luso-eleita a nível municipal).

A Comunidade Portuguesa é vista por estas autoridades como sendo uma comunidade de pessoas trabalhadoras, honestas e empreendedoras, que tem dado um contributo muito positivo para o desenvolvimento deste país.

- 4. As 19.400 pessoas consideradas no Relatório de Emigração correspondem a cidadãos nascidos em Portugal que residem na Austrália, não contabilizando cidadãos de ascendência portuguesa. De acordo com o mesmo relatório, os registos consulares contabilizam 60.860 pessoas. Este valor mantém-se e corresponde à realidade? Isto é, contabiliza cidadãos nascidos em Portugal e outros que apesar de não terem nascido no país estão ligados a ele pelos seus ancestrais ou outros motivos? Quais são os critérios dos registos consulares?**

Os registos consulares contabilizam cerca de 60 mil pessoas. Importa, contudo, clarificar que pode haver alguma discrepância entre os dados apresentados e a realidade. Por um lado, não existe a obrigatoriedade de inscrição no Consulado, pelo que o número poderá ser superior ao indicado. Por outro lado, há também situações em que os utentes abandonam a Austrália sem dar baixa da inscrição no Consulado. O registo no Consulado é um ato voluntário.

- 5. Uma das principais razões para a comunidade portuguesa ser relativamente numerosa reside no facto da Austrália ser um destino de emigração antigo para os portugueses, sendo o 12º país do mundo com maior número de portugueses emigrados. Quais diria serem as principais diferenças entre os primeiros imigrantes portugueses e os que chegam agora ao país?**

As primeiras vagas de imigração eram sobretudo compostas por pessoas de origens muito humildes e com pouca formação escolar, incluindo o conhecimento da língua inglesa. Vinham sobretudo para desempenhar profissões

técnicas. Estas pessoas tendiam a concentrar-se nos mesmos bairros e a frequentar os estabelecimentos operados por portugueses, incluindo os clubes portugueses. Muitos deles demonstraram grande empreendedorismo e, com o tempo, lançaram-se por conta própria, tornaram-se empresários de sucesso. Há, contudo, também algumas exceções de pessoas muito qualificadas, designadamente provenientes das ex-colónias.

As vagas mais recentes são sobretudo compostas por gentes muito qualificada: são altos quadros de empresas, engenheiros de informática, engenheiros civis, investigadores, etc. Têm normalmente um grande domínio da língua inglesa, pelo que têm maior facilidade de integração. Encontram-se mais dispersos pelo território e não convivem necessariamente com outros elementos da comunidade portuguesa.

**6. Pela investigação que tenho feito, a comunidade portuguesa parece-me bastante ativa e empenhada em manter viva a ligação cultural e linguística com Portugal. Sei que costuma estar presente em eventos organizados pelos vários clubes portugueses e outras entidades com este propósito, como são esses eventos? Que tipo de atividades promovem?**

As associações e os clubes portugueses são pilares fundamentais de apoio à nossa Comunidade e desempenham um papel muito importante na preservação e divulgação da nossa cultura e tradições.

As atividades são muito diversificadas, podendo ir desde as festas tradicionais do Carnaval, Páscoa, Dia da Madeira, Dia de Portugal, Natal e Passagem de Ano, até aos concertos de música portuguesa ou espetáculos de Fado.

Procuro, sempre que possível, participar nos inúmeros eventos promovidos pelas coletividades portuguesas para sou convidado.

**7. Como descreveria a relação da comunidade com a sua pátria?**

A relação da comunidade com a sua pátria é variável. Enquanto que a primeira vaga de emigração tem uma relação muito forte, continuando a ver diariamente os canais de televisão portugueses, a frequentar os clubes e os restaurantes portugueses, a comunidade mais recente integra-se mais facilmente na sociedade australiana, não sentindo tanto a necessidade de conviver com os restantes membros da comunidade portuguesa.

Em ambos os casos nota-se contudo um grande orgulho pelos recentes sucessos alcançados por Portugal.

**8. E no que toca à geralmente apelidada de “segunda geração”, ou seja, filhos de portugueses, filhos que nascem já na Austrália, o que faz o MNE para tentar estabelecer ou manter um elo entre estes cidadãos e Portugal?**

O MNE tem, desde logo, apostado no ensino da Língua Portuguesa, procurando aumentar o número de escolas, docentes e alunos de Língua Portuguesa.

Temos igualmente vindo a trabalhar junto com os clubes no sentido de organizar eventos que sejam mais direccionados para a “segunda geração”. Um bom exemplo foi a realização de um espetáculo no Sydney Portugal Community Club com os *Portuguese Kids* – precisamente um grupo de humoristas de segunda geração nos EUA.

**9. O que é que o Governo português, neste caso o Ministério dos Negócios Estrangeiros, faz para manter a ligação da comunidade com a pátria? Qual o papel do Estado?**

Entre muitas outras coisas, o MNE promove a realização de eventos de carácter educativo e cultural.

Para além disso, o MNE serve de ponte/ligação entre os membros da Comunidade Portuguesa e os restantes departamentos da administração pública portuguesa, fornecendo ao utente uma vasta gama de serviços consulares.

O MNE tem uma política ativa de divulgação de informação sobre aquilo que se passa em Portugal, designadamente através das redes sociais.

O MNE desenvolveu ainda um novo regime de apoio ao associativismo.

**10. Que tipo de iniciativas existe para a promoção da língua e cultura portuguesa na Austrália?**

Existe o plano cultural anual com atividades em várias áreas: Cinema, Música, Exposições, Conferências, Festivais e Congressos.

Iniciativas da comunidade/sociedade civil, dos Clubes portugueses dos vários Estados da Austrália e do Museu Etnográfico de Sydney

Promoção da Língua: Formação anual dos professores, Organização da vinda de um escritor nacional, Distribuição de manuais escolares oferecidos pelo Camões Instituto para as escolas portuguesas, Participação na atribuição de prémios de reconhecimento de alunos pela Federação das Escolas Comunitárias de Nova Gales do Sul, Certificação das aprendizagens para as crianças através do Camões Instituto e para os adultos através do CAPLE Sidney (Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira) Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, Existência de uma pequena biblioteca com livros, CDs e filmes que podem ser requisitados pela comunidade.

**11. Foi recentemente anunciado que o MNE iria providenciar apoio financeiro às associações das comunidades estrangeiras. Como têm respondido a comunidade e as associações recreativas na Austrália? Têm recebido muitas candidaturas no Consulado?**

O Consulado Geral de Portugal em Sydney promoveu ações de divulgação sobre o novo regime de apoio ao associativismo, tendo suscitado grande interesse junto das associações recreativas, que apresentaram várias candidaturas. O Consulado Geral manifestou-se disponível para apoiar as coletividades a elaborarem os seus processos de candidatura. Estou convencido de que o número de candidaturas aumentará, à medida que as coletividades se forem familiarizando com os procedimentos.

**12. Existem várias escolas portuguesas na Austrália, tomei conhecimento de que algumas existem apenas devido ao grande esforço, boa vontade, trabalho e dedicação de membros da comunidade. O Governo português presta algum tipo de apoio para a existência das mesmas?**

Existem escolas que lecionam a Língua Portuguesa em Sidney há mais de 45 anos.

Muito esforço e dedicação por parte de todos os docentes envolvidos, mas também pais e alunos, que abdicam do seu tempo livre aos sábados de manhã.

Desde 2013 que o Camões Instituto oferece gratuitamente manuais escolares, formações aos professores e a interação com um escritor nacional com livros publicados no Plano Nacional de Leitura de Portugal.

Para além disso a Coordenação do Ensino de Português na Austrália presta todo o tipo de apoios e serviços dentro do sistema educacional australiano.

A Coordenação do Ensino de Português na Austrália teve um papel fundamental na criação de escolas portuguesas em Camberra, Perth, Adelaide e Brisbane.

**13. Tenho visto várias notícias e publicações na página oficial da CEPE-AU a relatar o aumento, quer do número de falantes de português, quer do interesse pela língua portuguesa na Austrália. De acordo com o último Censos realizado na Austrália o número de falantes da língua portuguesa quase duplicou nos últimos dez anos sendo que, em 2016, 48.865 pessoas admitiram falar português em casa. Este interesse verifica-se mais por parte de descendentes de portugueses, de australianos ou de ambos? Quais são as medidas previstas para responder a este aumento?**

O crescimento de falantes da Língua Portuguesa deve-se, em grande parte, ao aumento recente da comunidade brasileira.

Existem vários protocolos com Universidades e o número de vagas do Work and Holiday Visa é consideravelmente superior.

A comunidade portuguesa tem-se mantido pelos 60 000, mas o interesse pela aprendizagem da Língua Portuguesa tem aumentado. E isso verifica-se com a abertura de escolas de Língua Portuguesa em todos os Estados da Austrália, com o apoio da Coordenação do Ensino de Português na Austrália/Camões Instituto I.P.

**14. A Austrália é um país muito grande, apesar de os portugueses se concentrarem mais em algumas cidades, estes estão espalhados um pouco por todo o país. O que se faz para chegar até aos portugueses que estão longe das representações oficiais?**

A Austrália é efetivamente um território vasto e disperso, o que nos coloca alguns desafios adicionais. Procuramos fazer bom uso dos novos meios de comunicação, designadamente das redes sociais.

**15. Que representações existem na Austrália além dos canais ditos formais?**

Existem cerca de 3 dezenas de associações portuguesas na Austrália divididas por todo o país.

Existem também rádios, jornais e grupos informais de portugueses nas redes sociais.

Por último, existe a rede de estabelecimentos comerciais detidos por portugueses que servem também de local de reunião dos portugueses e de preservação das suas tradições gastronómicas.

**16. Parece-me a mim que os portugueses na Austrália assumem muitas vezes o papel de diplomatas enquanto promotores ativos de Portugal, quer da língua e da cultura, quer a nível económico. A seu ver, que papel assume a comunidade na política externa portuguesa?**

Efetivamente, podemos considerar a Comunidade Portuguesa como um facilitador das relações entre os dois países, ao fazerem a ponte entre o país que os viu nascer e o país que escolheram para viver e trabalhar, fazendo uso do conhecimento das duas realidades.

**b) Formulário do questionário em inglês: “The Portuguese and the Portuguese Culture in Australia”**



## The Portuguese and the Portuguese Culture in Australia

Thank you for visiting this page! The following survey is for academic purposes. Here you will find a few questions regarding the Portuguese community in Australia, its dynamics and the promotion of the Portuguese culture by the Portuguese Governmental entities. This quiz is completely anonymous, therefore your identity will not be exposed; your answers will only be used as a contribution for academic research.

I promise to be as brief as possible!

*\*Obrigatório*

**Gender \***

- ☐ Female
- ☐ Male
- ☐ Other

**Age \***

- ☐ 16-25
- ☐ 26-35
- ☐ 36-45
- ☐ 46-50
- ☐ More than 50

**Citizenship \***

- ☐ Portuguese
- ☐ Australian
- ☐ Dual Citizenship

**Country of birth \***

Sua resposta

How long have you been living in Australia? \*

- ☐ Since birth
- ☐ 1 year or less
- ☐ 2-5 years
- ☐ 6-10 years
- ☐ Over 10 years

In which Australian city do you live? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Is there a significant Portuguese community in your city? \*

- ☐ Yes
- ☐ No

Is there a Portuguese school in your city? \*

- ☐ Yes
- ☐ No

If yes, who sponsors the school? \*

- ☐ The Portuguese Government
- ☐ The Portuguese Community
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

Is there any Portuguese recreational club in your city? \*

- ☐ Yes
- ☐ No



If yes, how many? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Do you usually go to events that celebrate the Portuguese culture and language? \*

☐ Yes

☐ No

If yes, organized by whom? \*

☐ A Portuguese recreational club

☐ The Portuguese Community

☐ A Governmental Entity (e.g. Consulate, Embassy, CEPE-AU)

☐ Outro: \_\_\_\_\_

As a Portuguese citizen or a person from Portuguese ancestry, do you feel well represented by the Portuguese Governmental Entities existent in Australia? \*

☐ Yes

☐ No

As far as I have researched, it looks to me that the many Portuguese communities in Australia celebrate the Portuguese culture and language through events regularly. Do you agree? \*

☐ Yes

☐ No

In your opinion, do the community events supplement the Portuguese state's work or do they compensate for its flaws? \*

Sua resposta

Concerning the dissemination of the Portuguese culture, do you believe the methods and means can be improved? Can you give some suggestions, please? \*

Sua resposta

Do you think the Portuguese community in Australia is growing? \*

☐ Yes

☐ No

In what areas of the Portuguese culture would you like to see more promotional initiatives in Australia? \*

Sua resposta

**That's it! Thank you so much for your time and cooperation! :)**

ENVIAR

Página 1 de 1

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade de Lisboa. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

**c) Formulário do questionário em português: “Os portugueses e a cultura portuguesa na Austrália”**



## Os portugueses e a cultura portuguesa na Austrália

Obrigada por aceder a este link! O questionário que se segue é para propósitos académicos, aqui encontrará algumas questões relativamente à comunidade portuguesa na Austrália, suas dinâmicas e a promoção cultural realizadas pelas entidades governamentais portuguesas existentes no país.

Este questionário é anónimo, pelo que a sua identidade não será revelada e as suas respostas serão usadas, apenas, enquanto contributo para um estudo académico.  
Prometo ser o mais breve possível!

**\*Obrigatório**

**Género \***

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro: \_\_\_\_\_

**Idade \***

- ☐ 16-25
- ☐ 26-35
- ☐ 36-45
- ☐ 46-50
- ☐ Mais de 50

**Nacionalidade \***

- ☐ Portuguesa
- ☐ Australiana
- ☐ Dupla (Portuguesa e outra)

**Em que país nasceu? \***

Sua resposta

---

Há quanto tempo vive na Austrália? \*

- ☐ Desde sempre
- ☐ 1 ano ou menos
- ☐ 2-5 anos
- ☐ 6-10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

Em que cidade australiana vive? \*

Sua resposta

---

Existe uma comunidade portuguesa significativa na sua cidade?

\*

- ☐ Sim
- ☐ Não

Há uma escola de língua portuguesa na sua cidade? \*

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, quem financia a escola? \*

- ☐ O Estado Português
- ☐ A Comunidade
- ☐ Outro: 

---

Existe algum grupo ou associação recreativa portugueses na sua comunidade? \*

☐ Sim

☐ Não

Se sim, quantos? \*

Sua resposta

Costuma participar em actividades de celebração da cultura e língua portuguesas? \*

☐ Sim

☐ Não

Se sim, organizados por quem? \*

☐ Grupo cultural ou associação recreativa

☐ A comunidade portuguesa

☐ Uma entidade governamental (ex. Consulado Português, Embaixada de Portugal, CEPE-AU)

☐ Outro: \_\_\_\_\_

Enquanto cidadão de nacionalidade ou de raízes culturais portuguesas, sente-se bem representado pelas entidades governamentais Portuguesas existentes na Austrália? \*

☐ Sim

☐ Não

Pela pesquisa que tenho feito, parece-me que as várias comunidades portuguesas existentes na Austrália são muito activas na celebração da cultura e língua portuguesas. Concorda? \*

☐ Sim

☐ Não

Na sua opinião, os eventos comunitários complementam o trabalho do Estado português ou compensam as suas falhas? \*

Sua resposta

Relativo à promoção da língua e cultura portuguesa na Austrália, acha que os métodos e meios podem ser melhorados? Peço que dê algumas sugestões, por favor. \*

Sua resposta

Sente que a comunidade portuguesa na Austrália está a crescer? \*

☐ Sim

☐ Não

Em que áreas da cultura Portuguesa gostaria de ver mais iniciativas de promoção realizadas na Austrália? \*

Sua resposta

**Acabou! Espero não lhe ter roubado muito tempo. Obrigada pela sua colaboração! :)**

ENVIAR

Página 1 de 1

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

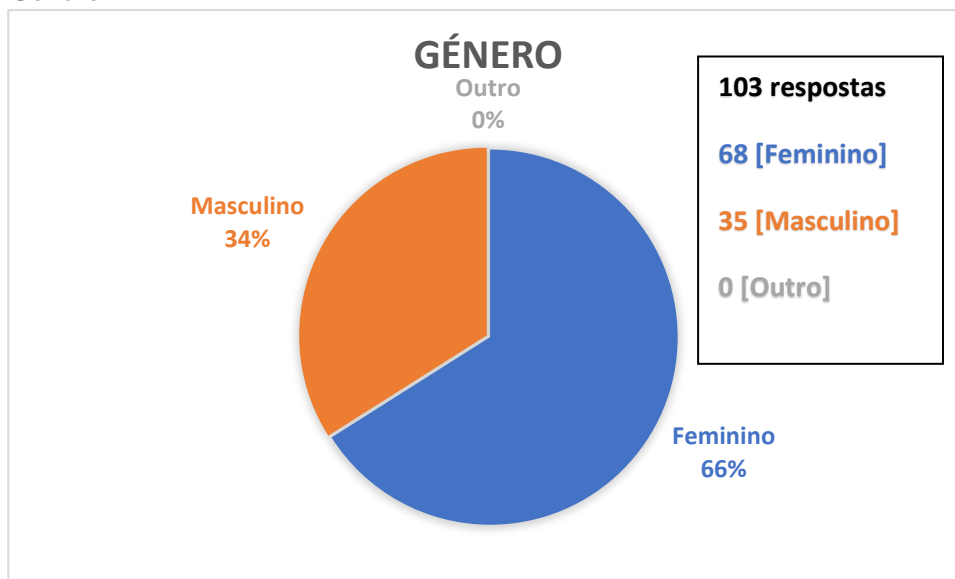
Este formulário foi criado em Universidade de Lisboa. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

#### d) Questionário: Resultados

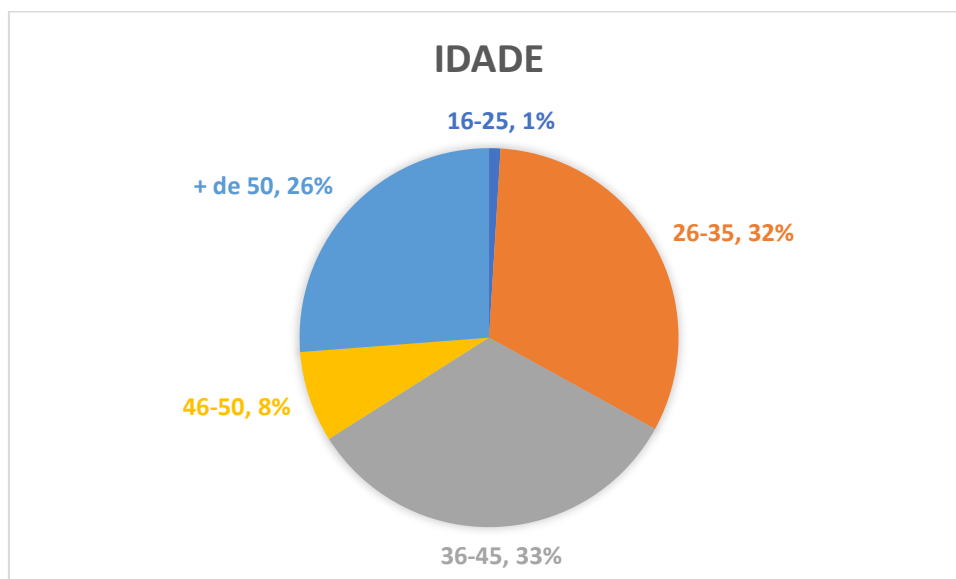
Os questionários foram feitos por mim, tendo recorrido à aplicação *Google Documents* para a criação dos formulários. Foram disponibilizados *online* em fevereiro de 2017, após revisão do meu orientador e da profa. Marisa Gonçalves que foi a “cobaia do estudo” por ter sido a primeira a responder. Os formulários dos questionários foram disponibilizados em duas versões: uma em língua portuguesa e outra em língua inglesa. Foram divulgados, sobretudo, no *Facebook* em vários grupos de portugueses na Austrália tanto por mim como pelo Consulado-Geral de Portugal em Sydney e algumas Associações Recreativas portuguesas. Obtive 21 respostas ao formulário em língua inglesa e 82 respostas ao formulário em língua portuguesa, totalizando 103 respostas. Aqui, na análise dos resultados, decidi considerar o todo e expor os resultados em português, à exceção das respostas às questões abertas que decidi transcrever mantendo a língua em que foram escritas.

##### 1. Género





## 2. Idade



**103 respostas**

**1 [16-25]**

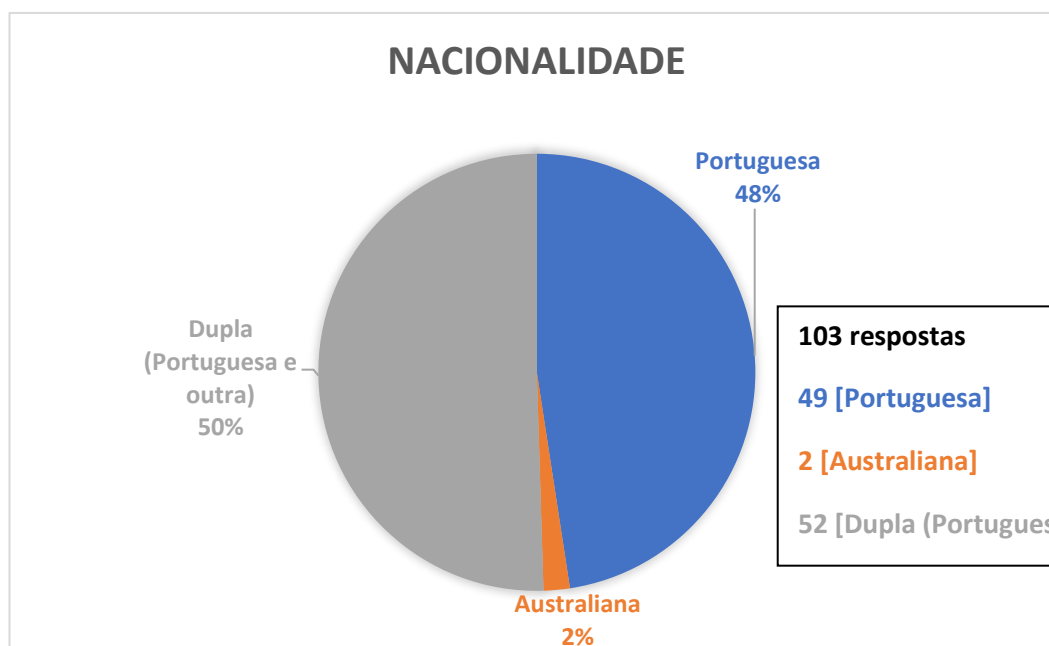
**33 [26-35]**

**34 [36-45]**

**8 [46-50]**

**27 [+ de 50]**

## 3. Nacionalidade



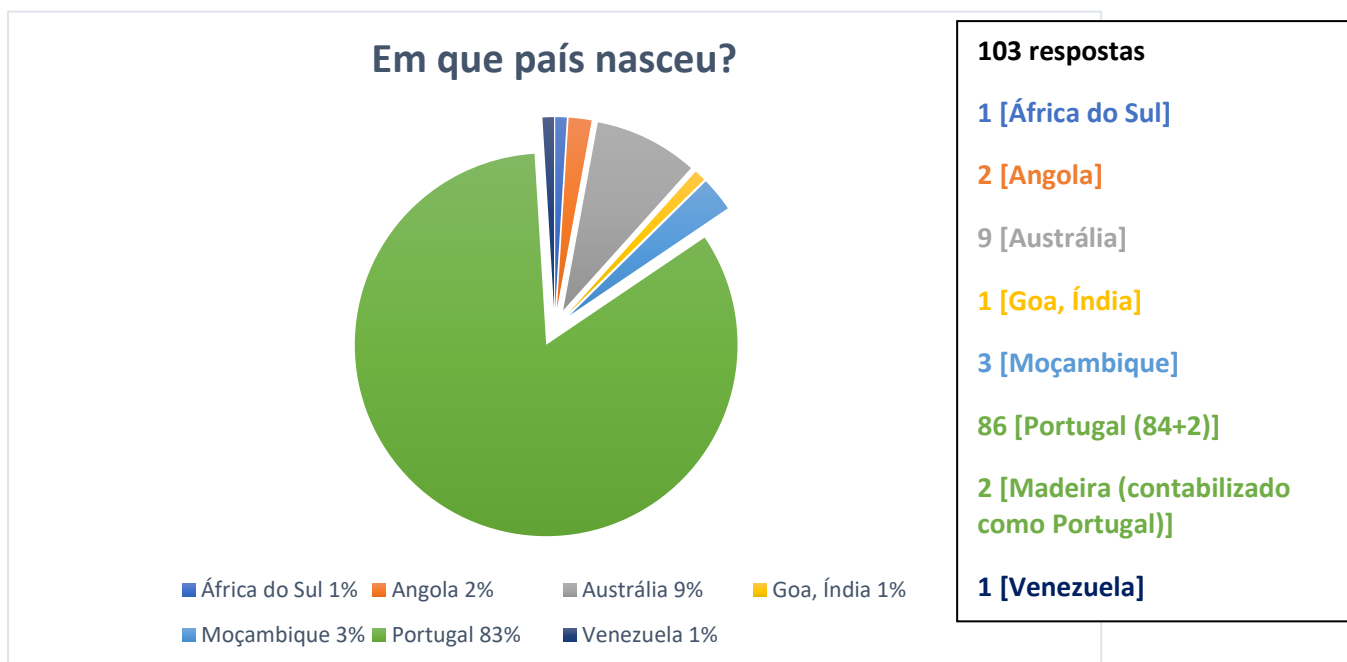
**103 respostas**

**49 [Portuguesa]**

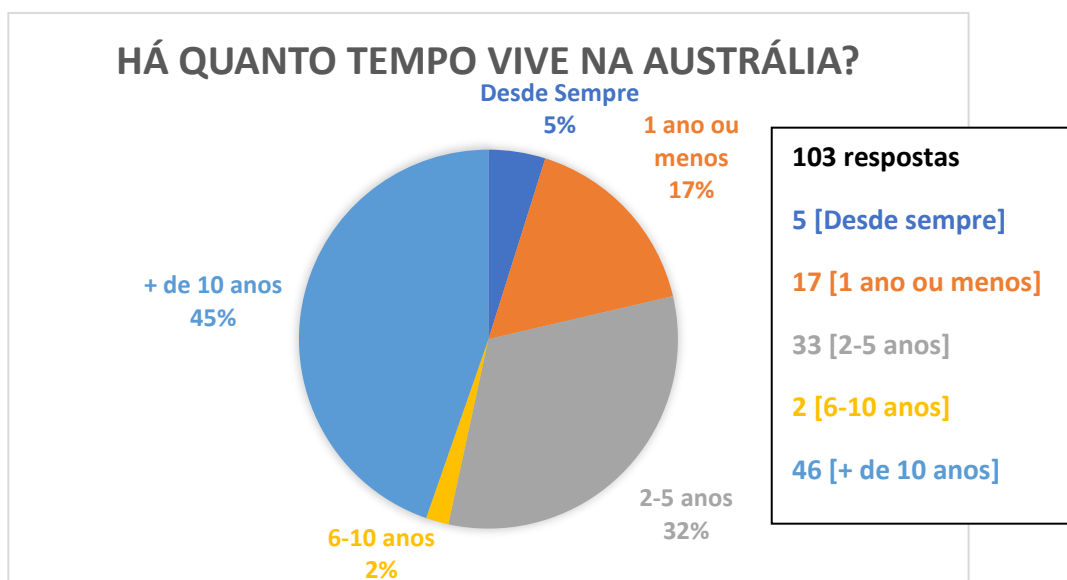
**2 [Australiana]**

**52 [Dupla (Portuguesa e outra)]**

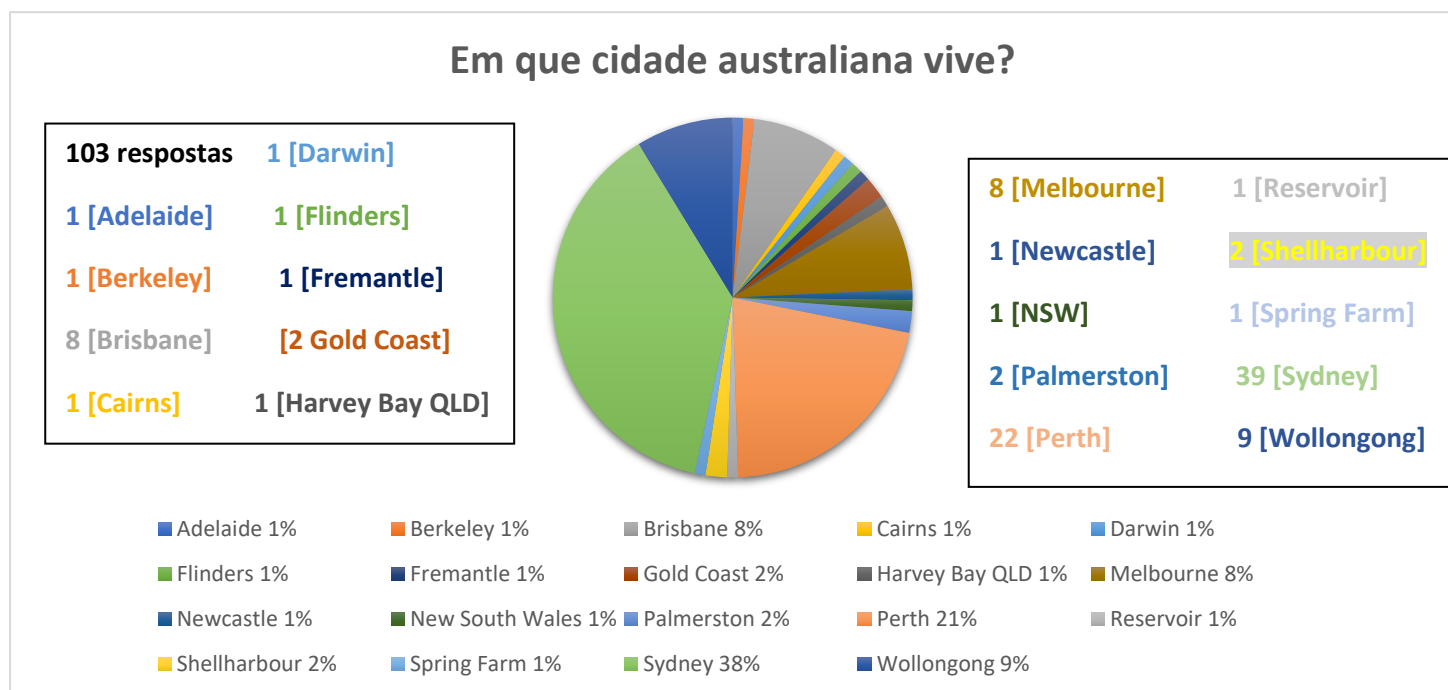
4. Em que país nasceu?



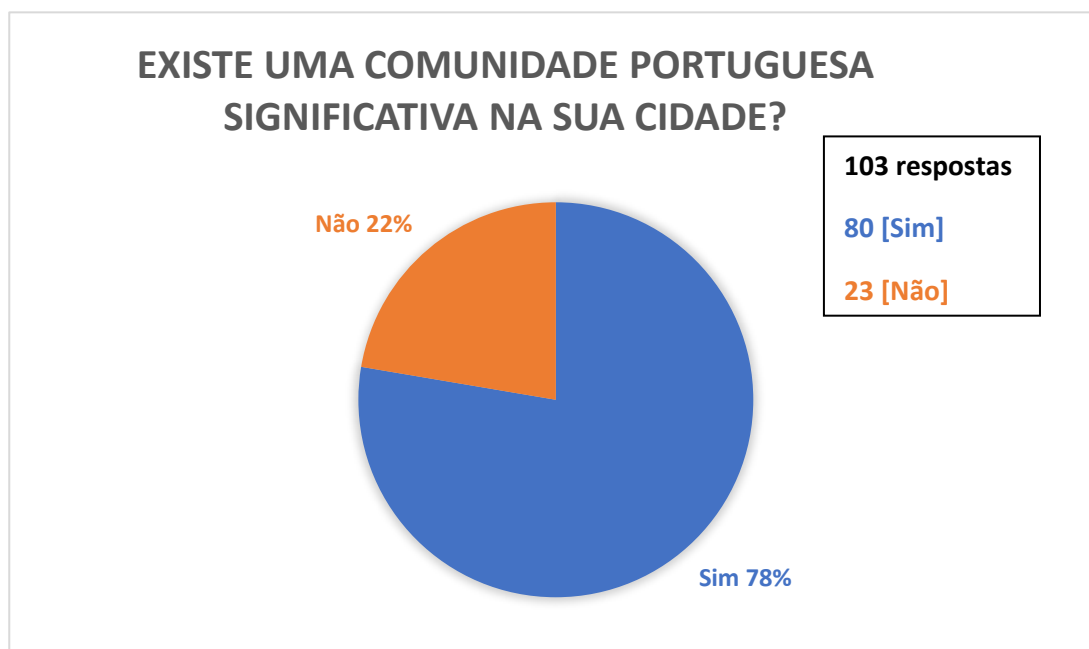
5. Há quanto tempo vive na Austrália?



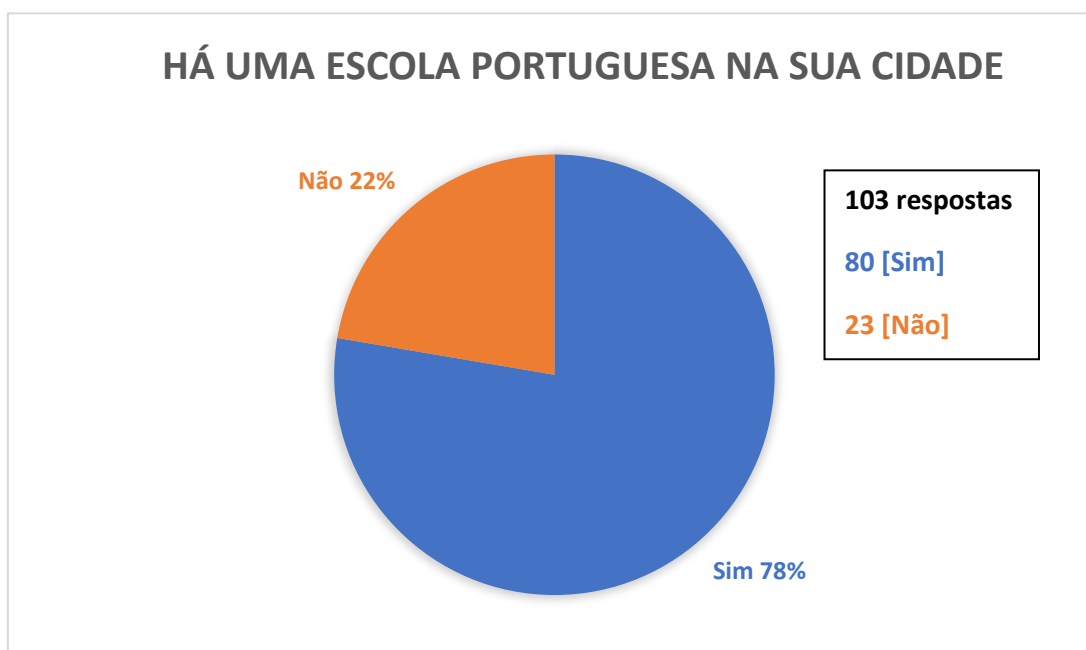
6. Em que cidade australiana vive?



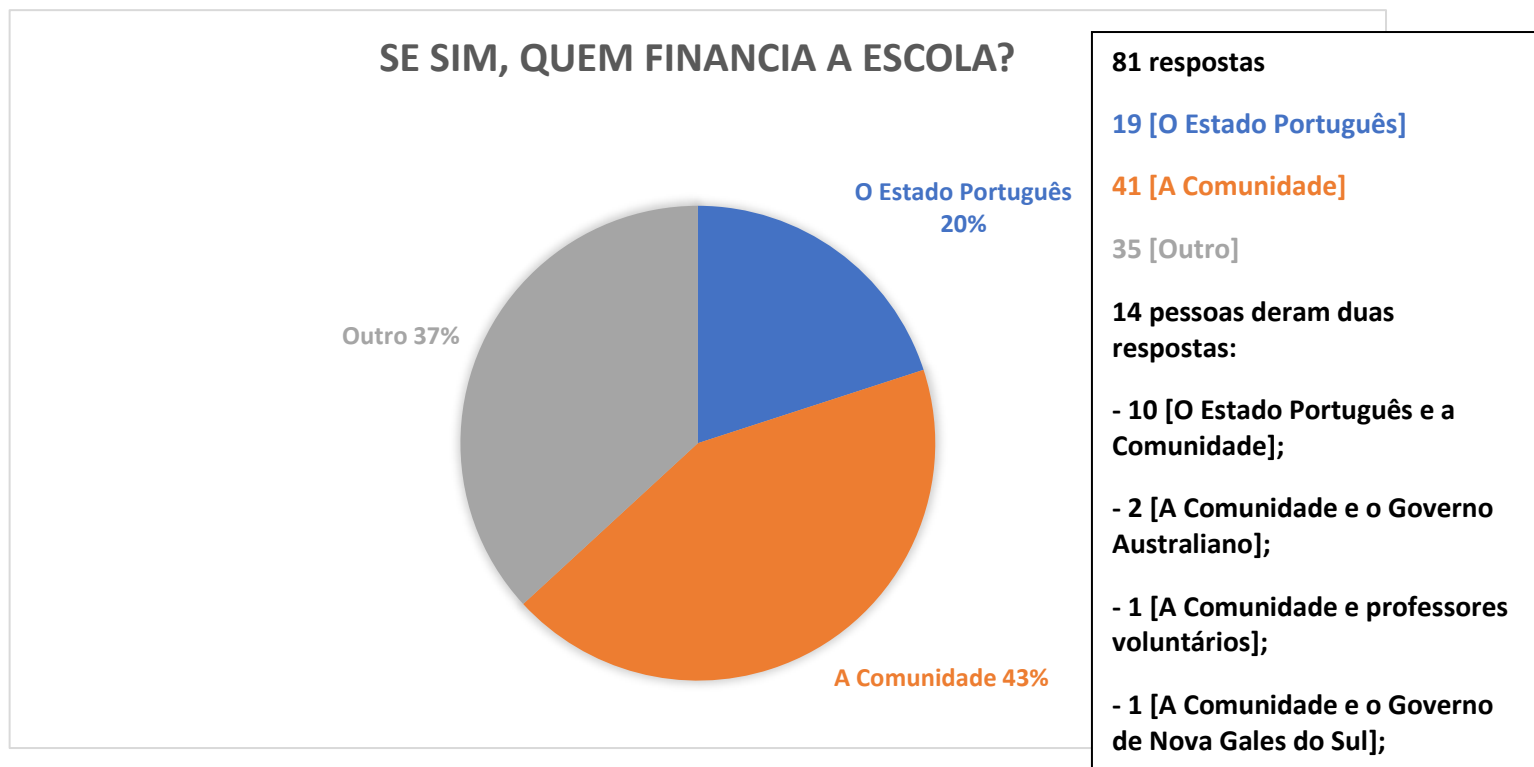
7. Existe uma comunidade portuguesa significativa na sua cidade?



8. Há uma escola portuguesa na sua cidade?



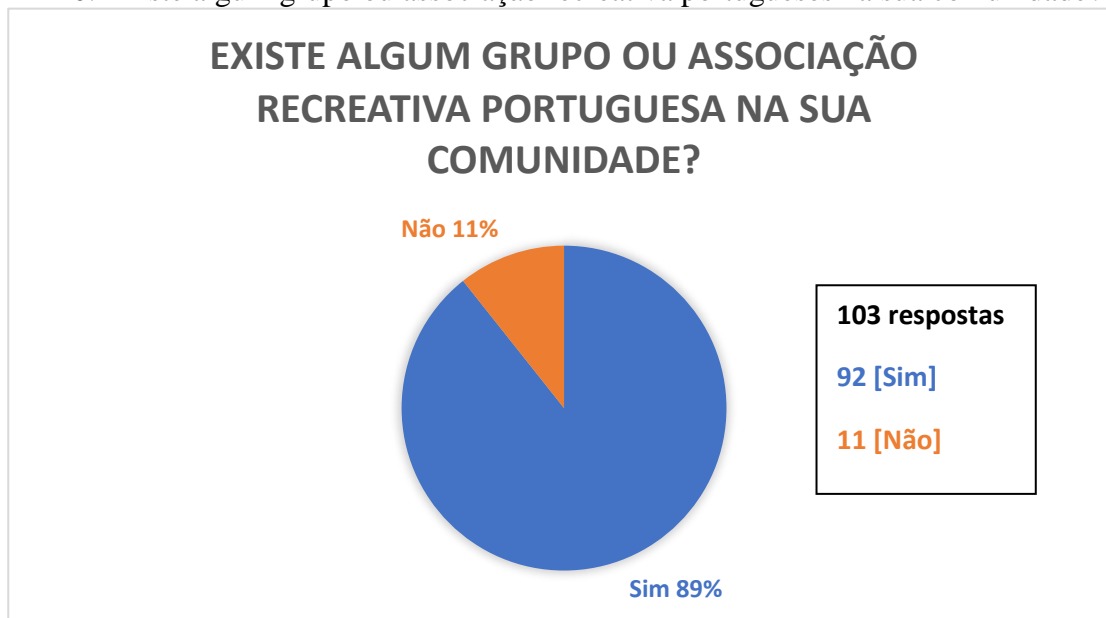
9. Se sim, quem financia a escola?



Outras respostas	Nº de inquiridos que deu esta resposta
O Governo Australiano	6
Professores Voluntários	1

Não sei	16
Os pais	4
O Consulado Honorário	2
O Consulado/ Embaixada	2
Privado	1
Os 2	1
Existem aulas de português como disciplina opcional no ensino secundário	1
No passado foi o cônsul honorário de Perth, mas atualmente a escola tenta ser autossuficiente. Espera, no entanto, vir a ter algum apoio do estado australiano	1

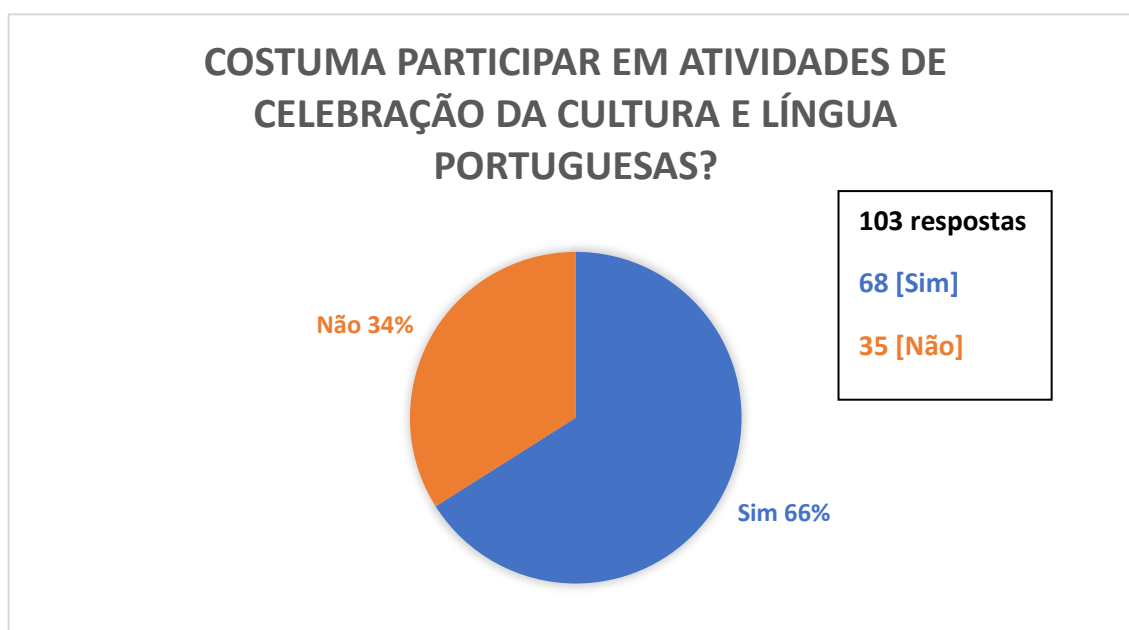
10. Existe algum grupo ou associação recreativa portugueses na sua comunidade?



11. Se sim, quantos?

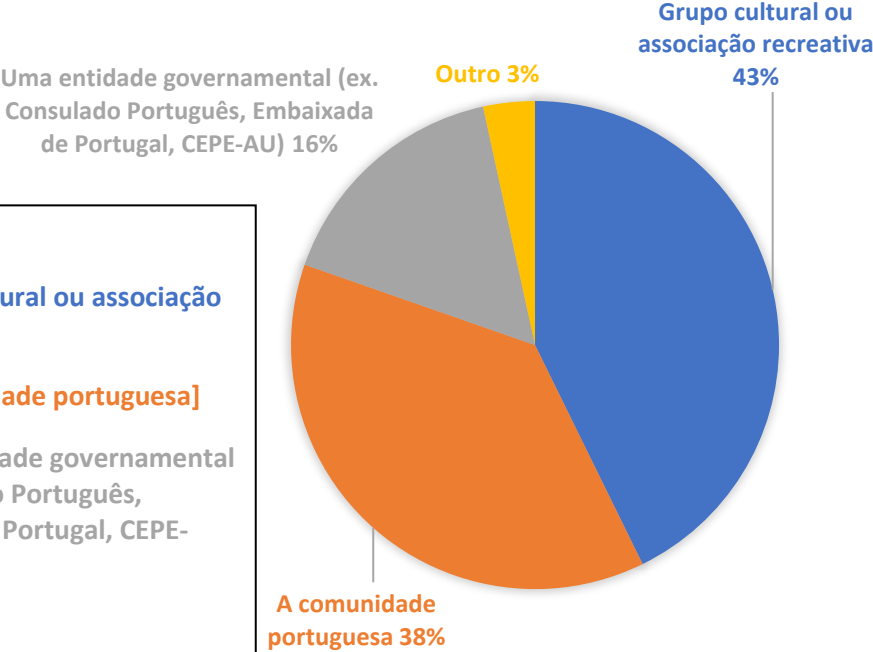
Respostas	Nº respostas (total: 92)
Não tenho conhecimento	8
1	22
2	36
2-3	1
3	8
3 ou +	2
4-5	3
5	1
5-6	1
6	2
7	1
8	1
10	3
Vários	3

12. Costuma participar em atividades de celebração da cultura e língua portuguesas?



13. Se sim, organizados por quem?

SE SIM, ORGANIZADOS POR QUEM?



68 respostas

50 [Grupo cultural ou associação recreativa]

44 [A comunidade portuguesa]

19 [Uma entidade governamental (ex. Consulado Português, Embaixada de Portugal, CEPE-AU)]

4 [Outro]

13 inquiridos responderam 3 opções [grupo cultural, comunidade e entidade governamental]

12 inquiridos responderam 2 opções [grupo cultural e comunidade]

2 inquiridos responderam 2 opções [grupo cultural e entidade governamental]

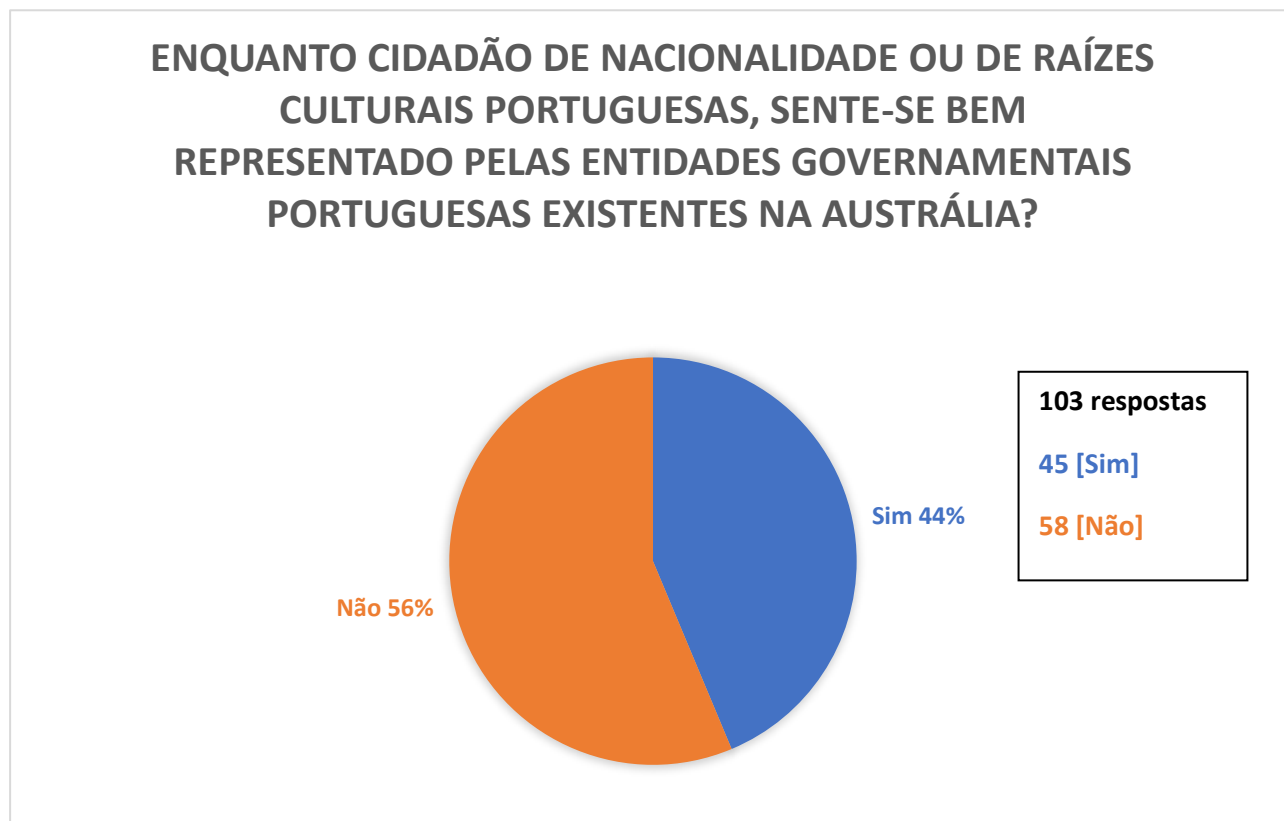
1 inquiridos respondeu [Entidade e outro]

1 inquirido respondeu [comunidade e outro]

1 inquirido respondeu 4 opções [grupo cultural, comunidade, entidade governamental e outro]

Outras respostas	Nº de inquiridos que deu essa resposta
Clubes portugueses	1
Comentário negativo expressando descontentamento para com o Consulado-Geral de Portugal em Sidney	1
Opera House	1
Representações da comunidade portuguesas e outras entidades ligadas à comunidade	1

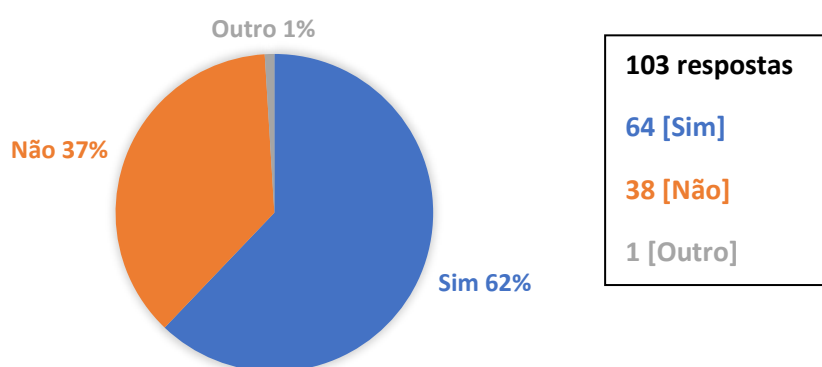
14. Enquanto cidadão de nacionalidade ou de raízes culturais portuguesas, sente-se bem representado pelas entidades governamentais Portuguesas existentes na Austrália?





15. Pela pesquisa que tenho feito, parece-me que as várias comunidades portuguesas existentes na Austrália são muito ativas na celebração da cultura e língua portuguesas. Concorda?

**PELA PESQUISA QUE TENHO FEITO, PARECE-ME QUE AS VÁRIAS COMUNIDADES PORTUGUESAS EXISTENTES NA AUSTRÁLIA SÃO MUITO ATIVAS NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESAS. CONCORDA?**



Outras respostas	Nº de inquiridos que deu essa resposta
<i>Poderia ser ainda mais frequente e com maior divulgação junto da população australiana</i>	1

16. Na sua opinião, os eventos comunitários complementam o trabalho do Estado Português ou compensam as suas falhas?

Esta questão é de resposta aberta. Algumas das respostas não podem ser consideradas porque não respondem à questão, ainda assim estão aqui transcritas. Olhando para algumas respostas, fiquei também com a sensação de que alguns inquiridos não compreenderam bem a pergunta. Alguns dos inquiridos expressaram descontentamento para com o Estado Português e Entidades Governamentais portuguesas (ex. Consulado Português), afirmando que a atividade do Estado é escassa e chegando mesmo a afirmar que o Governo Australiano os apoia mais neste sentido.

Respostas	Nº de inquiridos que deu esta resposta
Compensam	29
Complementam	11
Ambos	3
Não posso comentar porque não participo	5
Não sei	5
<i>Não há eventos suficientes nem da comunidade portuguesa nem do Estado Português para se complementarem</i>	1
Não comento	1
<i>Ajudam, mas não compensam as falhas</i>	1
Não compreendo a questão	4
Não ajudam	1
<i>Ambos parecem dissociados. Os eventos da comunidade falham em chegar aos portugueses mais novos e à sociedade australiana.</i>	1
<i>Um pouco dos dois. O trabalho do Estado terá maior eficácia quando apoiado pelas comunidades.</i>	1
<i>100% de acordo. No caso, sem dúvida representam a falha do Estado Português.</i>	1
<i>Complementam o trabalho do Estado português, embora não sejam suficientes.</i>	1

<i>A comunidade portuguesa não tem peso. Ninguém se junta, ninguém se ajuda.</i>	1
<i>Compensam as falhas, visto que desconheço atividades feitas pelo Estado Português</i>	1
<i>Nunca vi anunciado ou participei em eventos deste tipo, por isso não posso responder.</i>	1
<i>Pouca aproximação das entidades consulares perante as suas comunidades.</i>	1
<i>Não vejo muita participação.</i>	1
<i>Os eventos comunitários na minha área são inteiramente feitos com esforço pessoal de membros comunitários e por amor à bandeira.</i>	2
<i>Sim, os eventos comunitários têm uma contribuição importante.</i>	1
<i>Na minha opinião, os eventos comunitários estão muito aquém das futuras gerações ou lusos descendentes. Pouco ou nada se tem feito.</i>	1
<i>Não, e o Estado tem o dever e obrigação de fazer mais.</i>	1
<i>O Estado Português não faz nada pela cultura na Austrália.</i>	1
<i>O Estado Português devia fazer mais.</i>	1
<i>Não, os próprios portugueses só criticam e não ajudam os mais novos.</i>	1
<i>Complementam e por vezes compensam.</i>	1
<i>Penso que complementam, mas ambas poderiam ser mais fortes.</i>	1
<i>Mais ou menos!</i>	1
<i>Não, acho que se podia fazer melhor.</i>	1
Sim	9
Não	12
A	1

17. Relativo à promoção da língua e cultura portuguesas na Austrália, acha que os métodos e meios podem ser melhorados? Peço que dê algumas sugestões, por favor.

Questão de resposta aberta. Por ser uma questão de resposta aberta, transcrevi aqui as respostas dadas, no entanto, por conter linguagem inapropriada ou erros ortográficos e /ou gramaticais, algumas das respostas aqui transcritas foram adaptadas.

<b>Respostas (103)</b>
<i>Comunicar através de outra língua. Os eventos desportivos e musicais deviam ser mais ativos.</i>
<i>É sempre possível melhorar. Não chega nada a Newcastle e esta cidade fica apenas a 200 km de Sydney.</i>
<i>I do, it needs to start with better access to the entities. We have a consulate that is only opened a limited time each day, making it difficult for the Portuguese people to access the services available without needing to take a day off work. I also believe that there needs to be better advertising/marketing of the services/events/educational opportunities that are provided by the state in order to reach a larger population of the Portuguese community living in Australia.</i>
<i>Aumentar o horário de funcionamento do consulado.</i>
<i>Sim.</i>
<i>Yes. It should be less about an exclusive Portuguese community where you either fit in or don't and more about celebrating cultural aspects of Portugal and including the wider community who are not necessarily Portuguese. My parents are Portuguese, and I always felt the Portuguese club was more about holding onto the past rather than a cultural celebration tying being Australian with Portuguese-ness.</i>
<i>Sim.</i>
<i>Sim.</i>
<i>Yes, there is always space for improvement!!! I think having a centre of information about activities... a newsletter type of thing... somewhere where all the community meet, and we can have a bigger picture of it. Especially for the new arrivals... or for the more distracted like me!!</i>
<i>Despite the distance, I believe that the Portuguese Government can invest more heavily in the communities so that they remain vibrant.</i>
<i>Yes. Greater integration within local cultural associations and institutions. Greater use of Portuguese owned businesses to promote different aspects of Portuguese culture. Align food music, other art forms and language eg. "Roteiro Português de Sydney".</i>
<i>The community needs to come together more as one and be supportive rather than critical or events organised. They also need to put in an effort and attend Portuguese cultural events so that future generations can also continue with the traditions.</i>
<i>Email and social media to promote awareness.</i>

NA
<i>Yes. Need to understand how to attract the younger generation. Also having 2 separate clubs in Sydney means that people are divided and need club then functions well. If they combined then all portuguese would celebrate together.</i>
<i>Organise a Portuguese festival, the same that there are for the French culture, Chinese, Italian...</i>
<i>Social network for events.</i>
<i>I would love to expose my kids to more portuguese culture but living in regional QLD prohibits this. It would be fantastic if somehow there was a library at the consulate with books, videos etc that we could borrow at no or very little cost including postage. Maybe a member based online community directly from Portugal?</i>
A
<i>They can. Youth needs to be encouraged to take part.</i>
<i>Offer a wide scope throughout Australia. I am surprised that there isn't anything Portuguese on the Gold Coast.</i>
<i>Sim. Penso que deveria haver programas mais específicos, apoiados pelo Governo Português, na promoção da cultura e Língua junto de uma população de origem Portuguesa mais jovem, de 2a geração. Por outro lado, aumentar ainda mais as iniciativas de consulados e a embaixada para promover arte, música, literatura, gastronomia Portuguesa junto da população Australiana que tem pouco contacto e conhecimento da nossa cultura.</i>
<i>Mais atividades</i>
<i>Podem. Mais actividades para crianças, mais desporto.</i>
<i>Não sei</i>
<i>Mais divulgação, mais professores, mais apoios à criação de bibliotecas, etc.</i>
<i>Maior promoção.</i>
<i>Mais cooperação entre o governo Australiano e Português.</i>
<i>Pois é difícil. Podia haver um café português, mas eles não iam lá.</i>
<i>Visibilidade na SBS, eventos na comunidade em geral, no local de trabalho.</i>
<i>Sim, devem ser melhorados.</i>
<i>Mais iniciativas por parte consulado.</i>
<i>Sim. Seria desejável que as empresas e os empresários portugueses com presença ou interesse no mercado australiano disponibilizassem patrocínios para eventos.</i>
<i>São muito bons.</i>
<i>Sim, mais escolas e matérias mais acessíveis. Neste momento penso que é demasiado caro e não há sítios que cheguem a ensinar a língua portuguesa especialmente em WA (Western Australia).</i>
<i>Sim! Livros (interessantes e atuais) ao dispor (tipo biblioteca itinerante), desconto para anuidades em sites de notícias portuguesas (ex. Público ou Expresso), disponibilizarem livros infantis em português (neste caso que sejam responsáveis pela importação destes livros) e que não limitem as atividades culturais a encontros onde haja uma sardinha e Sagres na mão. Muitos Portugueses na Austrália não participavam em eventos do género em Portugal e não é porque estão no estrangeiro que o vão começar a fazer. Há que incluir os que não se identificam com este tipo de eventos.</i>

<i>Sim. Não sendo as aulas dadas por Brasileiros, e sendo mais publicitadas.</i>
.
<i>Não</i>
<i>Publicidade</i>
<i>Com o novo cônsul, Dr. Paulo, estão a melhorar os métodos e meios de promoção da cultura portuguesa.</i>
<i>Sim</i>
<i>Programas culturais e sérios pela RTP Internacional, e não lixo</i>
<i>Não</i>
<i>Lógico que sim, basta fazerem.</i>
<i>Sim, junto das escolas australianas dar a conhecer a existência de vários alunos de ascendência Portuguesa nessas escolas. Sensibilizar pais e escolas para o valor da aprendizagem de uma segunda língua. Propor atividades para dar a conhecer a língua e a cultura. Desenvolver encontros/tertúlias temáticas usando as redes e órgãos de comunicação social. Juntos das Universidades a existência de vários alunos de ascendência Portuguesa e da dimensão de falantes da nossa língua.</i>
<i>Subsidiando a vinda de artistas portugueses; mais apoio aos consulados honorários quer financeiro quer cultural;</i>
<i>Na minha opinião deveriam ser organizados mais eventos para todas as idades. Ter um evento que mostra a história e cultura de Portugal de agora e do passado. Isto seria bom para mostrar e transmitir aos jovens portugueses na Austrália a nossa história e o que nós conseguimos e o que nós temos agora. Isto seria bom fazer em Petersham que é o bairro português na Austrália. Podia-se promover junto de todas as comunidades na Austrália a participar e vir ver. Trazer grupos de música portuguesas para os jovens.</i>
<i>Primeiro acho que devemos educar os pais para a importância de aprender uma outra língua, transmitindo-lhes as nossas raízes e valores sem envergonharmo-nos disso ...</i>
<i>Há sempre espaço para se melhorar. Por exemplo, tentar que a língua portuguesa tenha lugar no currículo escolar australiano. Por exemplo, o alemão, o italiano, o japonês, estão inseridos em algumas escolas australianas a partir do ensino primário, entre outras. Poder também existir a língua portuguesa nas universidades, especialmente para quem terminou o VCE (12º ano) e deseja continuar a obter mais conhecimento do nosso idioma.</i>
<i>Mais envolvimento das entidades oficiais junto da comunidade</i>
<i>Mais televisão portuguesa e eventos.</i>
<i>Sim, mais divulgação da nossa música, filmes e literatura.</i>
<i>Sim, mais eventos de promoção e educação infantil</i>
<i>Nc</i>
<i>Mais apoios públicos e privados</i>
<i>Maior cooperação entre as várias entidades acreditadas na Austrália e maior apoio financeiro por parte do Estado Português.</i>
<i>Aumento do apoio financeiro do estado português e cooperação entre as várias entidades na Austrália</i>
<i>Mais meios financeiros (públicos, nomeadamente Instituto Camões e privados); maior coordenação entre as entidades</i>

<i>Sim, penso que deveria haver maior apoio económico por parte do Estado Português.</i>
<i>Mais escolas portuguesas, maior inclusão das crianças nos eventos culturais, festivais de literatura portuguesa, concursos de escrita criativa, encontros infantis focados nos costumes, tradições, música, dança, poesia portuguesa. Sinto que as crianças portuguesas não têm a atenção e estímulo cultural devidos. Tenho dois filhos e acho vital que se orgulhem das suas raízes, aprendam a sua língua e conheçam o seu lugar no mundo. A Austrália é a sua casa, mas a sua essência não. Cada família emigrante tem a sua própria experiência, mas para mim que cheguei há três anos aqui, é absolutamente fundamental que os meus filhos cresçam bilingues e embaixadores do seu país de origem. É um motivo de orgulho para eles e uma forma da comunidade portuguesa do futuro continuar "acesa" e vibrante. Competência Cultural deve ser um exercício bilateral. E pretendo que os meus filhos não se sintam estranhos aqui nem no seu país. Desejo que saibam quem são e que têm uma "terra" sua, a qual faz parte do seu ADN. Aqui sinto falta de eventos focados exclusiva, ou especialmente nas crianças.</i>
<i>Sim</i>
<i>Para começar, o site do Consulado de Portugal deveria ter o cuidado de escrever sem erros. A promoção da língua e cultura portuguesas deveria ser feita gratuitamente ao nível da rádio portuguesa.</i>
<i>Sim. Mais escolas de aprendizagem da língua Portuguesa e promover o nosso país como uma nação e não simplesmente como pertencente a Espanha.</i>
<i>Precisamos de restaurantes e padarias portuguesas bem suportados por fundos governamentais para espalhar a nossa cultura degustativa sem depender de individuais sem fundos. Apoios para negócios que divulgam produtos de cortiça e etc. também.</i>
<i>Mais apoio do Governo Português</i>
<i>Sim -</i>
<i>Sim. Não existe tanto apoio como devia - ensino, cultura, apoio, tudo...</i>
<i>Sim, a nossa Língua e cultura não são muito conhecidas. Talvez haver mais presença em eventos que não são da comunidade portuguesa</i>
<i>Pôr anúncios no jornal local (courier newspaper). Deixar informações nas escolas australianas.</i>
<i>Sim</i>
<i>Sim. Com participação mais ativa em eventos multiculturais. Há sempre representação de vários países do mundo e raramente de Portugal.</i>
<i>Maior ligação entre a comunidade e as instituições governamentais</i>
<i>Professores certificados formados em Portugal e suportados pelo governo de Portugal</i>
<i>Mais atividade cultural, coorganização com outros países de língua portuguesa</i>
<i>Certamente. É muito triste ver que uma pequena minoria da população australiana não sabe sequer onde fica Portugal. Quando me identifico como português, perguntam onde é ou assumem que é no Brasil. Isto no mundo académico, imagino como será noutros círculos. Isto porque não há promoção da nossa cultura, língua e país. Não existem produtos portugueses, nem vinho (!), nos grandes supermercados, mas quem conhece ou esteve em Portugal sabe perfeitamente que temos produtos de alta qualidade.</i>

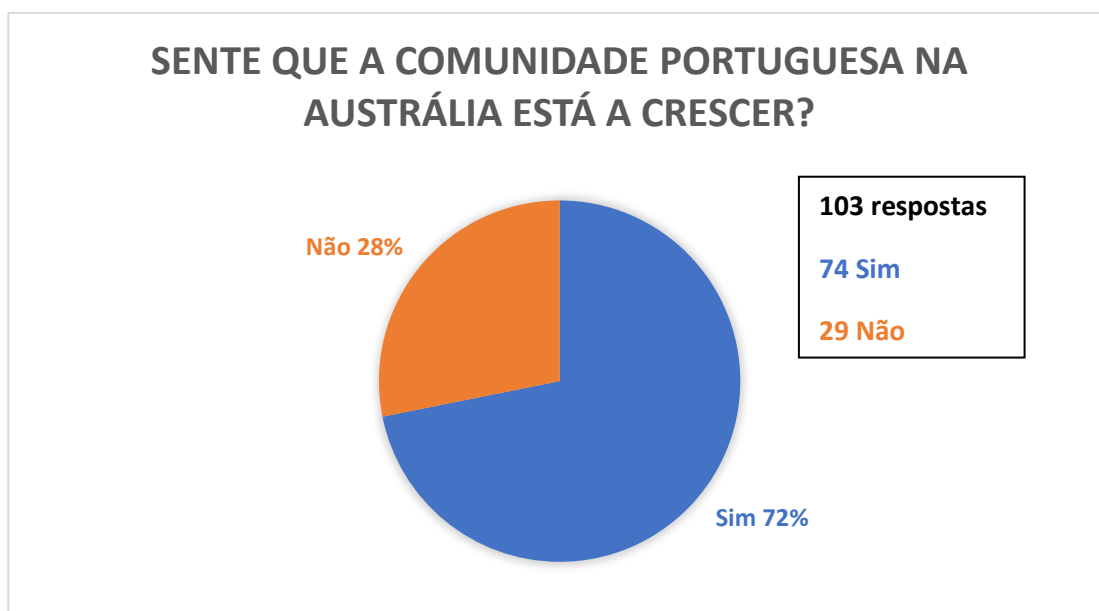


<i>Mais e melhores atividades</i>
<i>Os australianos são, generalizando, um povo muito racista. As restantes culturas tendem a preservar as suas identidades em núcleos mais familiares. A comunidade portuguesa não tem o mesmo poder que as restantes maiorias. Além disso, a grande maioria das famílias não promove sequer a aprendizagem da língua dentro das próprias casas e as gerações mais novas apesar de entenderem o básico da língua portuguesa, não sabem falá-la.</i>
<i>Penso que para começar os serviços legais (consulado) deveriam ser reforçados para pelo menos manter os mínimos serviços em funcionamento. À parte isso penso que a relação do consulado com as comunidades e suas atividades deveria ser mais interligada. Não me parece que o governo deva investir nas atividades necessariamente, mas facilitar a conexão dos portugueses recém-chegados com comunidades ativas deveria ser uma prioridade.</i>
<i>Certamente que sim</i>
-
<i>Mais escolas portuguesas, literatura portuguesa.</i>
<i>Mais escolas Portuguesas, mais programas para deixar a juventude estudar em Portugal</i>
<i>Sim, podem ser melhorados. A cultura e língua portuguesas deveriam ser mais divulgadas, através de eventos culturais, como concertos de música, festas tradicionais, entre outros.</i>
<i>Sim</i>
<i>Sem dúvida! Por exemplo, criação de festivais gastronómicos e/ou musicais.</i>
<i>Penso que sim. Investir num restaurante português por exemplo</i>
<i>Sim, lógico. Fora de Sydney nada é feito pelo Consulado Português para promover a nossa língua ou até mesmo apoiar a comunidade portuguesa local. Não existe incentivo mínimo para os mais jovens quererem aprender português ou se ligarem à cultura portuguesa. Os brasileiros conseguem divulgar muito mais a nossa língua que nós próprios.</i>
<i>Sim - mais assistência do Estado Português.</i>
<i>Mais aulas de português.</i>
<i>Sim</i>
<i>Talvez, começando por eventos partilhados com a comunidade australiana.</i>
<i>Acho que devemos incentivar mais os portugueses residentes aqui, insistir na importância de ensinar a língua portuguesa aos filhos e netos assim como as nossas raízes culturais.</i>
<i>Estão bem implementadas na cultura inglesa inclusive a existência da comunidade portuguesa com a sua participação ativa entre escola inglesa e portuguesa, existindo uma grande cumplicidade/partilha entre as duas culturas.</i>
<i>Sim podem, e o Governo devia ajudar.</i>
<i>No</i>
<i>Se houvesse mais finança, fazia mais coisas da cultura portuguesa.</i>
<i>Sim! Tem de haver uma maior presença na Internet do que atualmente é feito, não só de divulgação como também de criar laços entre a comunidade. Também acho que deve haver uma instituição mais ativa que influencie</i>



<i>agressivamente os governos e instituições governamentais australianas. Aqui em Brisbane quase nenhuns australianos sabem o mínimo sobre Portugal.</i>
<i>Pode ser aulas de português nas escolas e também nos liceus.</i>
<i>Sim, podem ser melhorados. Promoção das atividades culturais &amp; eventos nas redes sociais.</i>
<i>Os portugueses deviam-se ajudar uns aos outros ao invés de se afastarem uns dos outros.</i>
<i>Maior uso de tecnologias.</i>

18. Sente que a comunidade portuguesa na Austrália está a crescer?



19. Em que áreas da cultura Portuguesa gostaria de ver mais iniciativas de promoção realizadas na Austrália?

<b>Respostas (96 total)</b>	<b>Nº de inquiridos que deu esta resposta</b>
<i>Gastronomia/Comida portuguesa</i>	7
<i>Degustação, produtos de origem portuguesa</i>	2
<i>Todas/Geral</i>	6
<i>Cinema</i>	1
<i>Desporto</i>	2
<i>Festas populares, dia de Portugal, cinema português</i>	1
<i>Literatura e música</i>	1
<i>Turismo e gastronomia</i>	1
<i>Muitas... mas aqui não dá.</i>	1

<i>Música e culinária</i>	1
<i>Área da música e no estudo da língua.</i>	1
<i>Promoção de encontros e apoios sociais para investimentos</i>	1
<i>Fado</i>	1
<i>Gastronomia, cultura</i>	1
<i>Língua, história e Cultura</i>	1
<i>Ver resposta acima</i>	1
<i>Festivais e comemorações</i>	1
<i>Danças e músicas</i>	1
<i>Língua portuguesa, cultura e tradições.</i>	1
<i>Tudo o que possa promover a língua portuguesa, história e arte</i>	1
<i>Música, literatura, dança, teatro, pintura, desporto</i>	1
<i>História das nossas conquistas</i>	1
<i>Gastronomia, música, bordado .....</i>	1
<i>1.Seria interessante a existência de uma biblioteca. Áreas para todos os estados etários.</i>	1
<i>2.Um jornal em língua portuguesa.</i>	
<i>A língua portuguesa</i>	1
<i>Música, filmes, livros, revistas, jornais</i>	1
<i>Eventos</i>	1
<i>Nc</i>	1
<i>Eventos direcionados para os jovens</i>	1
<i>Fado, gastronomia, cultura</i>	1
<i>Cultura, gastronomia, música</i>	1
<i>Artesanato, fado, teatro</i>	1
<i>Maior investimento nas escolas de língua e cultura portuguesa</i>	1
<i>Arte, ciência, turismo e língua</i>	1
<i>Turismo</i>	1
<i>Músicos de boa qualidade e cinema portugueses.</i>	1
<i>Desporto, música e dança</i>	1
<i>Mais participação do Governo Português</i>	1
<i>Língua</i>	1
<i>Juventude, ensino</i>	1
<i>Não sei</i>	1
<i>Filme, televisão, rádio e prima média.</i>	1
<i>Cultura, língua e história</i>	1

<i>Artes, literatura e cultura popular de qualidade</i>	1
<i>Exposições e biblioteca</i>	1
<i>Escola "oficial" de língua portuguesa (associada ao instituto Camões), organizar eventos culturais, cinema, teatro, música... A difusão de Portugal está muito centrada no turismo.</i>	1
<i>Comida. História.</i>	1
<i>Artes em geral (música, artes plásticas) e sem dúvida a culinária. Melbourne vive para comida e pelo que sei só há um restaurante e um foodtruck português na cidade.</i>	1
<i>Não existem iniciativas de promoção da cultura portuguesa, se existem não são significativas. O mesmo se comprova através do grupo no Facebook, onde a partilha de informação, interação e comunidade é inexistente.</i>	1
<i>Na área da divulgação das poucas iniciativas desenvolvidas por comunidades locais.</i>	1
<i>De uma forma geral sobre todas as áreas desde políticas a história, cultura, etc.</i>	1
<i>1</i>	1
<i>Música e comida Portuguesa</i>	2
<i>Música</i>	2
<i>Gastronomia e música</i>	1
<i>Cultura portuguesa em geral. Língua, história, música, gastronomia etc.</i>	1
<i>Em danças</i>	1
<i>Cozinha, importação de produtos</i>	1
<i>Gastronomia, folclore, bordado e eventos tradicionais mais atualizados</i>	1
<i>Ensino está presente, talvez na música ou desporto.</i>	1
<i>Nos clubes e nas associações</i>	1
<i>Mais escolas de Português</i>	1
<i>Grupo de convívio da terceira idade</i>	1
<i>Música contemporânea. O clássico e jazz representativos da cultura portuguesa. Não há variedade de plataformas de suporte à comunidade portuguesa.</i>	1

<i>Escolas de língua portuguesa, mais eventos para a juventude, ex. encontros, discotecas</i>	1
<i>Cursos de língua online, voltar com notícias da RTP na TV e não só para canais de cabo (free to air)</i>	1
<i>Entreaajuda, colaboração, desenvolvimento da comunidade Portuguesa</i>	1
<i>Gold Coast</i>	1
<i>Youth</i>	1
<i>Portuguese school via interactive online for those of us who do not live in the major cities.</i>	1
<i>Literacy, reading in Portuguese, theatre, cultural festivals including food, dancing, singing, story time.... Get all the Portuguese businesses involved for a brainstorm. there is not much happening in Perth.</i>	1
<i>More restaurants and patisseries</i>	1
<i>Continuous work with promotion of Portuguese food, but some sort of accreditation system needed to ensure the quality of the restaurants and food presented as Portuguese food. More emphasis on language promotion, more places where the language is taught, particularly to adults.</i>	1
<i>I believe more should be done to attract young Portuguese descendants to take more interest and be more actively involved in their communities.</i>	1
<i>Arts and culture</i>	1
<i>Music, food and business</i>	1
<i>I've spoken to my parents about this and told them the club will fail to grow unless it starts looking at new initiatives such as cultural celebrations open to ALL not just those whose identity is Portuguese. Focus on cultural festivals that celebrate Portugal's food and music where everyone from all corners of the world can enjoy &amp; experience Portuguese culture.</i>	1
<i>Food and tourism</i>	1

<i>Food - Australians love our charcoal chicken and Portuguese tarts, maybe it's time we show off what else is great about our cuisine. Our history and creative culture-literature, art and music.</i>	1
<i>In all areas. A main one is the preservation of Portuguese. Dropping the broadcasts by SBS is not a step forward.</i>	1
<i>Sports and music</i>	1

**[WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)**